

MARIA ANTONIA DE OLIVEIRA

**CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA
NA VIDA DE NISE DA SILVEIRA**

PUC – CAMPINAS

2012

MARIA ANTONIA DE OLIVEIRA

**CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA
NA VIDA DE NISE DA SILVEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tatiana de Cássia Nakano

PUC – CAMPINAS

2012

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas – Processos Técnicos

t153.35
O48c Oliveira, Maria Antonia de.
 Criatividade e resiliência na vida de Nise da Silveira / Maria Antonia
 de Oliveira. - Campinas: PUC – Campinas, 2012.
 194p.

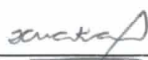
 Orientadora: Tatiana de Cássia Nakano.
 Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de
Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
 Inclui bibliografia.

 1. Criatividade. 2. Resiliência (Traço de personalidade). 3. Personalidade. 4. Silveira, Nise da, 1902-1999. I. Nakano, Tatiana de Cássia. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

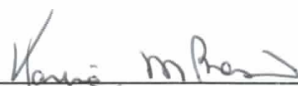
22. ed. CDD – t153.35

CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA
NA VIDA DE NISE DA SILVEIRA

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Tatiana de Cássia Nakano
Presidente e Orientadora



Profa. Dra. Karina Magalhães Brasio
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Profa. Dra. Zula Garcia Giglio
Unicamp

Campinas, 23 de fevereiro de 2012.

RESUMO

OLIVEIRA, Maria Antonia. *Criatividade e Resiliência na vida de Nise da Silveira*. 2012. p.194. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2012.

Criatividade é um tema que tem se mostrado, historicamente, complexo e amplo. No presente trabalho, esse construto será estudado na sua relação com a resiliência, dada a importância de ambos para o enfrentamento dos desafios que se impõem no mundo atual. Tal relação foi investigada na história de vida de uma brasileira eminentemente criativa, Nise da Silveira, a qual enfrentou situações adversas. Para isso uma análise de diversas fontes documentais foi realizada, buscando-se identificar a presença de características criativas e resilientes descritas na literatura científica, a partir de um roteiro de análise desenvolvido pela pesquisadora. Na investigação da criatividade, o roteiro foi inspirado principalmente no modelo proposto por Gardner (1996), enfocando sua expressão nos níveis individual domínio e campo. Quanto aos aspectos resilientes, foram investigadas características baseadas em estudos de Munist *et al* (1998) e também de Ojeda (1997). O que se pode observar foi a existência de vários aspectos típicos da pessoa criativa coincidindo com o perfil típico do sujeito resiliente, na história de vida da personagem estudada, de forma a se poder afirmar a existência de vários indicadores de um bom desenvolvimento desses dois aspectos. Dada a escassez de estudos envolvendo essa questão, sugere-se que pesquisas empíricas sejam feitas utilizando essas duas temáticas, com o objetivo de que seus resultados possam trazer novos entendimentos sobre o fortalecimento e ampliação de estratégias de enfrentamento das condições, nem sempre favoráveis, a que estamos sujeitos, assim como a utilização de recursos criativos como forma de superação das adversidades.

Palavras-chave: criatividade, resiliência, Nise da Silveira.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Maria Antonia. *Creativity and Resilience in Nise da Silveira's life* .2012. p.194. Dissertation (Masters in Psychology as Profession and Science) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2012.

Creativity is a topic that has been shown historically complex and broad. In this study, this construct will be studied in relation to resilience, given the importance of both to face the challenges imposed on (today's world). This relationship was investigated in the history life of a highly creative Brazilian, who faced adverse situations: Nise da Silveira. For this analysis a number of documentary sources was performed, aiming to identify the presence of creative and resilient characteristics described in the scientific literature, from a script analysis developed by the researcher. In the investigation of creativity and the screenplay was inspired primarily by the model proposed by Gardner (1996), focusing on its expression at the individual field and domain. The aspects investigated resilient characteristics based on studies of Munist et al (1998) and also Ojeda (1997). The existence of various aspects of the typical creative person could be observed. Coinciding with the characteristic profile of the subject resilient in the history life of the character studied in order to be able to affirm the existence of several indicators of a good development of these two aspects. Given the paucity of studies involving this issue, it is suggested that empirical research be done using these two themes, in order that their results can provide new understandings on the strengthening and expansion of coping strategies of the conditions not always favorable, we are subject, as well as the creative use of resources as a way of overcoming adversity.

Keywords: creativity, resilience, Nise da Silveira.

SUMÁRIO

RESUMO.....	I
ABSTRACT.....	II
AGRADECIMENTOS.....	IV
INTRODUÇÃO.....	01
OBJETIVOS.....	06
CRIATIVIDADE	
Importância do estudo e histórico do interesse pela temática.....	07
Definições e modelos.....	09
Características da pessoa criativa, do produto e do processo.....	15
RESILIÊNCIA	
Importância do estudo e histórico do interesse pela temática.....	28
Conceitos e definições de resiliência.....	34
Modelos Teóricos (o das pessoas resilientes).....	39
RELAÇÕES ENTRE CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA	43
NISE DA SILVEIRA, DADOS BIOGRÁFICOS.....	60
MÉTODO	
Material.....	68
Instrumento.....	69
Procedimento.....	74
CATEGORIZAÇÃO DOS REGISTROS E DISCUSSÃO	
Criatividade na vida de Nise da Silveira.....	75
Resiliência na vida de Nise da Silveira.....	146
Criatividade e Resiliência na vida de Nise da Silveira.....	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS.....	181

AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Por mais uma vez contribuir em minha formação acadêmica.

Ao CNPQ

Por me oferecer um gosto de país desenvolvido, proporcionando condições para que me dedicasse exclusivamente aos estudos.

À minha orientadora Dr.^a Tatiana de Cássia Nakano

Por ensinar-me a arte da pesquisa científica, com sabedoria, dedicação e elegância.

Aos professores do departamento de pós-graduação

Por ampliarem meus horizontes, especialmente Dr.^a Raquel Guzzo, Dr.^a Vera Lúcia Trevisan, Dr.^a Elisa Yoshida e Dr.^a Marilda Lipp.

À Dr.^a Solange Muglia Wechsler

Pelo empréstimo dos livros “raros”, necessários a este trabalho.

Às colegas Maria Helena, Isa e Lorena

Pelos socorros nos momentos de dificuldade e, em especial, à Lorena por ter sugerido o tema Resiliência.

À Maria Amélia, Eliane e Elaine

Pelo atendimento paciente e gentil na secretaria de pós-graduação.

Aos biógrafos de Nise da Silveira

Particularmente a Bernardo Carneiro Horta e Martha Pires Ferreira, pois esta dissertação só foi possível a partir do trabalho realizado por eles.

Ao Núcleo Piracema de Estudos Junguianos

Por tantas discussões, aprendizagens e pela produtiva visita ao Museu de Imagens do Inconsciente.

Aos Coordenadores e direção do Museu de Imagens do Inconsciente, Gladys Schincariol, Luiz Carlos Mello e Eurípedes Junior, por fortalecerem minha admiração e respeito pela Dra. Nise da Silveira.

À Heloisa

Pelo seu olhar de lince na correção.

Aos meus pais, Antonia e Santo

Por incentivarem nos filhos a curiosidade, o gosto pelo conhecimento e a necessidade de lutar.

Ao Rogerio

Pelo carinho e apoio incondicional.

Ao Grande Mestre

Reverência, gratidão e desejo que ilumine a minha consciência, ampliando os horizontes da paz e do amor.

Novo Amanhecer

Eu jogo estrelas em cada noite escura
E na garganta ponho sempre uma canção
Nas auroras do meu peito há só ternura
A cada riso de um amigo eu dou a mão
Entre as pedras do caminho eu planto flores
E faço luz se faz escurecer
Sonho bonança, vivo esperança
O sol se abrindo para um novo amanhecer

O amor há de brotar, há de vingar e florescer
A paz há de reinar, há de espalhar o bem-querer
O mundo mudará, nós temos que convir
É só viver pro amanhã que há de vir

"Em nome do pai de todos os povos, Maíra de tudo, excelso Tupã.

Em nome do filho que a todos os homens nos faz ser irmãos
No sangue mesclado com todos os sangues
Em nome da aliança da libertação
Em nome da luz de toda a cultura
Em nome do amor que está em todo o amor
Em nome da terra sem males, perdida no lucro, ganhada na dor
Em nome da morte vencida, em nome da vida, cantamos Senhor!"

O amor há de brotar, há de vingar e florescer
A paz há de reinar, há de espalhar o bem-querer
O mundo mudará, nós temos que convir
É só viver pro amanhã que há de vir.

Letra de [Rolando Boldrin](#) e Dom Pedro Casaldáliga

Esse trabalho é dedicado às pessoas que, a cada dia, com criatividade e resiliência,
tecem um novo amanhecer.

Em particular
dedico a Rogerio, Gabriel, Julia e Raquel
por
iluminarem
meu caminho.

INTRODUÇÃO

Algum dia certamente haverá uma ciência – que poderia ser chamada de ciência do homem – que procurará aprender sobre os homens em geral através do estudo dos homens criativos.

Picasso
(citado por Gardner 1996, p.142).

Ao longo da vida, estima-se que 51,2% das mulheres e 60,7% dos homens vivenciem, no mínimo, um evento potencialmente traumático (Peres, Mercante & Nasello, 2005). Entretanto, atualmente sabe-se que os eventos traumáticos não são, em si, determinantes isolados ou exclusivos de um desenvolvimento comprometido, devido principalmente às diferenças qualitativas significativas de como as pessoas processam experiências de vida. Perguntas importantes vêm sendo levantadas pelos pesquisadores: o que faz alguns dos indivíduos submetidos às mesmas condições adversas conseguirem seguir um desenvolvimento saudável e outros não? Quais são os fatores ou características preditoras do desenvolvimento de resultados positivos?

É ponto pacífico que, se por um lado vivemos uma situação sem precedentes na história, em relação ao acesso a informações, novas descobertas e tecnologia, por outro, também vivemos um período de incontáveis problemas humanos, sociais, econômicos, políticos e ecológicos. Pode-se dizer que estamos em plena crise. Simples ou complexas, as ações de cada pessoa fortalecem o risco ou a oportunidade de superação dessas situações desafiadoras. Nesse sentido, faz-se presente a necessidade de investimentos voltados à investigação e desenvolvimento de recursos, tais como a criatividade e a resiliência, para fortalecimento e/ou enfrentamento de crises individuais ou grupais.

Analisar a vida de pessoas que apresentam essas duas características pode ser um passo na compreensão de como esses recursos atuam de forma a favorecer o

desenvolvimento humano. Esse é o objetivo do presente trabalho, o qual se centra no enfoque da Psicologia Positiva, baseando-se, fundamentalmente, na investigação das fortalezas e aspectos positivos presentes nos seres humanos.

Este trabalho, mais do que atentar para as condições de risco para a saúde física e mental das pessoas, se preocupa em estudar as condições que possibilitam um desenvolvimento mais sadio e positivo. Nesse sentido, Fiorentino (2008) afirma que tem se fortalecido a necessidade de privilegiar os aspectos positivos, criativos, saudáveis e resilientes de pessoas, famílias, escolas e comunidades. Trata-se de superar o modelo de enfermidade, a partir de uma perspectiva que promova e valorize as potencialidades, capacidades, talentos e os recursos próprios.

Ainda segundo a autora, a importância desse tipo de investigação ampara-se no fato de resultar na construção de um corpo teórico que garanta aos profissionais de saúde e da educação uma metodologia que constitua um marco na elaboração de projetos e programas voltados à recuperação da saúde, da dignidade e da condição humana de milhões de pessoas imersas em situações de adversidade.

Assim buscar-se-á compreender como criatividade e resiliência se apresentam e se relacionam na biografia de uma pessoa, especificamente por meio da análise da história de vida de uma eminente brasileira, a qual possui tais características.

O presente trabalho justifica-se tanto diante da reconhecida importância creditada à criatividade e à resiliência como características que podem levar o indivíduo a um desenvolvimento saudável e ao enfrentamento de situações adversas, como pela pequena quantidade de pesquisas que relacionam as duas temáticas, principalmente se considerarmos que a literatura atual tem apontado um interesse científico por esse enfoque, embora ainda abordado em um número bastante reduzido de publicações.

A opção pelo estudo da trajetória de Nise da Silveira acontece diante de sua importância e de seu pioneirismo na história da psicologia, além da constatação de que, em sua vida pessoal e profissional, ela valorizou a expressão criativa, apostando nos aspectos saudáveis (resilientes) do ser humano. Em sua carreira observamos um nível bastante elevado de criatividade ao inovar métodos terapêuticos e promover a humanização no tratamento psiquiátrico com a criação dos ateliês de pintura e modelagem, entre outros. Nise também se mostrou resiliente ao enfrentar diversos tipos de pressões, inclusive sua prisão durante quatorze meses.

Em um país como o Brasil, onde mais da metade da população tem acesso precário aos bens básicos de saúde, educação, cultura e lazer, sujeitando-se a inúmeras consequências acarretadas por esse *déficit*, cresce o número de projetos, públicos ou privados, que pretendem amenizar e/ou reverter esta circunstância. Diante desse quadro, acredita-se que o presente estudo possa trazer subsídios a esta situação, auxiliando na compreensão dos elementos envolvidos no processo de superação de condições adversas e fomentando o desenvolvimento pleno do indivíduo, uma vez que o fortalecimento da resiliência e o uso da criatividade poderão gerar benefícios imensos para a população em geral.

No âmbito científico, o trabalho pode colaborar com a construção e a ampliação das definições e relações entre os conceitos enfocados, visto que se trata de uma área relativamente nova e ainda pouco explorada. Diante do pequeno número de estudos disponíveis e das lacunas ainda presentes, também desejamos chamar a atenção da comunidade acadêmica para a importância de novas pesquisas sobre a temática.

Razões pessoais são inúmeras e fortes para lançar a pesquisadora ao estudo do tema. Espaços diversificados, convivência com muitas pessoas, ambiente estimulador para música, leitura, viagens, possibilidade de diálogo e atenção, proporcionaram uma

infância rica em fantasias, faz de conta, imaginação e curiosidade. Tudo isto foi canalizando para um grande interesse por pintura e escrita, infelizmente com poucas orientações e trocas no ensino formal. No início da adolescência, foi submetida a um inventário de interesse que acusou um perfil bem alto na área de Artes, mas sem uma orientação profissional adequada sua formação acadêmica não foi direcionada diretamente para esse setor. Ainda assim, essa motivação sobreviveu, se fortaleceu e tem se manifestado até o momento, na forma de livros de poesia e participações premiadas em exposições de pintura. Não satisfeita e sempre tendo em vista os processos criativos, a pesquisadora caminhou para a Psicologia e para a Pedagogia com o intuito de chamar a atenção de educadores e educandos para a importância desses aspectos, sensibilizando-os quanto às demandas sociais que nosso país apresenta.

Esse processo teve início na infância, pois, tendo estudado sempre em escolas públicas, conviveu com colegas de todos os níveis sócio-econômicos e condições de vida. Mais tarde, aluna da graduação, foi alertada por professores sobre a necessidade de se investir em atuações mais sociais e preventivas na área psicológica.

Profissionalmente, trabalhando no interior do Brasil, passou por experiências marcantes, podendo-se citar, por exemplo, o trabalho como orientadora psicopedagógica em um projeto no pantanal sul-mato-grossense. Esta vivência aumentou seu senso de responsabilidade e seu desejo de colaborar, de alguma forma, com as condições de vida da população menos favorecida. E, ainda, aguçou sua admiração por pessoas que, mesmo diante de tantos limites e desafios, manifestam muita “garra” e capacidade de desenhar trajetórias de vida brilhantes. E essa “garra” pode ser traduzida na capacidade que alguns indivíduos desenvolvem de desenhar, de forma positiva, a própria vida, principalmente graças à presença de processos criativos e resilientes.

Eis aqui, então, definido o foco desta dissertação, que foi organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo buscou-se trabalhar a temática da criatividade, por meio da apresentação da importância e do percurso histórico que acompanhou a investigação desse construto, seguido do fornecimento das definições, modelos teóricos e das características da pessoa criativa, do produto e do processo. No segundo capítulo, trabalhou-se com a temática da resiliência também apresentando importância, desenvolvimento histórico do constructo, definições e modelos teóricos. No terceiro capítulo falamos das relações entre os dois constructos e da busca em importantes bases de dados tendo como palavras chaves criatividade e resiliência. No quarto capítulo apresentou-se dados biográficos de Nise da Silveira, buscando uma visão geral de vida da personagem estudada. O quinto capítulo trata do método, descrevendo o material utilizado, o instrumento e o procedimento. No sexto capítulo fazemos uma categorização dos registros, utilizando primeiramente um roteiro para analisar as características criativas de Nise da Silveira, em seguida outro roteiro para focar os aspectos resilientes e então apontamos autores que relacionam os dois constructos, sempre ilustrando com relatos pertinentes. No sétimo capítulo fazemos nossas conclusões, destacando um importante ponto comum entre as duas temáticas.

OBJETIVOS

Esta dissertação de mestrado constitui-se em uma pesquisa teórica, de levantamento bibliográfico sobre a temática da Criatividade e da Resiliência, ilustrada através da análise biográfica de uma brasileira criativa e resiliente. Tem como objetivo geral compreender o dinamismo dos processos criativos e resilientes na história de vida da figura selecionada e sua interação com o contexto, através da identificação dos aspectos criativos e resilientes na vida dessa mulher que alcançou destaque social em sua área de atuação.

Apresenta ainda como objetivos específicos:

- Identificar quais características criativas apontadas pela literatura encontram-se presentes na história de vida do sujeito, de forma a apontar aquelas que se encontram bem desenvolvidas.
- Verificar quais das características resilientes apontadas pela literatura são identificadas em sua vida, especificamente no que diz respeito aos fatores de risco e de proteção presentes no ambiente.
- Apontar uma hipótese acerca de como a criatividade e a resiliência encontram-se relacionadas e como, em conjunto, atuaram de forma benéfica para seu desenvolvimento pessoal.

CRIATIVIDADE

Importância do estudo e histórico do interesse pela temática

A criatividade tem uma natureza borboleteante, que inclui a liberdade da desorganização – sem isso, não sai nada. Não há criação possível.

Nise da Silveira citado por Horta(2008, p. 183)

Como um caleidoscópio que nos surpreende com uma configuração diferente a cada movimento, também a criatividade pode nos parecer por demais imprecisa para ser abarcada em uma única definição.

Tal situação é apontada por diversos autores, como, por exemplo, Wechsler (2008) o qual afirma que “este é um fenômeno complexo e com múltiplas facetas” (p.19) e Piaget (1972) que, em outras palavras, também salientou o aspecto intangível da criatividade ao dizer que “a origem da criatividade permanece misteriosa mesmo que esteja presente em todos nós” (p.11) ou ainda Boden (1999), segundo a qual, “o caráter aparentemente imprevisível da criatividade parece excluir qualquer explicação sistemática, seja ela científica ou histórica” (p.81). Porém, sabemos que, se o caleidoscópio for desmontado, poderemos conhecer seus elementos, mesmo sabendo que a beleza e o impacto que ele nos causa permanecerão intraduzíveis. De forma semelhante é possível analisar as características do fenômeno criativo.

A criatividade é um fenômeno intimamente ligado à história da humanidade, a ponto de alguns autores afirmam que “se o homem não fosse criativo viveríamos ainda nas cavernas” (De La Torre, 2005, p.25). Também nesta direção, Sakamoto (2004) diz: “a criatividade humana está na base da própria evolução da humanidade. Através de sua atividade criadora, o homem foi constituindo modos de vida e construindo a realidade humana” (p.26).

Entretanto, convém salientar que o estudo sistematizado da criatividade iniciou-se há pouco mais de cem anos, a partir do momento em que Galton começou a questionar “como o homem conseguia criar o novo” (Landau, 2002, p.77).

Embora a introdução da valorização da criatividade em estudos acadêmicos tenha sido atribuída a Guilford, quando, em 1950, em seu famoso discurso ao assumir a presidência da Associação Americana de Psicologia (APA) alertou sobre a então negligência dos psicólogos pelo tema. Na ocasião, ele afirmou ter ficado surpreso com a extensão do descaso com que a área estava sendo tratada ao verificar que, “naquela ocasião, em 121 mil trabalhos indexados no *Psychological Abstracts*, somente 181 se relacionavam com criatividade, ou seja, menos de 0,2% dos estudos realizados durante 23 anos” (Guilford, 1950, p.445). A partir desse momento, um grande aumento no número de produções científicas ligadas à criatividade teve início e se prolongaria até os anos 70, período em que se poderia notar uma média de 250 publicações por ano (Morais, 2001).

Apesar desse crescimento, o que se tem percebido é que “o que é talvez mais notável sobre a pesquisa de criatividade no mundo inteiro é que ela é pouca” (Sternberg, 2006, p.2). Em relação à América Latina, esse mesmo autor alerta que não existe muita pesquisa em criatividade visto que, em sua opinião, fazer ciência não é uma coisa que tenha grande valor cultural por aqui. Observa ainda que aquelas existentes focam a resolução de problemas práticos mais do que buscam entender propriamente a natureza da criatividade, embora possa se notar a presença de representantes, nas figuras de Alencar, Bruno-Faria, Fleith e Wechsler, nomes apontados por ele. Ele conclui sua análise sobre o panorama latino americano na área dizendo que “deve vir o tempo para os pesquisadores da psicologia tomarem conhecimento do valor de suas próprias raízes culturais, e integrá-las nas ciências, assim como vários homens e mulheres latino-

americanos, renomados na arte e humanidades, já o fizeram antes” (p.63). Acreditamos que, ao focar criatividade e resiliência na biografia de Silveira, personagem forte da nossa cultura, estamos caminhando nesse sentido.

A ideia de clarificar a relação entre criatividade e resiliência justifica-se, segundo argumentos de Massimini e Delle Fave citados por Csikszentmihalyi, e Seligman (2000), diante da constatação de que

o desenvolvimento psicológico não é motivado apenas pela pressão da adaptação e sobrevivência, mas também pela necessidade de reproduzir experiências máximas (*optimal experience*). **Sempre que possível, pessoas escolhem comportamentos que as fazem sentir plenamente vivas, competentes e criativas** (p.9) (grifo nosso).

Dessa maneira, ao analisar a vida de quem optou por esses “comportamentos que nos fazem sentir plenamente vivos, competentes e criativos”, nos parece possível trazer elementos que possam contribuir para a compreensão acerca de quais determinantes atuam de forma a permitir que as pessoas tenham condições apropriadas para realizarem melhores escolhas, independente do ambiente social e das condições impostas pelo meio. Assim, nossa revisão se inicia a partir da clarificação acerca da definição de criatividade.

Definições e modelos

Revisões sobre o estado da arte em criatividade apontam para o fato que pesquisadores têm, historicamente, enfrentado duas importantes questões, apontadas por Nakano (2006): “durante muito tempo dois desafios tiveram que ser superados para a consolidação da área: o estabelecimento de uma definição precisa e satisfatória do termo e a criação de uma forma útil e confiável de se realizar a avaliação do constructo”

(p.36), opinião similar à de Lubart (2007) expressa em alguns questionamentos: “pode-se definir a criatividade? existe uma definição clara, única e definitiva desse conceito? pode-se, ao menos, chegar a uma definição consensual da criatividade?” (p.09).

Através dessas colocações pode-se compreender que, não havendo um denominador comum sobre a definição de criatividade, seus estudos ficaram, durante muito tempo, dispersos, sendo que esse impasse só foi superado recentemente. Wechsler (2008) aponta que na Conferência Internacional de Pesquisa em Criatividade realizada em 1990 em Buffalo, NY, pesquisadores chegaram a uma definição consensual sobre qual seria a definição mais adequada do construto, ficando definido que o mesmo “é um fenômeno multifacetado, originado de múltiplas fontes: cognitiva, emocional, social, interpessoal e irracional” (p.52), de forma que esta se tornou a definição mais utilizada e aceita atualmente.

Ainda de acordo com a autora, sete seriam as abordagens para o tema da criatividade: filosóficas, biológicas, psicológicas, psicoeducacionais, psicofisiológicas, sociológicas, psicodélicas e instrumental. Dentro das abordagens psicológicas pode-se registrar as contribuições das teorias Humanistas e da Psicologia Analítica. Os representantes da abordagens humanistas, “Carl Rogers, Rollo May e Abraham Maslow a partir de década de cinquenta, chamaram a atenção para o ilimitado potencial humano, dando ênfase à necessidade de auto realização” (Alencar 2001, p.19) sendo a criatividade um dos ingredientes fundamentais nesta auto realização. Eles “descreveram condições que facilitam a expressão da criatividade, além de terem dado destaque à saúde mental como fonte dos impulsos criativos” (Alencar, Fleith & Bruno-Faria, 2010, p.12).

A Psicologia Analítica, criada por Jung, teve suas origens na Psicanálise, posteriormente divergindo desta em muitos aspectos. Um deles é a visão da

Criatividade, não mais vista como sublimação de conteúdos reprimidos e sim como característica imprescindível no desenvolvimento pleno da pessoa, de forma que, nessa abordagem, a criatividade é um instinto humano, de forma que “o anseio criativo vive e cresce dentro do homem como uma árvore no solo do qual extrai seu alimento. Por conseguinte, faríamos bem em considerar o processo criativo como uma essência viva implantada na alma do homem” (Jung, 1971, p.63).

Dentre as Abordagens Cognitivistas e Educacionais podemos citar a importância de Guilford, que propõe um modelo enfocando três dimensões: “as operações desenvolvidas ao se pensar, o conteúdo sobre o qual se pensa e os produtos que resultam desse processo” (Wechsler, 2008, p.27). Estes últimos subdividem-se em diferentes itens podendo alcançar 120 combinações, sendo seis delas relacionadas com a criatividade, envolvendo sempre o que ele define como um tipo de operação cognitiva chamada produção divergente. Nesse modelo “são características do pensamento divergente: fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração” (Wechsler 2008, p.31).

Torrance, outro importante autor dessa abordagem, ampliou o conceito de criatividade desenvolvido por Guilford, acrescentando outras características cognitivas além das citadas anteriormente, as quais se relacionariam com a personalidade criativa e seriam passíveis de serem observadas, por exemplo, nas produções de desenhos e escrita: emoção, movimento, perspectiva incomum, perspectiva interna, fantasia, combinação, riqueza e colorido da imagem, humor, resistência ao fechamento de ideias e extensão dos limites.

Esses dois autores são pioneiros na elaboração de medidas e avaliações da criatividade, sendo os testes de Torrance, Pensando Criativamente com Palavras e Pensando Criativamente com Figuras, os instrumentos mais atualizados atualmente e

base para o desenvolvimento de novos testes (Fleith & Alencar, 1992; Wechsler & Nakano, 2003).

Outro teórico importante relacionado a esta abordagem é Renzulli. Em suas pesquisas sobre inteligência acima de média, criou a Teoria do Três Anéis, na qual define as altas habilidades/superdotação como a confluência de três aspectos: habilidade gerais ou específica acima da média; elevado nível de comprometimento com a tarefa e criatividade” (Freitas, 2006, p.15). Esse autor, com um olhar voltado ao contexto educacional, especificamente sobre produtividade criativa, fala da interação entre três elementos – aluno, professor e currículo, sendo que em relação ao aluno deve considerar-se outros três aspectos, quais sejam: habilidades cognitivas e afetivas, interesses e estilos de aprendizagem.

Hoje em dia, Renzulli (2008) tem apresentado estudos sobre a importância da provisão de recursos para todos, ao afirmar que “mais do que fontes de aquisição de informações, as escolas devem ser lugares para o desenvolvimento de talentos de todos seus estudantes” (p.1). Esta posição também foi observada, na teleconferência por ele proferida no I Congresso Internacional de Altas Habilidades/Superdotação, realizada em Curitiba, PR, em setembro de 2010. O autor abriu sua conferência dizendo que “a maré alta eleva todos os navios”. Ou seja, não importa “o tamanho ou qualidade” da embarcação/dotação, quando a maré sobe, quando os recursos ambientais e culturais são variados e fartos, todos se beneficiam e todas as características do indivíduo são ampliadas, inclusive a criatividade.

Na abordagem sociológica, o Modelo Componencial de Criatividade criado por Amabile destaca, como fatores determinantes na criatividade, a motivação intrínseca e extrínseca. “Mais recentemente, Feldman, Csikszentmihayi e Gardner desenvolveram uma abordagem sistêmica da criatividade” (Lubart, 2007, p.19). “Esses teóricos

ressaltam que indivíduos que se destacam por sua produção criativa raramente trabalham em um vácuo, isolados dos sistemas sociais que constituem o seu domínio de atividade” (Alencar, Fleith & Bruno-Faria, 2010, p.13). A afirmação do sociólogo De Masi (2002) ilustra bem esse ponto de vista:

Hoje o meu cérebro é composto também pelo cérebro dos meus colaboradores e dos meus amigos, é constituído pelos meus livros e pelos livros deles, pelo meu computador e pelos deles, é formado pelo meu relógio, pelo meu celular, pela minha secretária eletrônica, pelos meus discos e pela Internet, à qual me conecto. Em positivo e em negativo, tudo aquilo que crio não é criado somente por mim, mas também por todas essas pessoas e por essas próteses cerebrais (p.47).

Representante da Abordagem Instrumental, a Teoria da criatividade como investimento de Sternberg (1992), considera o “comportamento criativo como resultado da convergência de seis fatores distintos e inter-relacionados: (a) inteligência, (b) estilos intelectuais, (c) conhecimento, (d) personalidade, (e) motivação e (f) contexto ambiental” (p.245). O autor usa o termo Investimento por acreditar que a atitude criativa seria marcada pela atitude de “comprar barato e vender caro” uma ideia ou projeto. Em outras palavras, quando a confluência do contexto somada à determinação de um sujeito lhe permite enxergar oportunidade onde outros ainda não vislumbraram, ele pode, dessa forma, apropriar-se, elaborar melhor e defender tal novidade. Estaria então “comprando barato” para, em um momento mais propício, criar condições de que essa ideia seja assimilada por mais pessoas, vendendo-a de forma vantajosa.

Para explicitar cada um desses seis fatores, utilizaremos as definições dadas por Candeias (2008), segundo a qual: (a) inteligência ou habilidades intelectuais: envolve capacidade de *I) síntese*, que permite redefinir o problema, vê-lo sob um novo ângulo,

diferente do usual, II) *análise* é o que permite uma espécie de triagem, considerando aspectos negativos e positivos da questão enfocada e III) *prática* envolve a capacidade de discernir e ressaltar para outras pessoas os aspectos mais “vendáveis”.

O segundo fator, (b) conhecimento, seria definido a partir da percepção de que só se cria a partir de alguma coisa, sendo importante um considerável conhecimento na área de atuação para combinar e recombina elementos. Interessante o comentário que Candeias (2008) faz citando Simonton, o qual em 1984, mostrou que “indivíduos com conhecimento médio são os mais criativos” (p.48) em oposição aos que possuem um aprofundamento muito grande, o qual atuaria de forma a impedir uma maior flexibilidade. Os (c) estilos intelectuais ou cognitivos, por sua vez, “são as formas ou caminhos que o sujeito usa para ativar e utilizar suas capacidades, as quais implicam uma decisão pessoal sobre como utilizar os recursos” (Candeias, 2008, p.48).

Ainda de acordo com a autora, (d) personalidade representaria a habilidade de poder contar com atributos como “vontade de fazer o que os outros consideram impossível, aceitar riscos, tolerar ambiguidade, superar obstáculos, ser auto-eficaz, escapar do pensamento convencional e questionar normas” (p.49). A (e) motivação, por sua vez, envolve a discussão sobre motivos intrínsecos e extrínsecos, sendo que Amabile (1983) demonstrou em seus estudos a importância do primeiro, e Sternberg e Lubart (1995) defendem também o papel da motivação extrínseca. Por fim o (f) contexto ambiental atua de forma a “estimular ou inibir a criatividade” (p.49).

A maneira de Sternberg encarar o papel do contexto é um ponto que o diferencia de outros autores como Amabile e Csikszentmihalyi. Em sua teoria, ele diz que a ocorrência da criatividade depende de uma decisão da pessoa, da sua opção pelo “investimento”. Esse modelo “aponta claramente para uma hipótese focalizada nas

diferenças individuais, prevendo que a combinação desses últimos elementos seja determinante para que a criatividade ocorra” (Candeias, 2008, p.4).

Neves-Pereira (2007) diz que nos textos de “Vigotsky não encontramos um modelo teórico que explique o fenômeno criativo de modo estruturado e formal” (p.73), embora possamos perceber que, em seus estudos, a criatividade está associada à outras funções psicológicas, principalmente a imaginação. Martínez (2009) encontra em sua análise da obra de Vigotsky três formas de compreender a criatividade, como: “(1) Produção de novidade, (2) Capacidade especificamente humana de gerar produtos culturais significativos e (3) Capacidade de produção de novidade e valor na vida cotidiana” (p.12 e 13).

Assim, após uma breve explicação acerca dos principais enfoques e modelos teóricos explicativos da criatividade, o que se pode notar é que a amplitude do tema acabou por criar a necessidade de se organizar o foco das investigações. Por esse motivo, de acordo com David, Nakano, Morais e Primi (2011), diferentes abordagens passaram a se referir a quatro categorias de investigação: o processo criativo, o produto criativo, a pessoa criativa e o ambiente. Ainda de acordo com os autores, essa sistematização encontra-se atualmente quase universalizada, sendo conhecida como o esquema dos 4P’s (*person, process, product e press*), os quais serão melhor explicitados a seguir.

Características da pessoa criativa, produto, processo e ambiente

De acordo com a literatura, o processo criativo seria decorrente de influências cognitivas, motivacionais, de personalidade, históricas/ecológicas, desenvolvimentais, biológicas/químicas e também do acaso e da sorte (Wechsler, 2008), de forma a englobar, segundo Alencar, Fleith e Bruno-Faria (2010), “estudos a respeito de

operações e estratégias que a pessoa utiliza para gerar e analisar ideias, resolver problemas, tomar decisões e gerenciar seu pensamento durante o processo criativo” (p.13). Para David, Nakano, Morais e Primi (2011), a dimensão que enfatiza o processo procura descrever e explicar como ocorre a criatividade, “seja em termos qualitativos como quantitativos, tomando etapas e processos, sobretudo cognitivos” (p.22).

Assim, para compreender o processo criativo é importante considerar as contribuições de Csikszentmihalyi (1996, 1997, 1998 citado por Candeias, 2008), uma vez que seus conceitos de campo e domínio ressaltam o papel do entorno no processo criativo ao afirmar que a “criatividade resulta da interação de um sistema composto por três elementos (i) uma cultura que contém regras simbólicas; (ii) uma pessoa que traz novidade ao campo simbólico; (iii) um grupo de peritos que conhecem e validam a inovação” (p.46). Também citando Csikszentmihalyi (1998), Alencar e Fleith (2003) especificam, em outras palavras, esses três fatores do processo criativo: “individual (bagagem genética e experiências pessoais), domínio (cultura) e campo (sistema social)” (p.84), de forma a explicar que o “campo representa a estrutura social do domínio” (p.85).

Na discussão desta dissertação aprofundaremos esses aspectos (nível individual, domínio e campo), dada a opção pelo embasamento da mesma dentro de uma abordagem integrativa, considerando, ainda, o dinamismo do processo-pessoa-campo-domínio. Duas frases similares, uma da retirada da literatura e a outra de estudos acadêmicos, ilustram nossa posição sobre a importância da provisão de recursos, sejam eles materiais, afetivos ou culturais em geral. A primeira de Galeano (2002) diz que “Se Beethoven tivesse nascido em Tucumã seria no máximo chefe da banda do coreto” (p.88). Arieti (1976) citado por Alencar & Fleith (2003) diz a mesma coisa com outras palavras: “Beethoven jamais poderia ter surgido na África do século XVII, dada a

inexistência de condições propícias ao estudo da música erudita naquele continente” (p.99). Enfim, para ser o grande músico que foi, precisou ter acesso a um campo e a um domínio, propícios às suas realizações.

O segundo foco, análise da pessoa criativa, incluiria estudos referentes às características pessoais, como por exemplo, habilidades cognitivas, traços de personalidade, motivação, estilos de aprendizagem e estilos de criatividade (Alencar, Fleith & Bruno-Faria, 2010; Wechsler, 2008). Essa dimensão inclui, segundo David e colaboradores (2011), trabalhos que valorizam características observáveis ou subjacentes ao sujeito, investigadas tanto em estudos de indivíduos reconhecidamente tidos como criativos, como em estudos que avaliam o indivíduo comum. Tais características são destacadas por Wechsler (2008), citadas a seguir e detalhadas posteriormente:

1) Fluência e flexibilidade de ideias, 2) Pensamento original e inovador, 3) Alta sensibilidade interna e externa, 4) Fantasia e imaginação, 5) Abertura a novas experiências, 6) Uso elevado de analogias e combinações incomuns, 7) Ideias elaboradas e enriquecidas, 8) Preferência por situações de risco, motivação e curiosidade, 9) Elevado senso de humor, impulsividade e espontaneidade e 10) Confiança em si mesmo ou autoconceito positivo e sentido de destino criativo” (p.58).

A fluência diz respeito à quantidade de ideias diante de uma situação desafiadora. Segundo essa autora foi Osborn 1953, criador da famosa técnica “Tempestade de Ideias” (“criativamente” denominada em Minas Gerais por “Toró de Parpíte”) o primeiro a valorizar a importância da quantidade de ideias para a produção ideias de qualidade.

A flexibilidade, de acordo com Perkins (2000), implica na “mudança de perspectiva ao se olhar um problema ou uma mudança na classe ou nas categorias das soluções propostas” (p.59). Diz esse autor que na própria natureza ocorrem processos semelhantes quando, por exemplo, “barbatanas são transformadas em asas, escamas em penas...” (p.31). Ele afirma ainda que, na história das invenções, o ser humano frequentemente mostra sua flexibilidade ao reobjetivar determinados usos ou funções, por exemplo, “fogos de artifício se transformaram em armas, os osciloscópios se tornaram aparelhos de televisão, etc.” (p.31).

Sobre o pensamento original e inovador é dito que a originalidade “implica em dar um salto mental, em ir além do óbvio” (Wechsler, 2008, p.61). Segundo a autora, é preciso considerar a criatividade em relação ao seu potencial de adaptação à realidade presente e também à futura. Primeiro porque a proposta original não pode ser algo construído ao acaso ou apenas delírio, deve existir um *link* com o mundo real. Por outro lado é preciso considerar que nem sempre o ambiente está preparado para compreender a originalidade. Um pensamento de Jung (1986) ilustra tal situação: “há coisas que ainda não são verdadeiras, que, talvez, não tenham o direito de ser verdadeiras, mas que o poderão ser amanhã” (p.7).

Outra consideração de Wechsler (2008) sobre a originalidade diz respeito à relação desta com a incubação e com processos inconscientes. Usualmente uma ideia original ocorre depois de um processo de incubação, quando o indivíduo trabalha em cima de determinada situação e só depois de “aparentemente” a deixar de lado é que vai surgir uma solução original. Isto porque, conscientemente, não se dá conta de que em nível mais profundo a psique continua trabalhando na questão. Afirma ainda que “imagens originais surgem de indivíduos que aceitam seus impulsos e dão maior acesso a seu inconsciente a fim de alcançar novas formas de expressão” (p.62). Esse ponto

pode ser relacionado com o conceito junguiano de Sombra, ou seja, com uma dimensão do mundo interno que pode ser comparada a um porão escuro e muitas vezes amedrontador, mas é lá que está armazenada a energia criativa. Uma pessoa sem sombra não é um indivíduo completo, mas uma caricatura bidimensional que rejeita a mescla do bom e do mal e a ambivalência presentes em todos nós. De acordo com Csikszentmihalyi (1998), a característica mais marcante do sujeito criativo é o que ele chama de complexidade, porque transita por ambiguidades e pólos opostos. Nesse sentido, “a sombra não é apenas uma força negativa na psique. Ela é um depósito de considerável energia instintiva, espontaneidade e vitalidade, e é a fonte principal de nossa criatividade” (Fadiman & Frager, 1979, p.55).

Podemos falar de alta sensibilidade interna e externa, mencionando o conhecido trecho do poema de Fernando Pessoa “tudo vale a pena se a alma não é pequena” (1972, p.58), o qual pode nos ajudar a sintetizar o que significa esta característica. Quando a alma, entendida como morada de emoções e sentimentos, é rica em seu conteúdo, tudo vale a pena, tudo se aproveita, tudo é passível de ser usado em novas configurações. Ostrower (1984) também ressalta a importância desses aspectos, fala da integração do ser consciente-sensível-cultural e afirma: “a criatividade não seria então senão a própria sensibilidade. O criativo do homem se daria no nível do sensível” (p.17). Um renomado e criativo cineasta relaciona o ato criativo e o mergulho interior ao escrever sobre a criatividade ativada pela meditação na visão de um ocidental. Lynch (2008) diz “Ideias são como peixes. Se você quiser pegar um peixe pequeno, pode ficar em águas rasas. Por outro lado, se quiser pegar um peixe grande, você tem que ir fundo” (p.1). Mais um ponto que deve ser destacado na dimensão afetiva é o papel da paixão por uma ideia ou área, frequentemente observado em biografias de criativos famosos.

De um modo geral, fantasia e imaginação, são características associadas à criatividade, de acordo com o senso comum. Além disso, sabemos o quanto são necessárias. Observamos que as pessoas não vivem sem o consumo de fantasia, para constatar isto, basta olhar as filas de cinema, sempre lotadas ou o movimento nas locadoras de filme. Infelizmente a leitura, outra fonte de desenvolvimento da fantasia e imaginação, muito mais eficiente do que filmes, ainda não tem em nosso país a importância que deveria ter.

A abertura a novas experiências seria, por sua vez, caracterizada pela independência de julgamentos e inconformismo, condições apresentadas também como imprescindíveis para a existência da criatividade. Em uma sociedade em que educação e comunicação em massa primam pela pasteurização das individualidades, manter a autenticidade é um grande desafio. Não é para menos que um dos livros clássicos sobre o assunto chama-se “A coragem de criar” (May, 1975).

Também o uso elevado de analogias e combinações incomuns deve ser destacado. Para entendermos a importância dessas características no processo criativo poderíamos refletir sobre como o domínio e a fluência em uma língua estão relacionados com processos cognitivos superiores. Quanto mais extensos forem os recursos linguísticos de um indivíduo, mais elementos ele terá na organização do pensamento e na possibilidade de combiná-lo e recombina-lo. Analogias e metáforas são habilidades especiais para o processo criativo e no domínio da língua. Rodari (1982) acreditou apaixonadamente no papel libertador do uso criativo das palavras, inventando interessantes exercícios para ampliar a capacidade de fantasiar, sendo que, na introdução de uma de suas publicações diz:

Espero que esse pequeno livro possa ser útil a todos aqueles que acreditam no lugar de destaque que a imaginação deve ter no processo educacional,

àqueles que acreditam na criatividade e que sabem o valor de liberação que a palavra pode ter, ‘Todos os usos da palavra a todos’ parece um bom lema, sonoramente democrático. Não exatamente porque todos sejam artistas, mas porque ninguém é escravo (p.13).

Nesse sentido Wechsler (2008) afirma: “a riqueza que o uso de analogias e metáforas traz para enriquecer as imagens de seu criador pode ser demonstrada em diversas áreas, ficando até extremamente difícil avaliar quais as formas mais belas...” (p.73). Afirma ainda que, considerando o papel das escolas, essas deveriam investir mais no desenvolvimento das habilidades em criar analogias e metáforas.

As ideias elaboradas e enriquecidas são parte de uma etapa do processo criativo na qual devem predominar a persistência e o trabalho metódico. Segundo Wechsler (2008), algumas culturas requerem habilidades típicas, observadas em várias práticas tradicionais. Na japonesa, por exemplo, nota-se tal fato na arte da caligrafia e nos arranjos florais. Faz um alerta sobre a necessidade de nós, brasileiros, investirmos mais nesses aspectos, “pois grandes ideias são deixadas de lado sem que exista um esforço, sistemático, de aperfeiçoar ou melhorar o que já foi tentado antes” (p.76).

A preferência por situações de risco, motivação e curiosidade é outro aspecto relacionado à alimentação da criatividade, sendo motivação e curiosidade os motores que movem a busca por novos conhecimentos, e a preferência por situações de risco uma consequência desta atitude. O risco muitas vezes é proporcional ao grau de conservadorismo do contexto: quanto mais rígido o meio, mais risco corre o indivíduo curioso e motivado em busca de outros horizontes e de mudanças. Um exemplo extremo desta situação é dado pela história criada por Bradbury (1953) transformada em um clássico do cinema por Truffaut (1966). Fahrenheit 451 mostra uma sociedade muito repressora, na qual pessoas curiosas e motivadas para leitura eram obrigadas a esconder

seus livros, sendo perseguidas por possuí-los. Em uma das biografias aqui enfocadas podemos constatar um episódio em que esta ficção se repete no mundo real.

Também deve ser destacada a presença de elevado senso de humor, impulsividade e espontaneidade. Estas características tão peculiares da infância são fundamentais para podermos brincar com ideias, palavras e imagens, ou seja, ter a leveza imprescindível para o processo criativo. Veremos mais adiante o quanto o humor também está presente nas histórias das pessoas resilientes.

Por fim, confiança em si mesmo ou autoconceito positivo e sentido de destino criativo adquirem papel fundamental na criatividade. A confiança em si mesmo é a manifestação direta de como o autoconceito se configura e está intimamente ligado à sustentação da criatividade. Como mencionado anteriormente, para ser criativo é necessário ter coragem, a qual depende, necessariamente, de um autoconceito positivo. Outra autora que enfoca a estreita relação entre autoconceito e criatividade é Virgolim (2000), inclusive com sugestões de exercícios para o desenvolvimento desses dois aspectos.

Sobre o sentido de destino é interessante citar o estudo de Hillman (1996), que gira em torno do código do ser, da essência de cada um. Diz ele:

...mais cedo ou mais tarde, alguma coisa parece nos chamar para um caminho específico. Essa ‘coisa’ pode ser lembrada como um momento marcante na infância, quando uma urgência inexplicável, um fascínio, uma estranha reviravolta dos acontecimentos, teve a força de uma anunciação: isso é o que devo fazer, isso é o que preciso ter. Isso é o que sou (p.13).

Outra descrição do perfil da pessoa criativa é dada por Csikszentmihalyi (1998 apud de La Torre 2005), o qual observa:

a) Grande energia mental, emocional e até mesmo sexual, b) Vivazes e inteligentes e ao mesmo tempo ingênuos, confiados e desconfiados, c) Sabem combinar o caráter lúdico com a férrea disciplina, d) Combinam imaginação e fantasia com arraigado sentido da realidade, e) Integram atitudes introvertidas e extrovertidas, f) Não se prendem a essereótipos de gêneros, g) São inovadores e aproveitam aspectos tradicionais, h) Mostram paixão pelo que fazem e i) Experimentam dor e prazer nos processos criativos (p.107).

Por sua vez, o produto criativo, julgado principalmente em relação à sua originalidade, inovação e relevância, seria determinado pelos valores do momento histórico, social e cultural, haja vista que uma obra pode, muitas vezes, não ser considerada criativa em certa época e anos depois ganhar grande destaque (Wechsler, 2008), conforme frequentes exemplos na história da arte.

Vigotsky (citado por Martinez, 2009) ressalta outro lado desta questão, trazendo “uma compreensão da criatividade não centrada no valor do produto, mas no próprio processo de produção de novidade, processo que caracteriza as formas mais complexas do funcionamento da subjetividade humana” (p.11). Assim, a dimensão que enfatiza o produto criativo abarca, segundo David e colaboradores (2011), estudos que consideram a especificação das características do próprio produto, por quem e como esse deve ser avaliado.

A última, mas nem por isso menos importante dimensão a ser citada, refere-se ao ambiente. Esta dimensão,

que atribui uma relevância particular às condições ambientais, envolve todos os trabalhos que tentam explorar as situações externas ao indivíduo e que, de algum modo, promovem ou inibem a manifestação criativa (David, Nakano, Morais & Primi, 2011, p.23).

Sabe-se que o ambiente exerce um papel-chave, tanto no desenvolvimento das capacidades criativas, como nas diversas formas que pode tomar a expressão criativa (Lubart, 2007), dado o fato de que, segundo o autor, em um nível macro, a sociedade e a cultura de uma época “têm uma influência preponderante, não somente favorecendo ou travando o acesso a recursos, mas também definindo as normas de aceitabilidade das condutas criativas” (p.75). Nesse sentido, os efeitos do ambiente poderiam ser observados na escala familiar ou em contextos mais amplos, como na escola ou local de trabalho.

Ressaltar a importância do ambiente para o desenvolvimento da criatividade equivale salientar a necessidade de intervenções educacionais e culturais, cultivando na sociedade características “criativogênicas”, conforme denomina Arieti (1978) mencionado por Alencar & Fleith (2003), isto é, existência de “disponibilidade de meios culturais, aberturas a estímulos ambientais, livre acesso aos meios culturais para todos os cidadãos, sem discriminação, exposição a estímulos diferentes e mesmo antagônicos e presença de incentivos e prêmios (p.99). Acreditamos que Reggio Emilia, na Itália é um exemplo de uma comunidade criativogênica, e por acaso, também resiliente. Depois da Segunda Guerra Mundial, a cidade estava arrasada. Alguns pais se uniram para reconstruir a escola de seus filhos. A presença de algumas pessoas, tais como Malaguzzi e Rodari, aglutinou um movimento inovador em relação aos espaços, materiais e preparo dos educadores de Educação Infantil. Hoje, existem ali inúmeras escolas nesses moldes, consideradas referência mundial em termos de criatividade e competência na construção do conhecimento (Edwards, Forman & Gandini, 1999).

Csikzentmihalyi (1998) sintetiza esta posição com a afirmação “É mais fácil potencializar a criatividade mudando as circunstâncias do meio ambiente do que tentando fazer com que as pessoas pensem de uma maneira mais criativa” (p.15).

Para ilustrar os aspectos envolvidos no processo de criação como um todo, Predebon (2008) constrói a seguinte metáfora: o solo representa o potencial criativo presente em todas as pessoas. A semente depositada nesta terra é chamada de disposição favorável, desencadeada pela admiração por algum modelo estimulante ou pelo clima do contexto. O adubo, alimento necessário para o desenvolvimento, identificado como proposição de ação, é “o ato volitivo e concreto, um investimento de esforço e/ou tempo em direção à criatividade” (p.49). A planta já formada resulta em atitude. “A pessoa com atitude criativa reagiria ativamente e com prazer ao desafio de achar um novo caminho para atingir um objetivo” (p.50).

Ainda para o completo amadurecimento da árvore são necessários sol e chuva. O sol é a representação da prática engajada. “A prática é consciente e traz benefícios cumulativos, pois as experiências e suas avaliações passam a deixar registros que facilitam as tentativas seguintes” (p.50). A chuva é o autoconhecimento. O autor explica que esse não é um elemento imprescindível, a vida mostra que muitos criativos estão longe de ser pessoas centradas. Seu foco segue a linha de “Abraham Maslow que via criatividade como uma qualidade do homem comum, sem bloqueios, em um processo de crescimento (*self-actualizing people*) e realização pessoal” (Predebon, 2008, p.51).

A copa da árvore adulta é o comportamento criativo, “uma pessoa que se coloca, em seu meio, de forma interferente-relevante-inovadora” (p.52). Os frutos são os fatos criativos que podem surgir como *insight* ou soluções arduamente trabalhadas. A escada para a colheita são os recursos para acessar os frutos. A técnica de *brainstorm* seria um deles. É interessante observar que, para o desenvolvimento da criatividade, não adianta somente a colocação de ‘escadas’, mas sim cuidar de todo o processo. No final, o consumo dos frutos simboliza o resultado gratificante.

Podemos relacionar esses elementos com a classificação citada anteriormente. São partes do Processo Criativo: a semente (entendida como disposição ou ambiente favorável), o adubo (entendido como a educação criativa) e a escada (técnicas de estimulação). Relacionam-se com a Pessoa Criativa: o solo (potencial criativo), a árvore crescida (atitude criativa), o sol (a prática engajada, motivação, identificação, paixão pelo tema), a chuva (busca do autoconhecimento) e a copa da árvore adulta (expressão do comportamento criativo). E com o Produto Criativo: os frutos e o consumo (fatos criativos, sujeitos a apreciação e valorização do “mercado”).

Outro elemento poderia ser incluído nesta metáfora é a seiva, a qual representaria o importante papel da imaginação no processo de criação. Assim como a força da árvore está na sua seiva, a vitalidade da criação está na capacidade imaginativa. Podemos fortalecer esta argumentação com a seguinte colocação: “a imaginação é um sinal de liberdade interior: de criatividade” (Menéres, 1993, p.52).

Nesse sentido, De La Torre (2005) afirma que a criatividade é um bem social, assim como a saúde e a educação, todas elas condições básicas para o bem estar pessoal. Dessa forma, para o autor, “um povo sem criatividade é como um grupo humano preso pela imobilidade, preso à escravidão e submetido a sociedades com maior potencial criativo” (p.17). A mesma opinião pode ser visualizada na fala de Virgolim (2007) ao afirmar que “a maior riqueza de um país repousa na produção de novos conhecimentos, na capacidade de gerar e gerir novas ideias e na crescente inovação de serviços” (p.30), justificando a importância social e pessoal dessa característica.

Dada a relevância da temática, alguns autores têm ressaltado a importância da criatividade como um recurso para enfrentarmos os riscos e desafios da época em que vivemos. Se considerarmos, por exemplo, a situação da maior parte dos países em desenvolvimento, veremos que as consequências da globalização começam a ser

sentidas através do empobrecimento e da exclusão da população, que passou a vivenciar situações de desemprego, aumento da ineficácia dos sistemas de proteção social, deterioração dos contextos relacionados à educação, família, saúde e justiça. Tal situação tem contribuído para o aumento da percepção de um futuro incerto entre a população, com consequências negativas nas expectativas de realização e progresso (Fiorentino, 2008). Nesse contexto, “o processo criativo poderia ser estudado, não como produto de uma doença, mas como representação do mais alto grau de saúde emocional, a expressão própria de pessoas normais, no ato de atingir a própria realidade” (May, 1975, p.39), de forma que as pessoas poderiam utilizar a criatividade como forma de superar as dificuldades impostas pelo meio, fazendo com que a presença de características resilientes também pudesse atuar no desenvolvimento pessoal.

Nesse sentido, torna-se importante trabalhar a temática da resiliência, buscando embasamentos no sentido de auxiliar a compreensão dessa temática e sua importância na biografia a ser estudada.

RESILIÊNCIA

Importância do estudo e histórico do interesse pela temática

Semelhante ao que aconteceu em 1950, quando Guilford assumiu a presidência da *American Psychological Association* e iniciou um trabalho de valorização da criatividade, Martin Seligman, em 1998, também ao assumir a presidência da APA começou um movimento denominado Psicologia Positiva, o qual aposta nos estudos de aspectos saudáveis do ser humano, sendo a resiliência um deles (Paludo & Koller, 2006). Pouco tempo depois, em 2001, ainda de acordo com as autoras, uma edição especial da *American Psychologist* foi lançada, idealizada por Seligman e Csikszentmihalyi, enfatizando a necessidade de “produzir conhecimento sobre aspectos virtuosos e as forças pessoais que todos os seres humanos possuem” (p.69).

Destacamos que o último autor citado é um dos principais teóricos da criatividade e que o fato dele estar trabalhando nas duas vertentes que embasam essa dissertação pode indicar um sinal de pertinência do foco do presente estudo.

Paludo e Koller (2006) recordam que os humanistas representados principalmente por Rogers e Maslow já tinham feito esforços para colocar como foco de estudos os aspectos saudáveis das pessoas. Porém, ainda hoje, esta é uma proposta inovadora, um novo paradigma dentro da Psicologia que, como sabemos, desde sua origem como ciência, dedicou-se essencialmente a pesquisar aspectos patológicos e os déficits da conduta humana. Felizmente, um movimento atual mostra “inúmeros cursos, conferências, financiamentos e prêmios têm sido oferecidos a pesquisadores do mundo inteiro a fim de expandir o estudo empírico e teórico sobre o que Keyes e Haidt (2003) chamam de florescimento humano” (Paludo & Koller, 2006, p.71).

Apesar da recenticidade da temática, vemos que os estudos sobre resiliência encontram-se, hoje em dia, um pouco mais amparados. Segundo a observação de Yunes (2006), embora esse tema esteja sendo pesquisado desde meados dos anos cinquenta, “só nos últimos cinco anos os encontros internacionais têm trazido esse constructo para discussão” (p.49). Em suas origens, o estudo do tema aparece como resposta a uma série de fatos inesperados observados empiricamente. O trabalho mais comentado na literatura foi o realizado em Kauai (Havai), no qual “sujeitos condenados à enfermidade ou marginalidade, de acordo com as expectativas dos modelos de risco, não confirmavam esse destino anunciado e chegavam a situações de realizações notáveis” (Rodriguez, 2007, p.132). Esta pesquisa longitudinal, realizada por Emmy Werner e Ruth Smith, representa um marco importante no estudo da resiliência (Infante, 2007, p.24). Iniciada em 1955, a pesquisa acompanhou 505 pessoas durante 32 anos, do período pré-natal até a idade adulta, observando a capacidade de algumas pessoas reagirem e se recuperarem diante de determinadas vivências traumáticas e impactantes. Essa constatação fez surgir o interesse de pesquisadores por um novo construto a ser investigado: a resiliência.

Ao fim da década de setenta surgiu um interesse crescente pelo conhecimento acerca daquelas pessoas que, apesar de viverem em condições severamente adversas, conseguiam superá-las e transformá-las em vantagem ou estímulo para seu desenvolvimento psicossocial (Díaz, Giraldo & Buitrago, 2006). De acordo com os autores, as primeiras investigações do fenômeno dentro das ciências sociais estiveram presentes no campo da psicopatologia, tendendo a focar a descrição exaustiva das enfermidades, com o objetivo de descobrir causas e fatores que pudessem explicar resultados negativos. Muitos estudos apontaram que, sem dúvida, tais resultados se davam em função dos fatores que indicavam uma alta probabilidade de risco, mas que

nem sempre se cumpriam. Assim, os modelos teóricos se mostravam, nesses casos, insuficientes para explicar os fenômenos da sobrevivência humana e de desenvolvimento psicossocial.

A resiliência possibilitou a compreensão dos fatores intervenientes envolvidos na superação das situações traumáticas, sendo que, inicialmente, a maioria das investigações foram focadas nas crianças nascidas e criadas em condições de extrema pobreza (Valdebenito, Loizo & Garcia, 2007), corroborando a percepção de Vergara (2008), segundo a qual a maior parte dos estudos sobre resiliência tem sido realizada por psicólogos, médicos, pedagogos e tem tido como foco crianças e jovens.

Nesse contexto, as crianças chamadas resilientes teriam, ao menos, uma pessoa que as aceitaria de forma incondicional, construindo um vínculo positivo que lhes possibilitaria sentir que seus esforços, competências e autoestima eram reconhecidos. Tal fato seria justamente o que os diferenciava dos demais. Dessa forma a ocorrência da resiliência nos sujeitos dependeria da interação da pessoa e seus suportes humanos.

Ainda segundo os mesmos autores, a resiliência envolveria a capacidade dos seres humanos em superar os efeitos nocivos das condições psicossociais desfavoráveis e manter sua capacidade de crescimento e inserção social, de modo mais propício para si mesmo. Assim, seria conhecida como aquela capacidade ou habilidade que um indivíduo possui e que, apesar de haver sido exposto a eventos adversos, sejam eles físicos, psicológicos e sociais, pode-se superá-los e alcançar uma vida produtiva e significativa.

Na Argentina, Suarez Ojeda (citado por Valdebenito, Loizo & Garcia, 2007), essendeu o objeto de estudo inicial (resiliência individual) e começou a tratar da resiliência comunitária, desenvolvendo teoricamente essa concepção a partir da observação de que cada desastre ou calamidade sofrido por uma comunidade produz dor

e perdas, tanto de vida como de recursos, gerando como resultado um efeito mobilizador na solidariedade dos indivíduos, a qual permite reparar os danos e seguir adiante. O foco principal da primeira geração de pesquisadores interessados nessa temática era “identificar os fatores de risco e de proteção que influem no desenvolvimento de crianças que se adaptam positivamente, apesar de viverem em condições de adversidade” (Infante, 2007, p.24).

Nos anos 90 surgiu a segunda geração de pesquisadores, com uma visão mais crítica e um olhar voltado não só ao indivíduo, mas também ao seu entorno social, econômico e cultural. Além do foco que os pesquisadores da primeira geração já tinham, foi acrescentado “o estudo da dinâmica entre fatores que estão na base da adaptação resiliente” (Infante, 2007, p.25). Melillo, Estamatti e Cuesta (2007) ressaltam que, nesta visão dinâmica do termo, destacando-se as contribuições de Michael Rutter, ao trazer o conceito de mecanismos protetores, e de Edith Grotberg, com a Teoria das Fontes Interativas da Resiliência: “eu tenho” (o apoio); “eu sou” e “eu estou” (o desenvolvimento da força intrapsíquica) e “eu posso” (a aquisição de habilidades interpessoais e de resolução de conflitos) as quais foram de importância fundamental.

Segundo Infante (2007), “predomina entre os autores atuais a visão de que a pessoa está imersa em uma ecologia, onde interagem os níveis individual, familiar, comunitário (vinculado aos serviços sociais) e o cultural (vinculado aos valores sociais)” (p.25), sendo que o grande foco desses estudos está na identificação dos processos que sustentam a adaptação resiliente. Esses novos pesquisadores acreditam que, a partir dessa compreensão, possam avançar teoricamente e na criação de novas estratégias de promoção de resiliência e qualidade de vida. Logo, pode-se dizer que o investimento nos estudos de resiliência é também uma demonstração de atitude resiliente da própria sociedade, pois vivemos, em termos mundiais, situações de

pressões e adversidades, uma vez que a globalização da economia e as políticas neoliberais “seguem produzindo riqueza, ao mesmo tempo que geram grande quantidade de desempregados, maior pobreza, delinquência, etc.” (Mellito, Estamatti & Cuestas, 2007, p.59).

Esses mesmos autores afirmam que vivemos em uma sociedade de risco, todas as pessoas estão expostas mas “faz suas primeiras vítimas entre os excluídos do sistema social pela precariedade de suas condições de existência” (p.59). Também Trombeta e Guzzo (2000), no prólogo de sua pesquisa sobre o tema, traçaram um perfil das condições sócio-econômicas brasileiras (renda *per capita*, número de crianças em escolas, etc.), chamando atenção para a precariedade da sociedade como um todo e para os fatores de risco existentes, justificando a importância de pesquisas na área.

Se pensarmos na humanidade como um organismo único, podemos entender que estamos em uma situação na qual parte desse todo produz doença e ao mesmo tempo aciona mecanismos de defesa. Os estudos sobre resiliência e seus desdobramentos práticos podem ser encarados como anticorpos lutando por saúde. Como exemplo, podemos citar o caso de Csikszentmihalyi (Seligman & Csikszentmihalyi) (2000), testemunha de marcantes situações de resiliência ao vivenciar em sua infância a Segunda Guerra Mundial. Dentre as atrocidades que viu, chamava-lhe atenção que:

muitos adultos bem sucedidos e confiantes tornaram impotentes e desanimados quando a guerra removia seus suportes sociais. Sem emprego, dinheiro ou *status*, eles foram reduzidos a uma concha vazia. Enquanto outros mantinham integridade e propósito, apesar do caos circundante. A serenidade desses foi um farol que impediu outros de perderem a esperança. Esses homens e mulheres exemplares não demonstravam que saíam ilesos, não eram necessariamente os mais respeitados, os mais instruídos ou os

indivíduos mais qualificados. Esta experiência o fez pensar: Quais são as fontes da força que essas pessoas demonstram? (p.6).

Em outro texto, Csikszentmihalyi (2008) continua nesta linha de reflexão afirmando que

todos conhecemos indivíduos que podem transformar situações muito difíceis em desafios a serem vencidos, só com a força da sua personalidade. Essa capacidade de perseverar apesar dos obstáculos e contratempos é a qualidade que as pessoas mais admiram nas outras, e com razão: ela talvez seja a característica mais importante não só para sermos bem sucedidos na vida, mas também para vivê-la com prazer (p.24).

Ainda tratando das contribuições desse autor, vale mencionar seu conceito de *flow* e sua provável relação com resiliência ao dizer que “pessoas são felizes não por causa do que elas fazem, mas por causa do jeito que fazem” (p.826). Podemos estender para nossas investigações e dizer que pessoas são resilientes não por causa do que vivem, mas pela maneira como interpretam o que vivem. Assim, não só a nível individual, a resiliência começa a ser investigada, passando também a ser enfocada em outros contextos, dentre os quais pesquisadores têm destacado, recentemente, a importância da resiliência ser uma meta educacional, conforme frase abaixo:

As instituições educativas deverão preocupar-se com o processo educativo em vez de se concentrarem nos resultados. Esse modelo assenta em três pilares essenciais, a saber: o raciocínio, a resiliência e a responsabilidade, em complemento aos três pilares mais tradicionais: a leitura, a escrita e a matemática. Resiliência – refere-se à persistência para alcançar objetivos e fazer face aos obstáculos que a

vida coloca, e envolve: motivação para conhecer e aprender, motivação para ultrapassar obstáculos e alcançar objetivos, envolvimento pessoal e paixão pelas metas a alcançar e autoeficácia ou crer nas suas próprias capacidades para alcançar os objetivos. (Candeias e colaboradores, 2011, p.58).

Estando assim configurado, por um lado crises/necessidade de cultivo da resiliência e, por outro, estudiosos já despertados para a importância do fenômeno, acreditamos que é apenas uma questão de tempo para que educadores de modo geral, mídia e opinião pública voltem maior atenção à resiliência e a seus processos de desenvolvimento. Dada sua importância, os resultados de uma busca pelos conceitos que vêm sendo difundidos serão apresentados a seguir.

Conceitos e definições de resiliência

Os primeiros estudos sobre resiliência, realizados no Havaí, citados anteriormente, utilizaram a palavra ‘invulnerável’ para definir o fenômeno observado. Com o tempo percebeu-se a inadequação do termo por denotar que o sujeito passa de forma impermeável pela experiência, sem apreender nada. O termo resiliência foi usado inicialmente na Física, na qual é definido como: “qualidade de resistência de um material ao choque, à tensão, à pressão que lhe permite voltar, sempre que é forçado ou violentado, à sua forma ou posição inicial, por exemplo, uma barra de ferro, um elástico, uma mola etc”(Tavares,2001, p.45). A psicologia, antropologia, sociologia, direito e áreas sociais têm se beneficiado com o desenvolvimento de novo enfoque e das estratégias implementadas nesta área do conhecimento.

Rodriguez (2007) alerta para o caráter “metalúrgico” do termo e diz que esta imagem de um corpo voltar ao seu ponto de partida depois de sofrer uma pressão já não

condiz com uma nova concepção do constructo. Mais do que voltar à situação inicial “é também um recurso criativo que permite encontrar respostas novas para situações que parecem não ter saída” (p.134). Queremos destacar nesta definição a relação entre os constructos criatividade e resiliência, a qual será discutida mais amplamente no capítulo seguinte.

Aplicando-se a ideia aos indivíduos, Rodriguez, Horuta e Chiburque (2007) destacam dois tipos de capacidades envolvidas na resiliência: recursos e estratégias de enfrentamento, entendendo por recursos as características de um sistema em particular e por estratégias de enfrentamento as intenções ou ações que uma pessoa aciona com a finalidade de diminuir as exigências que o contexto apresenta. Os recursos seriam aquelas habilidades utilizadas na prevenção de possíveis crises, facilitando a resolução de conflitos e o enfrentamento das situações difíceis. Desse modo os autores compreendem que os recursos permitem que cada indivíduo consiga focar seus esforços em si mesmo, identificando e reconhecendo as habilidades próprias que possui para enfrentar dificuldades, conscientizando-se das relações que pode construir à sua volta.

Garassini (2008) comenta que muitos autores propõem a visualização da experiência traumática dentro de um modelo mais saudável, o qual, baseado em métodos positivos de prevenção, considere a habilidade natural dos indivíduos de enfrentar, resistir e, inclusive, aprender a crescer nas situações mais adversas.

De acordo com Cardozo e Dubini (2006), os estudos sobre resiliência indagam por que alguns indivíduos que crescem em situações adversas parecem viver de forma saudável e produtiva enquanto outros parecem não conseguir superar as adversidades experimentadas. Efetivamente, os indivíduos resilientes se destacam por possuir um alto nível de competência em várias áreas, seja intelectual, emocional, bons estilos de

enfrentamento, autoestima, motivação, sentimentos de esperança, autonomia e independência. Assim, a resiliência tem sido reconhecida como um suporte para a promoção de saúde mental, uma vez que esta tem se mostrado enriquecedora do potencial humano, já que a realidade mostra que a maior parte das pessoas acometidas por situações críticas acabam por sofrer enfermidades e quadros psicopatológicos, sendo que, ao contrário, outras superam a situação e aprendem com essa experiência. Qual seria a diferença entre elas? Por esse motivo a detecção e análise das variáveis que permitem a essas pessoas saírem enriquecidas frente a adversidade se torna importante.

Outros autores fizeram um estudo bastante esclarecedor sobre a construção do conceito. Taboada, Legal e Machado (2006), tomando como referência a organização feita por Deslandes e Junqueira (2003), “dividem as definições encontradas em três pólos temáticos principais: a) Resiliência enquanto um processo de adaptação x superação; b) Resiliência enquanto um fator inato x fator adquirido; c) Resiliência como algo circunstancial x característica permanente” (p.3).

Esses mesmos autores defendem a ideia de que toda pessoa com um pouco de bom senso sabe que existe sempre uma interação entre fatores inatos e ambientais. No caso da resiliência a maioria dos pesquisadores concorda que “o ambiente e as relações sociais estabelecidas não são meros coadjuvantes no processo resiliente, são protagonistas...o meio é a chave principal de um processo que possui fortes indícios de possuir componentes inatos” (Taboada, Legal & Machado, 2006, p.4). Também Vergara (2008) compartilha esta posição de que resiliência não é um atributo de nascença ou adquirido, sendo, antes de tudo um conjunto de processos psíquicos e sociais que ocorrem em um tempo, dadas certas condições. Assis, Pesce e Avanci (2006) trazem a noção de potencial de resiliência ao considerarem que esta característica se modifica ao

longo da vida. “Trata-se de uma energia inerente aos seres humanos, que precisa ser nutrida e potencializada ao longo de toda a existência de cada um” (p.14).

Segundo Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002), os fatores de risco são condições ou variáveis associadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis. Dentre tais fatores encontram-se os comportamentos que podem comprometer a saúde, o bem-estar ou o desempenho social do indivíduo. Dessa forma, Pesce, Assis, Santos e Oliveira (2004) apontam que a resiliência não pode ser pensada como um atributo que nasce com o sujeito, nem que ele a adquira durante seu desenvolvimento. É um processo interativo entre a pessoa e seu meio, considerado como uma variação individual em resposta ao risco. Os mesmos fatores causadores de estresse podem ser vivenciados de formas diferentes por pessoas diferentes.

O terceiro eixo, da resiliência como algo circunstancial x característica permanente, está ligado aos anteriores. Os primeiros pesquisadores do tema acreditavam estar lidando com um traço da personalidade e, portanto, a encaravam como uma característica permanente. Outra forma de entendê-lo é não considerá-lo “um processo estanque ou linear, pois os indivíduos podem apresentar-se resilientes em determinada situação e não em outras” (Taboada, Legal & Machado, 2006, p.5). Para Savoia (1999 citado por Pesce, Assis, Santos & Oliveira, 2004), os diferentes níveis individuais de tolerância ao estresse também oscilam conforme o período de vida em que o evento ocorre e conforme a situação enfrentada: as pessoas podem ser perturbadas por pequenas mudanças; por eventos de maior magnitude; quando a exposição ao evento é mais prolongada ou, ainda, com o acúmulo de pequenos eventos estressantes do dia-a-dia.

A partir da reflexão sobre tais questões, os pesquisadores da temática, de um modo geral, realizam uma trajetória cuja consequência é assim apontada por Souza e

Cervený (2006): “A definição do conceito evolui do indivíduo (traços de personalidade), para a família (construção relacional) e redes sociais mais amplas (visão ecológica)” (p.7).

A posição de Masten (2001 citado por Paludo & Koller, 2006) é condizente com o seguinte desenvolvimento do conceito: “resiliência não emerge de qualidades raras ou especiais, ao contrário, surge de fatos cotidianos e usuais presentes na trajetória e nas relações das crianças, famílias e comunidades” (p.76), sendo uma parte do processo de adaptação e desenvolvimento sempre presente na espécie humana, a qual a psicologia tradicional, focada na patologização, não tinha olhos para ver.

Finalizando as apresentações preliminares sobre o conceito, destacamos dois pontos relacionados entre si, os quais, acreditamos, podem desdobrar importantes reflexões: primeiro, Guajardo (2005) alerta que, na maior parte dos estudos, os fatores de proteção ainda são definidos com base em um observador externo ao sujeito, com influência de paradigmas positivistas. Entretanto, afirma que são necessários estudos a partir de um ponto de vista interno, subjetivo, mais condizente com o paradigma construtivista, de construção de significados (p.3). Em segundo lugar, as considerações de Souza e Cervený (2006) apontam que

a resiliência é um conceito construído sócio-historicamente, impregnado de valores e significados próprios da cultura em que ele se insere. Fatores de risco e protetores são diferentes dependendo da população e de suas origens. Portanto, o significado do que é resiliência, fatores protetores e fatores de risco, pode ser diferente para diferentes populações (p.7).

Temos que tomar cuidado tanto na elaboração de teorias como no desenvolvimento de programas para não padronizarmos um olhar único, e

estabelecermos valores inquestionáveis. Falando sobre o abuso do poder nas profissões de ajuda Guggenbuhl-Craig (1978) diz:

procuramos combater situações familiares não saudáveis, corrigir estruturas sociais insatisfatórias, ajustar os desajustados – em suma, impomos aquilo que consideramos “correto” para os outros. E frequentemente tentamos fazê-lo mesmo quando nossa ajuda é rejeitada pelos interessados (p.21).

Observamos que a maior parte dos teóricos consideram a resiliência como um traço e não como um estado, um produto de processo dinâmico entre fatores protetores e de risco, que pode ser construído, desenvolvido e promovido. Conforme colocado por Fiorentino (2008), resiliência se edifica a partir do desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo, através do estímulo à autoestima, de uma concepção positiva de si mesmo, da geração de condutas adequadas de resolução de problemas e expectativas de controle sobre a própria vida. Nesse sentido, ainda de acordo com a autora, as intervenções para aumentar a resiliência implicam, basicamente, em estimular as pessoas para que ponham em jogo suas capacidades e recursos, a fim de promover a saúde e a qualidade de vida. Uma investigação acerca de quais seriam essas características é apresentada a seguir.

Modelos Teóricos (características das pessoas resilientes)

No início das investigações a respeito do tema, os primeiros pesquisadores atribuíam aos indivíduos resilientes causas genéticas, temperamento especial e/ou condições cognitivas privilegiadas e inatas. Porém, sem exceção, os estudos identificavam na vida dos resilientes a presença de “apoio irrestrito de algum adulto

significativo, familiar ou não” (Melillo, 2005, p.11), já evidenciando que esta característica não poderia ser determinada de maneira tão individual.

De acordo com Pesce, Assis, Santos e Oliveira (2004), grande parte dos autores define de forma didática três tipos de fatores de proteção: (1) fatores individuais: autoestima positiva, auto-controle, autonomia, características de temperamento afetuoso e flexível; (2) fatores familiares: coesão, estabilidade, respeito mútuo, apoio/suporte; (3) fatores relacionados ao apoio do meio ambiente: bom relacionamento com amigos, professores ou pessoas significativas que assumam papel de referência seguro ao indivíduo e o faça se sentir querido e amado.

Grotberg (2005), pioneira na noção dinâmica do constructo, explicita o caráter fundamental que o entorno social tem na construção da resiliência ao organizar os fatores resilientes em quatro categorias: “Eu tenho; Eu sou; Eu estou; e Eu posso” (p.16). Assim especifica cada um:

Eu tenho: (1) Pessoas do entorno em quem confio e que me querem incondicionalmente, (2) Pessoas que me põem limites para que eu aprenda a evitar os perigos ou problemas, (3) Pessoas que me mostram, por meio de sua conduta, a maneira correta de proceder, (4) Pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho, (5) Pessoas que me ajudam quando estou doente, ou em perigo, ou quando necessito aprender. Eu sou: (1) Uma pessoa pela qual os outros sentem apreço e carinho, (2) Feliz quando faço algo bom para os outros e lhes demonstro meu afeto, (3) Respeitoso comigo mesmo e com o próximo. Eu estou: (1) Disposto a me responsabilizar por meus atos, (2) Certo de que tudo sairá bem. Eu posso: (1) Falar sobre coisas que me assustam ou me inquietam, (2) Procurar a maneira de resolver problemas, (3) Controlar-me quando tenho vontade fazer algo errado ou perigoso, (4) Procurar o momento certo para falar com alguém, (5) Encontrar alguém que me ajude quando necessito (p.17).

De acordo com essa colocação, percebe-se a presença do ambiente social nas quatro categorias, inclusive naquelas referentes ao desenvolvimento de forças intrapsíquicas – ‘Eu sou’ e ‘Eu estou’, ou seja, a existência de outro sujeito é condição *sine qua non* para caracterizar a resiliência. É importante salientar que, na prática, um indivíduo não precisa contar, necessariamente, com todos os fatores, assim como a manifestação de um só fator também não basta para ele ser considerado resiliente. “Alguns usarão muitos fatores, outros poucos fatores, entretanto quanto mais fatores possuir maior flexibilidade no momento de selecionar uma resposta resiliente apropriada” (Flores, 2009, p.3).

Infante (2007), em uma revisão da literatura, aponta novos estudos dentro dessa perspectiva dinâmica: Luthar e Cushing, Masten, Kaplan e Bernard entendem resiliência dentro de um modelo ecológico-transacional, no qual “o indivíduo imerso em uma ecologia determinada por diferentes níveis” (p.25), Sendo esses os níveis: individual, familiar, comunitário e o cultural. Esta construção teórica faz lembrar um antigo conceito grego, do ser humano enquanto morador de quatro casas, uma inserida dentro da outra. São elas: o *ethos* (eu), o *oikos* (família), a *polis* (cidade) e o *cosmo* (mundo/universo).

Valdebenito, Loizo e García (2007) explicam que distintos autores têm especificados os fatores que resultam como protetores para os seres humanos e, embora haja diversidade entre eles, a maioria concorda com os seguintes termos: autoestima, introspecção, capacidade de atuar com independência e iniciativa pessoal, capacidade de relacionar-se positivamente com outros, compromisso moral, ético e espiritual, capacidade de pensamento crítico e o sentido de humor. Outro importante estudo longitudinal, desenvolvido em 1982 por Werner (Díaz, Giraldo & Buitrago, 2006) permitiu a identificação de vários fatores protetores, tais como: autoestima,

introspecção, independência, iniciativa, moralidade, capacidade de relacionar-se, humor e pensamento crítico, os quais denominou pilares da resiliência. Esses permitiriam à maioria dos indivíduos de alto risco se tornarem adultos competentes, seguros e afetuosos.

Por sua vez, Vergara (2008) aponta que são pessoas, em geral, com boa autoestima e outras competências essenciais como: preocupação com o futuro; capacidade de dar sentido à situação adversa para superá-la; são informadas; flexíveis; conscientes da própria história; esforçadas; sentem-se amadas e aceitas pela família ou por quem simbolicamente a substitui. Flach (1991) acrescenta ainda que “a resiliência não é uma qualidade exclusivamente interior. Sua existência, crescimento e sobrevivência dependem muito mais de quem ocupa o espaço ao nosso redor e da natureza do equilíbrio que existe entre nós e o mundo exterior” (p.213). Sintetizando, vários estudiosos apontam características de personalidade, coesão familiar e sistemas externos de apoio como fatores de proteção que compõem a resiliência.

Como o foco desta dissertação centra-se na relação entre resiliência e criatividade, optou-se por destacar as características da pessoa resiliente através de uma visão do fenômeno da resiliência como possibilidade emancipatória dos sujeitos, em sua interface com criatividade. É o que acontece no próximo capítulo.

RELAÇÕES ENTRE CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA

Será mesmo possível relacionar os conceitos de criatividade e resiliência? Caso a resposta seja afirmativa, o que tem sido estudado sobre a ligação entre esses dois fenômenos? Embora as duas temáticas venham recebendo atualmente bastante atenção por parte do meio científico, devido principalmente ao fato de serem consideradas mecanismos favoráveis ao desenvolvimento sadio do indivíduo, o que se tem notado é uma carência de estudos que investiguem essa relação, de forma que esta dissertação tem por objetivo realizar uma análise na biografia de uma pessoa reconhecidamente criativa e, supomos, também com comportamento resiliente. Sabe-se que pesquisas de análise biográfica têm sido cada vez mais reconhecidas pelo meio científico, uma vez que muitas descobertas e avanços no conhecimento acumulado estão sendo feitos não somente por aqueles que fazem estudos de investigação primária, mas também por aqueles que usam as revisões de literatura como um método para descobrir o significado da produção existente (Martins, 2001), analisando-as e apontando os pontos deficientes em determinada temática.

A importância desse tipo de olhar também se justifica diante da constatação de que, durante muito tempo, a psicologia baseou-se no estudo e na compreensão das patologias e enfermidades mentais, de forma a gerar um corpo de conhecimento consistente, o qual deu origem a teorias acerca do funcionamento mental humano. Entretanto, esta ênfase da psicologia clássica na enfermidade acabou por provocar um descuido em relação aos aspectos positivos e aos recursos internos do indivíduo, tais como bem estar, satisfação, esperança, otimismo e felicidade, ignorando-se os benefícios que esses trazem às pessoas (Greco, Morelato & Ison, 2006, Yunes, 2006). Nesse sentido, um movimento contrário foi iniciado – a Psicologia Positiva, a qual se

propõe a estudar os comportamentos humanos, não em relação aos déficits e sintomas, mas sim em uma perspectiva focada nas potencialidades e habilidades, a fim de compreender a saúde mental (Taboada, Legal & Machado, 2006). Logo, a Psicologia Positiva passou a ser definida como o estudo científico de experiências, traços individuais positivos e instituições que seriam facilitadores do desenvolvimento. A Psicologia Positiva acaba tendo por objetivo a descoberta de novos conhecimentos que visam a ajudar as pessoas e os grupos a resolver problemas de saúde e melhorar a qualidade de vida (Fiorentino, 2008).

Conhecer a relação que pode ser estabelecida entre recursos resilientes e características criativas é de grande valia para a construção de um conhecimento teórico que garanta aos profissionais da saúde e educação um embasamento para a elaboração de projetos e programas orientados para a recuperação de saúde, da dignidade e da condição humana de milhares de pessoas que sofrem situações de adversidade. Considerando que compreender melhor os fenômenos psicológicos associados à criatividade é interessante tanto para o indivíduo como para a sociedade, uma vez que a criatividade pode representar um papel positivo na vida cotidiana de cada um, ajudando, por exemplo, a resolver os problemas das relações que se pode encontrar na vida afetiva ou profissional (Lubart, 2007), poderemos ver que no plano social a criatividade, aliada à resiliência, poderia ser um recurso utilizado como forma de encontrar as respostas mais eficazes e as soluções mais adaptadas na presença de um ambiente desfavorável. Para esse mesmo autor, fortes competências emocionais (no presente estudo compreendidas como resiliência) favorecem a resolução de problemas de ordem emocional e guiam as operações cognitivas graças aos índices emocionais presentes nesta situação.

Por esse motivo, podemos considerar que a Psicologia Positiva é condizente com os estudos sobre criatividade, justamente por ter um caráter de rompimento de paradigmas e por propor um novo olhar para os estudos psicológicos, mais voltado ao potencial de cada indivíduo, relacionando-os de forma direta com o termo resiliência, já que este também visa identificar nas pessoas seus pontos positivos, tendo um olhar voltado não para limitações e doenças, mas sim para suas manifestações saudáveis e fortalecidas. Nesse sentido, Yunes (2006) coloca que vários autores *experts* no assunto apresentam um “consenso a respeito de algumas características fixas da resiliência, sendo a criatividade apontada como uma delas” (p.51). Nesse mesmo sentido, Bragotto (2009) reafirma haver uma relação próxima entre os dois conceitos, ao expressar que “as circunstâncias adversas, ou seja, aquelas contrárias a nossa vontade, que de imediato trazem desconforto e infortúnio, podem ser o mote para um salto inovador” (p.73). Gardner (2007) também argumenta nesta direção ao afirmar:

Apenas uma pessoa que esteja disposta a se levantar e ‘tentar de novo’ tem chance de forjar realizações criativas e, mesmo quando uma realização foi endossada pelo campo, o criador prototípico raramente descansa sobre seus louros; em lugar disso continua avançando por um caminho longo e inexplorado, totalmente pronto para arriscar o fracasso mais e mais vezes, em troca de deixar mais uma marca diferente. A atividade criativa carrega uma boa cota de dores de cabeça, mas o fluxo que acompanha uma descoberta, uma obra revolucionária ou uma invenção genuína pode viciar (p.76).

Gregerson (2007) faz um relato significativo, relacionando criatividade e resiliência, na sua experiência como testemunha ocular e terapeuta das vítimas do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Conta como o uso de recursos criativos (arte

terapia, caixa de areia, poesia, meditação e escrita de diário) auxiliou a superar seus próprios traumas e também os de outros indivíduos que passaram pelos ataques terroristas. Nas palavras do autor, “a criatividade transformou minha vida desafiada pela calamidade. O que começou como um inesperado suplício se tornou uma surpreendente descoberta e uma recompensa inesperada. Criatividade me fez crescer” (p.597).

Podemos citar outros programas em que os dois constructos se aproximam. Na região andina do Peru, o projeto Kuisqa Wawa, para prevenção dos efeitos negativos do maltrato em criança “é considerado inovador pois trabalha com um enfoque de resiliência que promove a autoestima, a criatividade, o humor, autonomia das crianças, além trabalhar com a família, a comunidade e organizações sociais” (Infante, 2007, p.26). Outro exemplo, apontado por Vanistendael (2000 citado por Melillo, 2007), aponta programas em escolas dos Estados Unidos e da França onde se trabalha a mediação entre pares na resolução de conflitos “para os quais devem ser encontradas, com imaginação e criatividade, soluções não violentas” (p.92).

Na década de 70, nos chamados *anos negros* da Argentina, aconteceu uma experiência descrita por Cuestas (2007) como um movimento de resistência à terrível opressão vivida que tinha como cerne a criatividade e a solidariedade (p.145). Também vem da Argentina o relato sobre uma experiência no hospital da cidade Justo Daract, com a realização de oficinas semanais para mulheres no bairro considerado mais vulnerável da cidade. Foram aplicadas estratégias para fortalecer a resiliência, enfocando a esperança de realização de “pequenos grandes sonhos que foram fortalecendo a autoestima, a criatividade, o humor, a independência, a moralidade, a solidariedade, a identidade comunitária” (Estamatti, 2007, p.157). Os resultados na qualidade de vida foram muito positivos ocasionando, segundo a autora, um efeito dominó na comunidade. Assim vimos nesses cinco exemplos de enfrentamento de

diferentes crises a palavra criatividade aparecer em todos os comentários sobre a busca de soluções.

Ainda na procura de entender como os dois constructos se relacionam, foram encontrados estudos sobre as características pessoais, tais como empatia, autoeficácia, assertividade, habilidades sociais, comportamento direcionado para metas e habilidade em resolver problemas, funcionariam como fatores de proteção, de forma que esses também estariam envolvidos na capacidade de resiliência ao reduzir o impacto de risco e de reações negativas. Pinheiro (2004), Oliveira, Reis, Zanelato e Neme (2008) também apontam fatores de proteção relativos a otimismo, flexibilidade, apoio social, autoestima, autoeficácia, enfrentamento, controle dos impulsos, domínio e espiritualidade, cuja função é amenizar o efeito e as consequências negativas esperadas pela maioria das pessoas. Greco, Morelato e Ison (2006) destacam que algumas características das pessoas criativas estão relacionadas com flexibilidade cognitiva, capacidade criativa, habilidades para resolver problemas interpessoais, bom nível de autoconceito e vínculos de apego. Ainda de acordo com as autoras, a ampliação cognitiva, gerada pela capacidade de experimentar emoções positivas, teria influência sobre as habilidades cognitivas de solução de problemas, a criatividade e sobre o autoconceito, visto que, frente a uma situação problema, o indivíduo resiliente tende a gerar pensamentos alternativos e encontrar soluções criativas que resultem em adaptação.

Sequeira (2009), por sua vez, aponta que uma revisão da literatura descreveu ambientes facilitadores de resiliência teriam regras e funcionamento coerentes e flexíveis, respeito, reconhecimento, tolerância às mudanças, empatia, comunicação aberta, tolerância aos conflitos, valorização e incentivo a agir e interagir com o meio, a buscar soluções para seus problemas e desafios a serem superados, existência de

atividades culturais que promovam o desenvolvimento de um repertório de expressão e, principalmente, incentivo a planos para o futuro, sonhos e a construção de caminhos para realizá-los. Bruder (2005, 2007) afirma que, dentre os pilares da resiliência, destacam-se, entre outras características, o humor (capacidade de encontrar o cômico no meio da tragédia) e a criatividade (capacidade de criar beleza a partir do caos e da desordem). Rodriguez (2007) também argumenta nesta direção, afirmando: “reservar, dentro da definição de resiliência, um lugar para a criatividade e a surpresa, mostra porque os trabalhos sobre resiliência incluem habitualmente o humor como um dos fatores promotores” (p.134).

A partir dessa concepção, o que se pode notar é que boa parte das características classificadas como pessoais protetoras, também são descritoras da pessoa criativa. Assim, a resiliência pode ser definida como a construção de soluções criativas diante das adversidades presentes na sociedade atual, da qual resulta um duplo efeito: a resposta ao problema em questão e a renovação das competências e do impulso vital dos indivíduos. A resiliência envolveria não somente o controle sobre a situação, mas também um determinado reforço para que o indivíduo siga lutando por novos resultados pessoais (Barlach, Limongi-França & Malvezzi, 2008).

O levantamento dos posicionamentos de pesquisadores sobre a relação entre os dois fenômenos nos leva à percepção de que a criatividade vem sendo, frequentemente apontada como uma das características presentes nas pessoas resilientes. Nesse sentido, convém explicitar que, de uma forma geral, o conceito de criatividade embutido nas concepções de resiliência parece referir-se mais à habilidade de resolução de problemas do dia a dia, cuja definição vem sendo apontada por alguns autores como a criatividade do Little c. De acordo com Davis (1999 citado por David, Nakano, Morais & Primi, 2011), esse tipo de criatividade encontra-se presente em qualquer indivíduo, sendo

descrita como uma criatividade essencialmente genérica, que nos permite resolver problemas diários, compreender o mundo que nos rodeia e viver de forma saudável e auto-realizada. Assim, se considerarmos que a expressão criativa se refere, segundo Raina (1999, p.454 citado por David et al, 2011) ao fato de que essa pode ser conceptualizada como “um processo de percepção de novas relações e novos desafios, de adaptação a situações em constante mutação e de expressão de respostas e de uma percepção única e individual, através do simbolismo da arte, da ação social e apropriada ou alargamento de conhecimento, de modo a que sejam encontradas respostas a problemas individuais e sociais”, poderemos assumir a importância da sua estimulação como forma de promover um melhor aproveitamento escolar e um percurso académico mais satisfatório para o aluno, relacionado a um bom aproveitamento escolar.

Como forma de ilustrar tal relação, podemos lembrar algumas pessoas resilientes e criativas famosas como, por exemplo, Nelson Mandela, que permaneceu preso durante quase 30 anos, muitos dos quais em uma solitária. Ao sair, concorreu à presidência da África do Sul, foi eleito e, mesmo enfrentando muitas dificuldades sociais e económicas, governou com sabedoria e inovação, tendo obtido respeito internacional. No Brasil, entre tantos, citamos Machado de Assis, Aleijadinho, Chiquinha Gonzaga, Nise da Silveira e Clarisse Lispector. Todos, à sua maneira e em sua época, viveram situações adversas e, mesmo assim, realizaram trabalhos de indiscutível talento criativo. Lispector, por exemplo, vivia em condição familiar financeiramente difícil, agravada pela doença da mãe, a qual sofria de uma paralisia progressiva. “Aos sete anos, começou escrever textos e mandar para um jornal, demonstrando sua criatividade e interesse precoce pela arte como forma de expressão de suas sensações e angústias” (Assis, Pesce & Avanci, 2006, p.12).

Em estudo sobre resiliência de adolescentes, Trombeta e Guzzo (2000) citam duas fontes teóricas que relacionam os conceitos aqui enfocados. A primeira vem de Wolin e Wolin (1993), os quais destacam sete aspectos ou comportamentos resilientes dentro do contexto familiar, sendo um deles a criatividade:

Insight : hábito de fazer perguntas e dar respostas honestas; Independência: distanciamento físico e emocional enquanto satisfaz suas próprias demandas; Relacionamento: encontro de um equilíbrio maduro entre a satisfação de suas próprias necessidades e a capacidade de dar/doar-se aos outros; Iniciativa: consideração dos problemas como desafios para exercitar o controle; Criatividade: colocação de ordem, beleza e objetivo no caos de suas experiências, problemas e sentimentos dolorosos; Humor: encontro do cômico em meio à tragédia; Moralidade: consciência que estenda seu desejo de uma boa vida para todos os seres humanos (p.10).

Outra referência trazida pelas autoras é Flach (1988), a qual fala em dezesseis características da personalidade resiliente, novamente aparecendo entre elas a criatividade:

Busca de soluções, sentido forte e flexível de autoestima, independência de pensamento e ação, habilidade de dar e receber, disciplina pessoal e senso de responsabilidade, criatividade, reconhecimento e desenvolvimento dos próprios talentos, mente aberta e receptiva a novas ideias, disposição para sonhar, grande variedade de interesses, apurado senso de humor, percepção dos sentimentos próprios e dos de outros, capacidade de comunicar esses sentimentos de forma adequada, tolerância ao sofrimento,

compromisso com a vida num contexto filosófico em que experiências pessoais possam ser interpretadas com significado e esperança até nos momentos mais desalentadores e capacidade de adaptação e flexibilidade (Trombeta & Guzzo, 2000, p.11).

Entretanto, a autora coloca tais aspectos como características da personalidade resiliente, embora isso não signifique que devam ser vistos como traços inatos e permanentes, podendo pensá-los como pontos a serem trabalhados e desenvolvidos pela família, escola e comunidade.

Dessa forma observamos que várias outras características resilientes aqui citadas poderiam se associar à categoria criatividade, pois aparecem nos estudos como aspectos da mesma, por exemplo: mente aberta e flexível a novas idéias, grande variedade de interesse, capacidade de adaptação e flexibilidade, além do humor já destacado anteriormente. Nesse sentido Flores (2008, p.3) faz referência a mais autores que relacionam resiliência com criatividade: “Lara *et al* (2000) concluem que as áreas desenvolvidas por meninos e meninas resilientes seriam: autoestima, criatividade, humor, ideologia pessoal e desejo por sentido, vínculos afetivos com uma pessoa significativa e rede social de pertencimento; Panez e Silva (2002) se referem a cinco variáveis para o modelo de resiliência: autoestima, autonomia, criatividade, humor e identidade cultural; Núñez (2003) se refere aos seguintes atributos: humor, criatividade, tolerância a frustração, saber esperar, reconhecer as próprias capacidades, espaço de controle interno e crer que as coisas podem mudar”.

Novamente vemos que, além da criatividade, o humor aparecer nas citações desses outros autores, fazendo-nos pensar que o dito popular “rir é o melhor remédio” é bem verdadeiro, pelo menos no que tange à resiliência. Flach (1991) também se refere a esse ponto quando diz: “o humor carrega o absurdo, ele também traz novos e inusitados

padrões de pensamento” (p.203). A respeito da autoestima – outra característica bastante citada, Predebom (2008) traz uma observação interessante ao articulá-la com criatividade da seguinte forma: “ao aperfeiçoar o uso de nossa criatividade crescemos como indivíduo e passamos a exercer melhor nossa individualidade, com enormes ganhos na vida prática e na própria autoestima” (p.121). Mais um comentário, desse mesmo autor, ilustra a relação de criatividade com otimismo, esperança e motivação, também amplamente presentes nas referências sobre resiliência:

Olhar a vida com óculos criativos não significa, porém, que eles sejam cor de rosa. Podemos ter uma abordagem ‘para cima’ praticamente em todas as circunstâncias. E necessitamos expressamente dessa postura otimista para exercermos nossa potencialidade criativa. Ela está ligada à esperança e motivação, elementos indispensáveis para a mobilização de competências (p.195).

Deve-se destacar ainda outra relação que pode ser estabelecida entre os dois construtos: o desejo / vontade de superar a adversidade, presente na resiliência, atuando conjuntamente com a motivação intrínseca na criatividade. Ambos, nesse sentido, podem ser interpretados enquanto aspectos de competência emocional, justificando porque uma pessoa pode mostrar-se resiliente em determinados momentos e em outros, em igual condições, não apresentar tal característica.

González (2000) esclarece que a criatividade corresponderia a um potencial que todo sujeito pode desenvolver, o qual lhe permitiria enfrentar as situações de vida cotidiana de modo singular. Assim, na atualidade um grande desafio se apresenta: O que queremos com a criatividade? Quem desejamos que sejam criativos? Se a resposta a estas questões envolvem um posicionamento amplo e de inclusão, poderemos supor que seja necessário estudar comportamentos resilientes e criativos, ou seja, daqueles que

enfrentam com êxito e inovação as situações adversas, uma vez que, nesse contexto, um fato vem chamando a atenção da comunidade científica: como alguns indivíduos, mesmo inseridos em um contexto de adversidade, conseguem se desenvolver de maneira saudável? A resposta a esta pergunta pode nos levar ao levantamento de uma hipótese relacionada à existência de recursos criativos e resilientes nos indivíduos que superam as dificuldades ambientais e alcançam um desenvolvimento sadio. “Uma vez encontrado o modo de expressão preferencial, segue-se a formação declarativa, procedimental e técnica. Esse saber fazer conduz ao saber ser, ou seja, ao desenvolvimento de características pessoais que motivam a paixão pelo ato criativo e permitem lidar com obstáculos” (Bahia, 2008, p.236). Entendemos que esse lidar com obstáculos é, justamente, ser resiliente.

Por esse motivo, Oliveira e Nakano (2011) realizaram um mapeamento acerca de quantos e quais estudos relacionam criatividade e resiliência, nas bases de dados Scielo e Pepsic utilizando como descritores as palavras-chave “criatividade” e “resiliência” –separadamente, porque, ao tentar a combinação dos termos, nenhum artigo foi encontrado. Importante salientar que optaram por não limitar o período de publicação devido à escassez de estudos e ao recente surgimento do segundo termo no meio científico.

Na base de dados da Pepsic, 106 artigos retornaram a partir da palavra-chave criatividade e 29 a partir da palavra-chave resiliência. No Scielo foram encontrados 132 relacionados à criatividade e 101 à resiliência. Assim, trabalhando-se inicialmente a partir de um total de 368 artigos, uma triagem foi realizada a partir da leitura dos resumos desses trabalhos, de forma a identificar os artigos que trouxessem em seu título ou corpo alguma referência aos conceitos de criatividade e resiliência, abordando,

necessariamente, as duas temáticas. Foram excluídos todos aqueles que enfocavam somente um dos construtos.

Assim, sete trabalhos foram selecionados (quatro da base de dados Pepsic e três da base de dados Scielo), procedendo-se a leitura de todos na íntegra a fim de se identificar ano de publicação, autoria (filiação institucional), tipo de estudo (teórico ou empírico), método (quantitativo ou qualitativo), amostra e instrumentos utilizados, além de se investigar de que maneira a relação entre os construtos era abordada. Os resultados mostraram que, em relação ao primeiro dado analisado – ano de publicação, a autora buscou identificar o interesse pela temática nas publicações científicas. O pequeno número de artigos encontrados (n=7) já fornece importante constatação da pouca atenção que vem sendo dispensada à investigação da relação entre criatividade e resiliência. O levantamento mostrou ainda que as primeiras publicações aparecem em 2005 (n=3), mantendo-se no ano seguinte (n=2) e em 2008 (n=2). Nenhum estudo mais atual (dos anos de 2009 e 2010) foi encontrado, denotando uma grande carência de estudos e um interesse ainda pequeno por parte dos pesquisadores, de forma que lacunas para pesquisas futuras se fazem presente na temática.

O segundo dado analisado se referiu à filiação institucional dos autores dos trabalhos. Sua análise indica que a temática, embora em um número reduzido de trabalhos, vem sendo investigada tanto por pesquisadores nacionais quanto pesquisadores vinculados a universidades internacionais. No Brasil, encontramos pesquisadores de cinco universidades: Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Católica de Brasília, Universidade Federal do Mato Grosso e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É importante salientar que alguns artigos foram desenvolvidos em parceria por autores de diferentes instituições.

Os resultados demonstram que o reduzido número de trabalhos encontrados sobre o tema pode refletir, na realidade, uma situação mundial similar, fato que poderia ser confirmado em buscas em bases de dados internacionais. O pequeno número de pesquisas pode ser justificado ainda conforme já apresentado, devido ao surgimento recente do termo “resiliência”.

O terceiro dado analisado se referiu ao tipo de estudo que vem sendo desenvolvido. Pôde-se verificar que a maior parte deles (n=5) se constituiu como estudo empírico, e somente 2 como estudos teóricos. Porém, devido ao pequeno número de trabalhos encontrados, não se pode afirmar uma tendência de investigação baseada em um ou outro tipo de pesquisa. Um dos trabalhos, embora empírico, fez uso da pesquisa-intervenção, sem especificar se houve utilização de algum tipo de instrumento. Um levantamento dos instrumentos que vem sendo utilizados pelos estudos empíricos e das amostras neles enfocadas mostrou que foram encontrados quatro diferentes instrumentos, todos investigando somente a questão da resiliência (variando entre questionário, inventário e análise de relato verbal). Somente um deles (pesquisa-intervenção) enfocou e avaliou a questão da criatividade.

Nota-se ainda que nenhum dos instrumentos utilizados atende aos critérios psicométricos exigidos pelo Conselho Federal de Psicologia, provavelmente por ainda se encontrarem em fase de estudos acerca de sua validade e precisão. Nesse sentido torna-se importante salientar que, até o presente momento, não se encontra disponível para venda nenhum instrumento para avaliação da resiliência, havendo três para avaliação da criatividade, embora nenhum tenha sido empregado nas pesquisas investigadas. Observou-se ainda, em relação às amostras envolvidas, que todos os estudos fazem uso de amostra de estudantes (de faixas etárias diversificadas: crianças,

jovens e adultos), com apenas dois deles avaliando profissionais (executivos e professores).

Por fim, devido ao pequeno número de trabalhos encontrados, foi realizado um aprofundamento de cada artigo, referente a temática, abordagem e interface que realiza entre os construtos da criatividade e resiliência. Dos trabalhos teóricos, o primeiro artigo, intitulado “Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços” (Benghozi, 2005) enfoca a resiliência familiar como a capacidade da própria família de reconstruir os laços psíquicos, colocando a criatividade como uma alternativa para restaurar a credibilidade da capacidade familiar quando os laços são rompidos. O segundo artigo, “Contribuição de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência” (Silveira & Mahfoud, 2006) trata de um estudo sobre resiliência que entende esse construto como a capacidade do ser humano de enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido por experiências de adversidade, discutida de acordo com a visão de Frankl, fundador da terceira Escola Vienense de Psicoterapia (depois de Freud e Adler). Segundo sua teoria, a resiliência seria uma resposta criativa de superação a situações adversas.

Outro artigo, “O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações” (Barlach, Limongi-França & Malvezzi, 2008), discute o termo resiliência como referencial teórico para pesquisa no campo da Psicologia do Trabalho. O recorte teórico da pesquisa pressupõe que a resiliência pode ser definida como a construção de soluções criativas diante das adversidades presentes nas condições de trabalho e nos negócios da sociedade atual. Já o estudo “Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: rede de apoio social e fatores pessoais de proteção” (Amparo, Galvão, Alves, Brasil & Koller, 2008) investiga fatores sociais e pessoais que podem servir como proteção a adolescentes e jovens em situação de risco, enfatizando a compreensão contextual da adolescência e juventude no Brasil e a necessidade de implementação de políticas

públicas nesse sentido. No levantamento dos aspectos relevantes enquanto característica pessoal protetiva, a criatividade aparece associada à autoestima.

Dos artigos empíricos, o primeiro, intitulado “Espaço de criação criatividade e resiliência: formação docente numa perspectiva inter e transdisciplinar” (Silva, Alves & Motta, 2005), aborda a formação de professores ressaltando a possibilidade de se aprender atitudes resilientes e criativas nos espaços de criação. Dentre os sete artigos encontrados, esse é o único que traz os dois termos enfocados no título do artigo; os demais apresentam a relação somente no corpo do trabalho.

Dois deles apresentam instrumentos para a avaliação da resiliência. O primeiro, intitulado “Métodos e técnicas para medir resiliência: uma alternativa peruana” (Salgado Lévano, 2005), busca apresentar uma visão panorâmica das medidas de avaliação da resiliência, apontando os principais instrumentos psicológicos que foram desenvolvidos no Peru e propondo um novo instrumento, construído e contextualizado para a realidade peruana, o qual investiga fatores pessoais de resiliência, sendo um deles a criatividade. Os outros seriam autoestima, empatia, autonomia e humor. O segundo artigo, “Fatores resilientes associados ao rendimento acadêmico em estudantes universitários pertencentes à Universidade de Sucre” (Díaz, Giraldo & Buitrago, 2006), investiga a existência de fatores resilientes associados ao rendimento acadêmico de uma amostra de estudantes universitários colombianos. O instrumento utilizado para tal fim foi um questionário que pretende explicar os fatores pessoais que servem como proteção e força para pessoas em situações difíceis e adversas, entre os quais estariam criatividade, introspecção, iniciativa, humor, interação, independência, moralidade e pensamento crítico.

Como podemos observar, dos sete artigos encontrados, apenas um consiste em um enfoque simultâneo de criatividade e resiliência. Todos os demais focam a resiliência e tratam a criatividade apenas como um aspecto a ela relacionado.

Tais resultados nos remetem ao questionamento inicial: é possível relacionar criatividade e resiliência e quais os estudos existentes nesse sentido? Pelos dados obtidos, temos uma resposta afirmativa, uma vez que vários autores, em diferentes abordagens, estabeleceram esta relação. Porém, consideramos que esses ainda são em número insuficiente, fato que reforça a necessidade de outros estudos que busquem investigar especificamente como os dois conceitos interagem.

Nota-se ainda uma grande lacuna em relação à investigação da criatividade, pois nenhum dos artigos investigou diretamente essa característica. Tampouco foram encontradas pesquisas que avaliassem a criatividade em uma amostra resiliente. Chama também a atenção a inexistência de instrumentos validados para avaliação da resiliência na população brasileira e, embora essa situação seja diferente em relação à criatividade, nenhum dos instrumentais que avaliam esse construto foi empregado nas pesquisas empíricas.

Devido ao pequeno número de trabalhos disponíveis sobre a temática, os levantamentos realizados no presente estudo apontaram uma área carente de pesquisas, cujos resultados seriam de grande valia para a construção de conhecimentos que garantam embasamento para a elaboração de projetos e programas orientados para a recuperação de saúde, da dignidade e da condição humana de milhares de pessoas que sofrem situações de adversidade.

Esse posicionamento é reforçado pela declaração de De La Torre (2005), a qual aponta para a necessidade de maior investigação sobre esses dois conceitos ao chamar a atenção para o fato de que “as teorias atuais sobre criatividade apresentam um vazio

conceitual em relação às experiências vitais fortes e impactantes” (p.194). Assim, após ter trabalhado com os conceitos de criatividade e resiliência, será apresentada no capítulo a seguir a história de vida de uma personalidade escolhida, para que, posteriormente, possa ser realizada a análise dessas duas características em sua biografia.

NISE DA SILVEIRA, DADOS BIOGRÁFICOS

“Quero ser lembrada com emoção”.

Em um dos últimos encontros do grupo de estudos,
quando alguém lhe perguntou: Depois de partir, como ela gostaria de ser lembrada?

(Horta, 2008, p.76)

“Nise da Silveira nasceu em 15 de fevereiro de 1905, em Maceió, Alagoas. Filha de Maria Lídia, dona de casa, muito culta e exímia pianista; e Faustino Magalhães Silveira, professor, jornalista apaixonado por poesia e matemática” (Horta, 2008, p.27). “Homem dotado de muitos interesses, teve decisiva influência na formação da filha” (Ferreira, 2008, p.279).

“A família Magalhães da Silveira era ligada aos principais grupos intelectuais e políticos de Alagoas” (Horta, 2008, p.31). “Entre seus tios paternos, o mais velho foi senador do Império, outro escritor, e um terceiro dono de jornal e deputado. E seu pai era considerado pelos sobrinhos “como o mais inteligente da família” (Horta, 2008, p.32). “Filha única, a pequena Nise, em casa, era o centro das atenções” (Horta 2008, p.24). “Desde criança os livros eram sua paixão: literatura, filosofia e artes, mais tarde (já adulta) a psicologia analítica e a mitologia. Grande paixão, também, para como os animais, em especial os cães e gatos” (Ferreira, 2008, p.280).

Uma de suas importantes lembranças são as visitas nas quais, acompanhando o pai ao jornal do tio, ficava impressionada com a gráfica, o linotipo e a tinta de impressão. Horta (2008) também lembra seu amor pelos “livros de diversos autores, que ela devorava com curiosidade e sede de saber” (p.32).

Em 1920, com 15 anos, terminou o curso secundário no Colégio S. S. Sacramento. Seu pai, na ocasião, auxiliava um grupo de jovens sobrinhos que iriam

prestar o vestibular para medicina em Salvador. Nise entusiasmou-se com a ideia e, apoiada pelo pai, também estudou e foi aprovada, tendo sido a primeira alagoana a se graduar em medicina e a única mulher naquela turma de 157 rapazes. Sobre esta época ela dizia: “O convívio com professores e colegas não me intimidava... o que mais incomodava era o fato de não haver banheiro feminino na faculdade. Naquela época, mulher era tida como anjo - não mijava...tiveram que providenciar um banheiro para mim” (Horta, 2008, p.132).

Após alguns meses em Salvador, passou a viver com seu primo Mário Magalhães da Silveira, seu companheiro por mais de sessenta anos. Seu pai continuou dando-lhe incansável apoio, viajando quinzenalmente de Maceió a Salvador para acompanhar pessoalmente seus estudos e os dos primos. A filha era “sua jóia, seu orgulho, a alegria e o motivo de viver” (Horta, 2008, p.134).

Com muita alegria seu pai assistiu ao último exame realizado pela filha, em que ela defendeu de forma brilhante a tese *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil*. Dois meses depois faleceu repentinamente, aos 45 anos. Nise e a mãe, sem reservas financeiras, venderam os bens – inclusive o piano, algo que, para a mãe pianista, não deve ter sido fácil. D. Lídia passou a morar com parentes e Nise partiu para o Rio de Janeiro (Horta, 2008, p.128). Lá, enfrentou tempos difíceis, pois não era comum uma médica mulher encontrar empregos disponíveis, devido ao fato de que os alojamentos para médicos plantonistas eram exclusivamente masculinos. Contudo, Nise nunca foi uma esposa convencional e não queria depender do marido, insistindo em ter sua própria vida com autonomia.

Morou no bairro de Santa Tereza, convivendo com intelectuais e artistas, tendo sido vizinha de Manuel Bandeira. Estagiou com o neurologista Antonio Austregésilo e, estimulada por ele a prestar um concurso público para médica psiquiatra, acabou sendo

aprovada e, por questões econômicas, foi morar no próprio hospital. Graças à convivência com os pacientes do hospital, rapidamente acabou percebendo uma grande diferença entre o que estudara nos manuais de psiquiatria e o que observava na realidade. Por conta disso, sempre priorizou o respeito e a afetividade em suas relações com os enfermos.

Em 1936, em plena Ditadura Vargas – quando socialistas ou simpatizantes da esquerda eram duramente perseguidos, foi denunciada por uma enfermeira do hospital, acusada de subversão por possuir livros “proibidos”. Foi presa e permaneceu um ano e quatro meses cativa. Entre seus companheiros de cárcere estavam Olga Benário e Graciliano Ramos (Motta, 2008, p.19). Após ser libertada, viveu até 1944 clandestinamente no Rio, no nordeste e em Manaus, correndo o risco de ser novamente presa. Ao ser anistiada, voltou para o serviço público como psiquiatra no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Lá, deparou-se com colegas entusiasmados com “novos métodos de tratamento”, tais como choques elétricos e aplicação de insulina. Impressionada com a brutalidade de tais procedimentos, recusou-se a usá-los. Diante disso, não teve outra alternativa senão aceitar ser “rebaixada” para a Seção de Terapia Ocupacional do hospital.

Naquele setor também não concorda com a maneira com que os pacientes são tratados, observa que os mesmos são mais usados como empregados, do que verdadeiramente cuidados. Inicia uma transformação, ao introduzir oficinas, primeiro de costura de bordado, depois a de desenho e pintura, inaugurada em setembro de 1946 e depois outras de vários tipos de atividades, divididas em quatro grupos: “trabalho (marcenaria, sapataria, encadernação, cestaria, costura e jardinagem etc.), expressivas (pintura, modelagem, gravura, música, dança, mímica, teatro, etc.), recreativa (jogos, festas, cinema,

rádio, televisão, esportes, passeios, etc.) e culturais (escola, biblioteca etc.)” (Mello, 2001 p.71).

A partir destas experiências, observando de forma atenta e receptiva a expressão dos seus clientes, Silveira “questiona dogmas profundamente arraigados no discurso psiquiátrico” (Melo Junior, 2010, p.182). Diz ainda esse autor que ela fez sua grande contribuição na reformulação dos serviços de saúde mental ao se posicionar contra o que os tratados de psiquiatria clássica afirmavam: os doentes mentais sofriam processos degenerativos perdendo gradativamente suas funções psíquicas superiores. Ainda de acordo com Melo Junior (2010), os estudos da ousada médica caminhavam em direção oposta ao indicar a “permanência do pragmatismo, da inteligência e principalmente, a manutenção da capacidade da pessoa em tratamento em serviço de saúde mental se relacionar de maneira afetiva” (p.182).

Ela defendeu a necessidade de uma reviravolta na maneira como tais pessoas eram tratadas, propondo a extinção dos métodos agressivos (eletrochoque, lobotomia e coma insulínico) e pregando a criação de condições terapêuticas adequadas, ambiente acolhedor – sem nenhuma forma de coação, favorecendo-se, assim, as oportunidades de expressão, seja pela pintura, modelagem, música e/ou pelo teatro, as quais fossem acompanhadas por uma “postura estável do terapeuta, possibilitando, assim, que o afeto catalise as forças autocurativas da psique” (p.183).

Os resultados alcançados com esses trabalhos ganharam repercussão, atraindo artistas e outros intelectuais, brasileiros e internacionais. No campo das artes, fomentou transformações, “contribuindo de maneira direta nas formulações do neoconcretismo no Brasil” (Melo Junior, 2010, p.183). O enorme interesse desta estudiosa pela obra de Antonin Artaud – poeta, ator, roteirista e teatrólogo francês que viveu em Paris no início do século XX, estando internado em hospitais psiquiátricos por mais de nove anos,

incitou o ator Rubens Correa, seu amigo próximo, a montar os espetáculos *Diário de um louco*, *O futuro dura muito tempo* e *Artaud*, os quais se tornaram marcos no teatro brasileiro.

Em 1950, Silveira fundou o Museu de Imagens do Inconsciente e, em 1956, a Casa das Palmeiras, instituição pioneira destinada ao tratamento e à reabilitação dos egressos de instituições psiquiátricas em regime de externato, onde as atividades expressivas definidas por ela eram utilizadas como principal método terapêutico. Sobre sua atitude com as pessoas, Ferreira (2008) conta:

os colaboradores na sua maravilhosa obra são incontáveis; artistas de cinema, teatro e TV, músicos, poetas, arquitetos, diplomatas, senhoras donas de casa, empregadas, antropólogos, artistas plásticos, alguns psicólogos e poucos médicos. Os seus colegas psiquiatras não apreendiam sua visão e atuação de vanguarda. O incrível é que andarilhos e pessoas perdidas emocionalmente, movidas por ideias revolucionárias, criativas e precursoras, contribuíram de alguma forma na realização de sua obra pioneira. Ocupava longo tempo com pessoas altamente criativas; ouvindo-as, observando-as, e mesmo humildemente aprendendo com elas (p.282).

Em 1957 foi para Zurique estudar no Instituto C. G. Jung, com bolsa de estudo do Conselho Nacional de Pesquisa, lá permanecendo durante onze meses. Um ano depois, participou como membro fundadora da *Société Internationale de Psychopathologie de l' Expression*, de Paris. Os anos seguintes foram de muita produtividade, entremeados de grandes desafios: a fundação do Grupo de Estudo Carl Jung, envolvendo significativa quantidade de participantes e admiradores pelo seu trabalho; a promoção da publicação da revista *Quarternio*; a publicação dos livros

Jung, vida e obra; Imagens do inconsciente; Os inumeráveis estados do ser; O mundo das imagens e A ferra do boi, entre outros. Mesmo com todas essas conquistas, continuou enfrentando pessoas que discordavam de seus métodos inovadores de tratamento.

Foi aposentada compulsoriamente ao completar 70 anos, mas não se afastou do trabalho, tendo continuado a atuar como voluntária. Enfrentou o risco da cegueira, passando por uma operação delicada, deparou-se com a morte do marido e, com a debilidade da saúde, precisou usar cadeira de rodas. Por fim, ficou só e com dificuldades financeiras.

Todavia, nada disso abalou sua disposição, seu envolvimento com o trabalho nem a crença em seus princípios, permanecendo lúcida e produtiva até os 94 anos, quando morreu em 30 de outubro de 1999.

Diante desses relatos concordamos com Ferreira (2008), segundo o qual Nise da Silveira foi “precursora não apenas na área da saúde, mas também em muitas áreas do pensamento, onde se expressava com originalidade e espantosa criatividade.” (p.279) e mais, podemos dizer que foi também uma pessoa resiliente por todos os percalços enfrentados.

Para melhor visualizar o percurso da personagem estudada, resumimos os principais acontecimentos de sua biografia, baseado no livro de Horta (2008, p.395):

1905- Nasce em Maceió, Alagoas, em 15 de fevereiro.

1920- Conclui o curso secundário e faz vestibular para Faculdade de Medicina da Bahia.

1921- Muda-se para Salvador. Depois de algum tempo passa a viver com Mário Magalhães da Silveira, seu primo e colega de faculdade.

1926- Forma-se em medicina.

1927- Morre seu pai. Muda-se para o Rio de Janeiro.

1932- Faz estágio na clínica de neurologia do Professor Antonio Austregésilo.

1933- Passa no concurso para médica psiquiatra da antiga Assistência a Psicopatas e Profilaxia. Passa a trabalhar e residir no Hospital Nacional de Alienados.

1936- É presa, em 26 de março, acusada de subversão.

1937- Em junho é colocada em liberdade.

1938 até 1944- Vive na clandestinidade, temendo ser presa novamente.

1944- É anistiada e retorna ao serviço público, no Centro Psiquiátrico Pedro II. Recusa-se aplicar o eletrochoque.

1946- Passa a fazer parte da Seção de Terapia Ocupacional. Inaugura o atelier de pintura. Realiza a primeira mostra de imagens pintadas pelos internos.

1947- A mostra é transferida para o edifício do Ministério da Educação.

1949- Realiza a exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

1950- Obras de seus internos participam de exposição no I Congresso Internacional de Psiquiatria em Paris.

1952- Funda o Museu de Imagens do Inconsciente.

1954- Envia carta para Jung, com fotografias de mandalas das obras dos internos.

1955- Início informal das atividades do Grupo de Estudo Carl G. Jung.

1956- Funda a Casa das Palmeiras.

1957- Participa do II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique. Encontra-se pessoalmente com Jung.

1957 até 1958- Estuda no Instituto C. G. Jung e inicia análise com Marie-Louise von Franz.

1960- Torna-se membro-fundadora da Sociedade Internacional da Psicopatologia da Expressão, com sede em Paris.

1961 até 1962- Realiza novamente estudos no Instituto C. G. Jung.

1964- Viaja à Suíça para participar do *Exchange of Research Workers Grant* da Organização Mundial da Saúde.

1965- Publica o primeiro número da revista *Quarternio*, do Grupo de Estudo C. G. Jung.

1968. Publica o livro “Jung, vida e obra”.

1969- Oficializa o Grupo de Estudo C. G. Jung.

1970- Visita David Laing ao Museu de Imagens do Inconsciente.

1975- Organiza as comemorações do centenário de C. G. Jung. Em julho é aposentada compulsoriamente.

1976- Realiza o curso sobre imagens do inconsciente, sob o patrocínio da Associação Médica dos Estado do Rio de Janeiro.

1979- Passa a exercer a função de supervisora científica do Projeto de Treinamento Terapêutico e Manutenção do Museu até 1981.

1980- A partir desse ano, elabora 15 documentários audiovisuais que sintetizam as principais pesquisas desenvolvidas por ela e por seus colaboradores.

1981- Publica o livro “Imagens do Inconsciente”.

1986- Morre seu marido. Nise quebra a perna e passa andar de cadeiras de rodas.

1987- Inaugura a exposição “Os Inumeráveis Estados do Ser”.

1989- Publica o livro “A Farra do Boi”.

1992- Lança o livro “O mundo das Imagens”.

1993- Participa do Congresso Internacional de Psiquiatria, no Rio de Janeiro.

1998- Publica o livro “Gatos, a emoção de lidar”.

1999- Morre no Rio de Janeiro, em 30 de outubro, aos 94 anos.

2000- O Centro Psiquiátrico Pedro II passa a se chamar Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira.

MÉTODO

Material

Por constituir um estudo do tipo documental, a pesquisa não envolveu participantes diretos. Assim, foram consultados livros, artigos, entrevistas, documentários, matérias de jornal e de revista, além de todo e qualquer material que fomenta-se a coleta de informações sobre a biografia da personalidade escolhida como foco do estudo.

Segundo Flick (2009), embora registros e documentos não tenham sido produzidos para fins de pesquisa, as informações neles contida podem ser utilizadas . Esse é o campo da análise documental. De acordo com o autor, os documentos podem ser estudados de um modo qualitativo (como é construída a história de vida de uma pessoa). Nos registros oficiais sobre esse indivíduo, pode-se utilizar a análise de documentos como método autônomo, no qual a pesquisa contará com a informação sobre aquela realidade em estudos. “Os documentos são, dessa forma, meios para a construção de uma versão específica de um evento ou processo, e normalmente, também em uma perspectiva mais ampla, para decifrar um caso específico de uma história de vida ou de um processo” (Flick, 2009, p.236). Assim, os documentos não são somente uma simples representação dos fatos ou da realidade. Alguém os produz visando algum objetivo (prático) e algum tipo de uso, inclusive definindo-se a quem serão destinados tais dados. Ao decidir-se pela utilização de documentos em um estudo, deve-se sempre vê-los como meios de comunicação, uma forma de contextualização da informação. No caso da presente pesquisa, a opção se deu pelo acesso a documentos de publicação aberta, ou seja, documentos que estão acessíveis a qualquer parte interessada.

O maior problema apontado pelo autor na análise de documentos refere-se ao fato de que, como em outras pesquisas, “as limitações de recursos podem forçar o pesquisador a ser seletivo em vez de usar todos os documentos disponíveis ou necessários” (p.234). Isso porque os documentos necessários às vezes não estão disponíveis, acessíveis ou simplesmente se perderam. Outras vezes eles têm guardiões que impedem o pesquisador de prosseguir a utilizá-los, ou ainda, há casos de pessoas que bloqueiam o acesso a documentos que se referem direta ou indiretamente a elas. Por esse motivo, diversas foram as fontes selecionadas para a coleta de dados da história de vida do indivíduo foco deste estudo. No entanto, não se pode deixar de considerar as limitações desse tipo de estudo, dado o amparo somente em fontes secundárias de informação.

Instrumento

Com a finalidade de direcionar o levantamento dos dados coletados, foi construído um roteiro de análise cujo foco é a identificação das características criativas e resilientes na biografia escolhida. O roteiro encontra-se dividido em duas partes: na primeira buscou-se analisar a temática da criatividade, tomando-se como referência a definição de dois autores. Do primeiro modelo – de Sternberg e Lubart (1992), foram retirados seis aspectos: inteligência, conhecimento, estilo de pensamento, personalidade, motivação e meio ambiente. Do segundo modelo – desenvolvido por Gardner (1996), foram retirados embasamentos para a análise dos três sistemas que interagem na criatividade: indivíduo, campo e área (ou domínio). Desse último autor, foi utilizado como base um de seus livros, intitulado “*Mentes que Criam – Uma Anatomia da Criatividade Observada Através das Vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky,*

Eliot, Graham e Gandhi” (Gardner, 1996), de forma que a análise de Nise da Silveira equivalesse, de certa maneira, à oitava personagem estudada.

No trabalho, procurou-se estabelecer uma ligação entre as peculiaridades criativas de Nise da Silveira e os padrões de criatividade observados em outros indivíduos, conforme recomendação do próprio autor:

No trabalho ideográfico, o foco incide agudamente sobre o estudo de caso individual, com seus destaques e métodos peculiares. No trabalho nomotético, ao contrário, o foco recai sobre uma busca de leis gerais; tal trabalho, por sua própria natureza, desconsidera idiosincrasias individuais, buscando em contrapartida aqueles padrões que parecem aplicar-se a todos, ou à vasta maioria dos casos... tento começar a construir uma ponte que ligue os domínios geralmente separados das linhas idiográfica e nomotética de trabalho sobre criatividade (Gardner, 1999, p.149 e 150).

Esse tipo de abordagem também foi apontada por Candeias (2008), ao afirmar que:

Howard Gardner (1983,1999) e Mihaly Csikzenmihalyi (1996,1997) têm apostado em abordagens mais ideográficas com o objetivo de compreender o dinamismo do processo criativo na pessoa e na sua interação com o contexto, baseando-se em estudos biográficos de figuras históricas ou de destaque no presente (p.56).

Dessa forma, torna-se importante salientar que o trabalho realizado com o livro base foi desenvolvido dentro de uma abordagem bastante ampla, proveniente de estudos interdisciplinares e dividida em quatro temas principais: “Temas Organizadores,

Estruturas Organizadoras, Questões para investigação Empírica e Temas Emergentes” (Gardner 1996, p.25). Nesta dissertação escolhemos focar apenas a parte que ele chama de “Questões para investigações empíricas” e os elementos que a compõem (nível individual, nível de domínio e nível de campo), explicitados a seguir.

O nível individual envolve quatro aspectos básicos: (1) questões cognitivas, (2) questões motivacionais e de personalidade, (3) questões social-psicológicas e (4) padrões de vida. O segundo nível – do domínio, envolve outros 3 aspectos: (1) natureza dos sistemas simbólicos, (2) tipo de atividade e (3) *status* de paradigmas. Por fim, o nível do campo envolve a relação com (1) mentores, (2) rivais e (3) seguidores. As definições de cada nível e seus aspectos serão fornecidas por ocasião da análise.

Gardner (1996) afirma que, com esta abordagem, não tem pretensões de chegar a respostas fechadas, quantitativas, e sim “questões que orientam seu trabalho empírico, questões que algum dia serão resolvidas através de uma combinação de estudo de caso e investigação historiométrica” (p.37). Desta mesma forma pode ser entendido o alcance desse trabalho.

Assim, baseando-se nos dois modelos explicativos da criatividade, a autora desta dissertação elaborou questões norteadoras para análise de cada um desses temas relacionados à criatividade, cujas respostas serão procuradas nos materiais consultados, conforme roteiro a seguir:

A) Nível Individual

A.1) **Questões Cognitivas:** 1.1) “Qual a natureza das forças e fraquezas intelectuais (as inteligências particulares)?; 1.2) Há evidência de comportamento prodigioso já no começo da vida?

A.2.1) Questões Motivacionais e de Personalidade:

Motivação: 2.1.1) O indivíduo apresenta motivação intrínseca e focada?; 2.1.2) Demonstra orgulho pelo seu trabalho?; 2.1.3) Desempenha determinada tarefa por vontade própria, buscando o melhor de si?; 2.1.4) Deixa-se convencer facilmente?; 2.1.5) Assume projetos difíceis?; 2.1.6) Insiste em metas que não são bem sucedidas inicialmente ou abandona-as?

Personalidade: 2.2.1) O indivíduo tem tolerância para conviver com divergências?; 2.2.2) Tem disponibilidade para correr riscos?; 2.2.3) Demonstra atuar de forma responsável nas situações sociais?; 2.2.4) Projeta uma imagem positiva para os colegas?; 2.2.5) Mostra-se líder ou figura de influência?

A.3) Questões Sociais-Psicológicas: 3.1) Quais as características mais marcantes do contexto social-psicológico vivido pelo indivíduo na infância, na juventude e na maturidade?; 3.2) Estas características fomentaram o surgimento de ideias originais/divergentes/individualizadas?; 3.3) Qual a reação do contexto social (ou campo) em relação ao produto criativo e ao indivíduo criativo?

A.4) Padrões de Vida: 4.1) O indivíduo encara os problemas de perspectiva global?; 4.2) Apresenta algum estilo característico na sua forma de pensar e agir?; 4.3) Costuma usar recursos diversificados para solucionar problemas ou demonstra agir sempre da mesma maneira?; 4.4) O indivíduo é flexível no uso dos conhecimentos que possui, ou seja, transfere informações de um contexto para outro?; 4.5) Aplica conhecimentos anteriores para solucionar problemas?

B) Nível de Domínio: B.1) Destaca-se em alguma área específica?; B.2) Qual a natureza dos sistemas simbólicos, ela trabalhou?; B.3) Qual o tipo de prática criativa ela realizou?.

C) Nível do Campo: C.1) Quais foram seus principais mentores?; C.2) Como foram suas relações com rivais?; C.3) Como foram suas relações com seguidores?

Na segunda parte, para analisar a temática da resiliência, também foi elaborado um roteiro usando duas referências. A primeira é um modelo proposto por Munist *et al* (1998 citado por Assis, Pesce & Avanci, 2006), o qual destaca quatro tipos de atributos: 1) competência nas relações sociais e valores cultivados, 2) capacidade de resolução de problemas, 3) conquista de autonomia e 4) sentido/propósito para vida e o futuro. Tais autores optam por uma abordagem na qual “os tópicos seguem uma linha teórica que concebe a resiliência não pela ausência ou presença de determinado distúrbio ou comportamento, e sim pela presença de atributos que auxiliam o enfrentamento de problemas” (p.26). Assim, o roteiro elaborado como guia para a presente análise baseou-se nos itens usados em suas pesquisas para compreender os mecanismos de resiliência, tendo sido selecionados aqueles que foram considerados mais significativos, juntamente com mais alguns dos itens propostos como Pilares da Resiliência por Suarez Ojeda (1997 citado por Melillo, Estamatti & Cuestas, 2005). São eles: a) Introspecção; b) Independência; c) Capacidade de se relacionar; d) Iniciativa; e) Humor; f) Criatividade; g) Moralidade e h) Autoestima consistente.

Dessa maneira, o nosso roteiro ficou assim composto:

- 1) Qual o papel da família e das amizades na vida do indivíduo? (Competência nas relações sociais e valores cultivados/capacidade de relacionar-se).
- 2) Demonstra sentir satisfação consigo próprio e realização profissional? (autoestima consistente)
- 3) Qual a capacidade de dar sentido para a própria vida? (Introspecção)
- 4) Como é sua capacidade de resolução de problemas?
- 5) Demonstra independência e autonomia? De que maneira?
- 6) Apresenta senso de humor?
- 7) Que outros fatores de proteção atuaram em sua história de vida?

Procedimentos

A pesquisa teve início com a definição de uma personalidade que seria estudada. Os critérios utilizados foram: ser brasileiro, com sinais de eminência criativa e resiliência. E assim chegou-se ao nome de Nise da Silveira, devido ao seu papel entre os pioneiros na história da Psicologia e aos indícios de criatividade e resiliência em sua vida e obra.

A partir dessa escolha foram coletados dados sobre sua biografia, constantes em livros, depoimentos, artigos em jornais, revistas ou fontes online. Depois de reunido o material, uma análise de tais registros foi realizada, de forma a identificar aqueles que pudessem fornecer elementos significativos dentro da temática da Criatividade e da Resiliência.

Os fatos e informações selecionados foram classificados segundo as questões presentes em um roteiro elaborado, o qual teve como base os autores e modelos já citados, procurando-se identificar episódios indicadores de comportamento criativo e resiliente. Posteriormente buscou-se relacioná-los com a literatura científica.

CATEGORIZAÇÃO DOS REGISTROS E DISCUSSÃO

Classificamos os comentários sobre o comportamento e atitudes de Nise da Silveira como possíveis indicadores de criatividade e resiliência. Na coleta e classificação desses registros observamos que algumas questões sobre criatividade e resiliência encontram-se bem relacionadas, de maneira que um exemplo de um comportamento criativo pode servir também para categorizar resiliência. Procurando objetividade e clareza, decidiu-se por focar, primeiramente, os aspectos referentes à criatividade e, em seguida, resiliência, apontando pontos nos quais os construtos se aproximam. E, em terceiro lugar, destacar alguns pontos das relações entre os dois.

Criatividade na vida de Nise da Silveira

A) Nível Individual

A.1.) Questões Cognitivas

Entre os autores que abordam a importância das questões cognitivas para a criatividade, citamos Lubart (2007) e Gardner (2001). Na definição do primeiro autor, cognição “envolve inteligência e conhecimento” (p.19), ao passo que o segundo autor esclarece a importância da inteligência para produção criativa. Para ele:

é um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura. São potenciais – neurais presumivelmente – que poderão ser ou não ativados, dependendo dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis nesta cultura e das decisões pessoais tomadas por indivíduos e/ou famílias, seus professores e outros (Gardner, 2001, p.47).

Nesta conceituação vemos que o autor fala em “solucionar problemas e criar produtos”. Tem-se aí, implícita ou explicitamente, a ideia de que para ser inteligente temos que ser criativos. Mas isso nos leva imediatamente a um questionamento: será que podemos pensar também o contrário, para sermos criativos temos que ser inteligentes? Sobre esta proximidade entre os dois conceitos, Gardner (2001) coloca:

Há paralelos e diferenças entre minhas definições de criatividade e inteligência. As pessoas são criativas quando conseguem solucionar problemas, criar produtos, ou levantar questões numa área de uma forma nova, mas que acaba sendo aceita em um ou mais cenários culturais. Do mesmo modo, um trabalho é criativo se, antes de mais nada, sobressai primeiro pelo ineditismo mas, em última instância, passa a ser aceito numa área. O teste decisivo da criatividade é simples: o trabalho tido como criativo acabou provocando alguma mudança na área? (p.144/145).

Uma pesquisa recente, realizada com 825 jovens portugueses, verificou opiniões a respeito de pessoas criativas e inteligentes (Bahia, 2007). “Os resultados mostraram uma dicotomia presente no senso comum, a de que cientistas são inteligentes e artistas criativos”. Diante disso a autora nos desafia colocando questões como:

Será que Miguel Ângelo não demonstrou inteligência, ou seja, capacidade para aprender nova informação, compreender o mundo e utilizar os seus recursos para lidar com desafios? Na sua produção criativa Mozart não terá utilizado o raciocínio abstrato, a resolução de problemas e a tomada de decisão? (p.489)

Walt Disney foi só criativo, não combinou conhecimento e processos mentais para criar seu império de fantasias? Também Spielberg e tantos outros criativos não necessitam também contar com seus

processos metacognitivos? Por outro lado os cientistas como Freud, Wundt, Pavlov e Piaget, para citar apenas a área da Psicologia, teriam sido só inteligentes ou também foram “inovadores, originais, curiosos, flexíveis e inconformistas? (Bahia, 2007, p.488).

Poderíamos seguir esta linha e também questionar sobre a personagem por nós estudada. Nise da Silveira foi cientista ou artista? O que mais se destacava: sua inteligência ou sua criatividade? O que podemos dizer sobre os processos cognitivos de Nise da Silveira?

Na tentativa de se responder às questões que seguem, buscou-se investigar suas habilidades cognitivas e a existência de possíveis comportamentos prodigiosos ao longo da sua vida.

A.1.1) Qual a natureza de suas forças e fraquezas intelectuais (as inteligências particulares)?

Acreditamos que nas descrições de comportamentos que indicam interesse por determinado assunto, residam sinais de prováveis “forças”. Nesse sentido, Gardner (1999) afirma que “a área de energia da criança (sua inteligência predominante) emerge quando ela tem relativamente pouca idade e a família encoraja esses interesses, embora possa haver ambivalência...” (p.153). Tal comportamento pode ser encontrado na fala de Silveira (Horta, 2008):

Meu pai era professor e também escrevia para o jornal de seu irmão. Quando eu era pequena, me lembro de que ele me levava na redação para visitar e ficar lá com o pessoal. E eu, em tempos seculares, me sentava no colo do tipógrafo e ficava **fascinada com aquelas letras todas, nas caixas** (p.32) (grifo nosso).

Entendemos que esse comportamento, descrito como “fascínio”, seja indicativo do seu interesse pela área da escrita e que o pai provavelmente reforçava-o, levando a filha para estas visitas ao jornal. Em outro exemplo, é explicitado que o interesse Nise da Silveira na área linguística acontece pelo comportamento voraz pela leitura, vinculado a uma grande curiosidade.

Desde cedo era grande leitora. Livros de diversos autores, que ela **devorava com curiosidade e sede de saber** (Horta 2008, p.32). (grifo nosso).

No próximo exemplo, mais uma vez temos o papel do pai incentivando a leitura, associando cuidado e afeto com o ato de ler.

Numa noite, tive uma dor de dente terrível... Então, meu pai varou a noite lendo contos para mim. **Ouvindo, eu me esqueci de todo o resto. Nem sentia mais dor!... Desde menina, adoro literatura** (Horta, 2008, p.36) (grifo nosso).

Adulta, Nise da Silveira continuou a manifestar paixão pela leitura, conforme relato:

Quando eu ia a uma livraria, encontrava um livro interessante e não podia comprar na hora, chamava um dos meus amigos bem altos e pedia para esconder o livro em uma prateleira, lá em cima. Ao arranjar dinheiro, eu ligava e dizia: ‘Vamos lá buscar o livro’. Então nós voltávamos e eu comprava. Esse truque sempre dava certo. Quando eu não encontrava alguém alto, eu mesma dava um jeito de esconder, até poder voltar (Horta, 2008, p.116).

Para entendermos um pouco mais sobre o papel do interesse na questão dos processos cognitivos, buscamos também uma referência em um dos pioneiros dos estudos da gênese desses processos. Nassif e Campos (2005) afirmam que Clàparede, com um enfoque interacionista, entende interesse no seu sentido etimológico (interesse: estar entre) “expressa o seu papel intermediário entre as necessidades do organismo (sujeito) e o meio (objeto)... assim os objetos que nos importam, e que se relacionam com uma necessidade, parecem ter o poder de suscitar energia...” (p.1). Essa relação fica bastante explícita nos trechos citados, dada a valorização e a importância da leitura para Nise.

Parece que a personagem volta-se, de forma mais aprofundada, para a área linguística. Nesse sentido, pode-se levantar a hipótese que esse interesse precoce pela escrita representa a manifestação de facilidade/predominância de um tipo específico de inteligência: a Inteligência Linguística. No modelo das inteligências múltiplas, criado por Gardner (1995), inteligência linguística é entendida “como as habilidades para lidar com os significados das palavras, para organizar gramaticalmente as frases e para usar adequadamente a linguagem na comunicação diária e na solução de problemas” (Almeida, 1994, p.39). Entretanto, antes de responder, observemos outro relato, aparentemente contraditório, mas que pode ampliar o entendimento dos processos cognitivos de Nise da Silveira.

Eu era menina e, quando tinha de **estudar línguas**, eu chorava como uma bezerra desmamada. Não gostava. **Tinha dificuldade**, aquilo pra mim, pequena, era difícil (Horta, 2008, p.34) (grifo nosso).

Assim, o que se pode visualizar é uma possível diferenciação entre gostar e ter facilidade para leitura em geral e outra habilidade diferente, que envolve o aprendizado

de uma língua estrangeira, destacando-se, notadamente seu interesse pelo primeiro tipo. Nesse sentido Gardner (2005) diz:

Amplamente falando, a inteligência linguística envolve facilidade no uso da linguagem falada e escrita. Como acontece com todas as inteligências, existem diversos “subtipos”, ou variedades, de inteligência linguística: a inteligência do indivíduo que é bom em aprender línguas estrangeiras, por exemplo, ou a inteligência do hábil escritor que consegue transmitir ideias complexas em uma prosa bem-escrita (p.42).

Devido a seu interesse pela leitura e estudo, Nise da Silveira foi criando uma biblioteca particular, chegando a ponto de ser necessário comprar um apartamento vizinho para poder comportá-la adequadamente (Horta, 2008). Considerando esses sinais e sua produção escrita, representada pela publicação de mais de doze livros, podemos supor que ela realmente apresentasse uma Inteligência Linguística bastante desenvolvida.

Outros aspectos característicos do seu perfil são as “inteligências que envolvem conhecer os seres humanos” (Gardner, 2005, p.49), também conhecida como Inteligência Pessoal, a qual engloba a Inteligência Interpessoal e Inteligência Intrapessoal, “compreendida como a capacidade de lidar com situações pessoais e sociais envolvendo opiniões, sentimentos, motivações ou relações interpessoais” (Almeida, 1994, p.40). Em relação à primeira, o autor destaca que “utilizamos para discriminar uma pessoa de outras, compreender suas motivações, trabalhar efetivamente com elas (Gardner, 2005, p.49). Sobre a segunda, a Intrapessoal, podemos destacar “a sensibilidade ao temperamento ou à personalidade, a capacidade de antecipar as reações dos outros, as habilidades de liderar ou seguir efetivamente, e a capacidade de mediar”

(p.49). Estas características foram explicitamente visíveis em toda sua trajetória de vida. Desde sua infância temos indícios disso, em comportamentos de empatia com animais ou com pessoas.

Desde criança, **eu amo os animais**. Sempre encontrava algum deles abandonado, levava pra casa. Quando meus pais não queriam deixar que ficassem, eu chorava até conseguir. Chorava alto, agarrada a um gato, um cachorro. Desde pequena sou assim com os bichos (Horta, 2008, p.35).

Os próximos registros reforçam outras importantes características de Nise da Silveira, relacionados à inteligência social: a capacidade de empatia, de atenção, preocupação com pessoas em situações de exclusão.

Desde nova, eu não entendia por que eu tinha tudo e a maior parte das pessoas não tinha nada (Horta, 2008, p.28).

E também:

Hoje, eu me lembrei da primeira vez que fui ao cinema. Durante muito tempo pedi para ir, até que um dia minha mãe decidiu me levar. Naquela época, cinema era coisa pra adultos!... Parece irresponsável que eu tenha ido, em criança - mas aconteceu. Era um filme policial. Numa das cenas, a polícia tentava pegar os ladrões. Então, eu subi na cadeira e gritei: ‘ Olhem! Olhem! É o automóvel da polícia! Fugam, que a polícia vem aí!!! O cinema veio abaixo, rindo. Minha mãe, envergonhadíssima, rapidamente me fez sentar na cadeira. Ali estava um pequena subversiva... (Horta, 2008, p.35).

Mais um exemplo aponta para sua facilidade de colocar-se no lugar do outro: foi uma situação em que ela defendeu um menino chamado José Caralâmpio. Ele era aluno de seu pai e estava para ser reprovado em matemática. A menina insistiu muito para que ele tivesse nova chance e pudesse ser aprovado. Por esse motivo Nise da Silveira ganhou do pai o apelido de Caralâmpia (Horta, 2008, p.38). Uma curiosidade a esse respeito: mais tarde o escritor Graciliano Ramos, seu colega nos tempos de prisão, criou uma personagem, para homenageá-la. “A Terra dos Meninos Pelados, história infantil escrita logo depois que o autor saiu da prisão, tem como personagem central a princesa Caralâmpia, uma liberdade vestida de menina, coroada de flores e invulnerável, inclusive aos répteis” (Mesquita, 2000, p.60).

Mais tarde, já durante sua atuação profissional, os indícios de inteligência social continuaram a se fazer presentes através da criação de uma nova abordagem não violenta de tratar pacientes internados em hospitais psiquiátricos, vítimas de conflitos psicológicos e excluídos socialmente, gerada principalmente pela capacidade que ela demonstrava em entendê-los, respeitá-los, valorizá-los e lutar por eles. Lembramos que a inteligência social inclui a dimensão intrapessoal ou interpessoal, podendo-se observar, em relação a essa questão, que Nise da Silveira mostrou estas capacidades enxergando uma situação que poderia ser diferente, ao indignar-se com a forma de tratamento dos internos do Hospital Psiquiátrico (intrapessoal). Nise da Silveira viu um problema onde a maioria não via e direcionou seus esforços, articulando pessoas e recursos para criar soluções (interpessoal).

Ainda tratando dos aspectos cognitivos da personagem estudada, retomamos a referência de Lubart (2007). Sobre as capacidades intelectuais tidas como fundamentais dentro do processo criativo, cita a capacidade de “identificar, definir e redefinir o problema (ou tarefa) (p.21). Melhor explicando, diz que “a capacidade para solucionar

os problemas pode se manifestar na forma de colocar as questões ou na maneira como as coisas poderiam ser no ideal, comparando esse ideal à situação atual” (p.22). De La Torre (2005) fala desta mesma característica, denominando-a ‘Sensibilidade aos problemas’ e explicando que a “pessoa criativa é aquela que sabe olhar o que outras pessoas já viram e enxergar aquilo que elas não conseguiram ver. A sensibilidade delas em relação aos problemas altera sua percepção” (p.123).

Interessante observar que, enquanto o primeiro autor a vê como um aspecto do funcionamento cognitivo, o segundo a enfoca como característica da personalidade. Isto nos faz pensar que cognição e personalidade são um amálgama que tentamos separar, teoricamente, apenas para tentar maior compreensão.

Até o momento analisamos alguns registros relacionados à configuração de sua inteligência. Vejamos agora em relação a comportamentos indicativos de uma alta habilidade e do conhecimento por ela construído.

A.1.2) Há evidência de comportamento prodigioso já no começo da vida?

De acordo com a literatura, um aspecto que aparece com frequência no perfil de pessoas criativas é uma inteligência acima da média. Nesse sentido Colon (2008) afirma que:

Uma pessoa deve saber, conhecer e manejar muita informação e conhecimento para poder chegar a oferecer um produto socialmente valorizado como criativo. A aquisição desses conhecimentos e dessas habilidades é uma tarefa que exige inteligência, **uma alta inteligência**. Uma pessoa criativa deve superar provas que exijam inteligência. Por isso dizemos que a inteligência funciona como um umbral (p.206) (grifo nosso).

A definição de Gardner (1995) mostra que “o talento é um sinal de um potencial biopsicológico precoce, em algum dos domínios existentes em uma cultura. Um indivíduo que avança rapidamente, que é promissor num domínio ou numa tarefa existente, merece o epíteto de talentoso” (p.50). Assim, ainda de acordo com o autor, os indivíduos podem ser talentosos em qualquer área reconhecida que envolva inteligência.

Dada essa definição, comentários de pessoas que conviveram com Nise da Silveira nos levam a crer que ela apresentava características de Altas Habilidades, tal como a fala de Horta (2008):

Criança-prodígio, adolescente de fina sensibilidade, jovem que prenunciava emancipação feminina. Uma figura que, por atos e fatos, se tornou ícone e alicerce de gerações. Personalidade única e inesquecível (p.25) (grifo nosso).

Outro registro aborda comportamentos que normalmente não observamos nos adolescentes de modo geral. “Na biblioteca de seu pai, Nise teve contato com livros de autores diversos. **Ainda adolescente**, deu-se uma **paixão**: ela conheceu as obras do **filósofo Baruch Spinoza**” (Horta, 2008, p.43) (grifo nosso). Hoje em dia, e supomos que também na década de 20, dificilmente um adolescente mergulha e se apaixona pela obra de um filósofo, a não ser que tenha interesses e habilidades acima da média. Nesse sentido, Gardner (1995) explica que o período que antecede a adolescência funcionaria como um aprendizado, rumo à perícia em domínios específicos, sendo que, aqueles que avançam mais rapidamente podem ser considerados talentosos ou prodigiosos. O autor destaca que “se ainda não é apresentado um trabalho criativo, as condições para uma vida criativa (ou não criativa), já podem estar sendo criadas” (p.55).

Mas o registro que nos parece mais confiável para afirmar que ela possuía características de Altas Habilidade se dá em relação a seu ingresso na faculdade, destacado por Horta (2008) e, posteriormente, confirmado pela própria Nise da Silveira:

Nise da Silveira fez **vestibular para Faculdade de Medicina da Bahia, com 15 anos de idade. Foi aprovada** (Horta, 2008, p.41).

Vou lhes contar um fato que me aconteceu, na ocasião. **Eu não tinha a idade exigida para fazer vestibular. Tinha 15, era preciso ter 16.** Então, em Maceió, foi feito um outro documento mudando a data do meu nascimento, deixando-me mais velha (Horta, 2008, p.41) (grifo nosso).

Mesmo considerando que naquela época a concorrência para ingresso em uma faculdade não era tão alta como acontece atualmente, ela o fez antes de ter a idade mínima (16 anos). Pode-se ainda acrescentar o fato dela ter sido a primeira mulher no estado de Alagoas a cursar Medicina. Se tivesse capacidades cognitivas apenas dentro da média da população, teria ousado aventurar-se em um espaço profissional tão inovador para mulheres da sua região?

Nesse sentido, é importante ressaltar que não basta a presença de bons esquemas cognitivos: é a interação inteligência/conhecimento que proporciona a base para a interiorização de condições fundamentais para se transitar, compreender e avançar em determinado campo. Conforme explica Csikszentmihalyi (1998)

Uma pessoa que quer fazer uma contribuição criativa deve não só trabalhar dentro de um sistema, como também reproduzir esse sistema dentro da sua mente. Em outras palavras, a pessoa deve aprender as regras e conteúdo desse campo, assim como os critérios de seleção, as preferências do âmbito (p.68).

Assim, Nise da Silveira pode ter sido privilegiada com uma inteligência que, segundo os relatos encontrados, situava-se acima da média, mas, também possuía uma forte motivação para aprofundá-la em leituras e estudos, os quais propiciaram condições para suas criações.

A.2) Motivação e Personalidade

Esses dois aspectos fazem parte do que alguns autores chamam de Aspectos Conativos da Criatividade (Lubart, 2007). Para delimitar seu papel em nossos estudos, foi utilizada a concepção de Mitjans Martínez (2007), a qual entende “criatividade como um processo da subjetividade, na qual a categoria do sujeito ocupa um lugar relevante, contribui, para romper a dicotômica separação entre o social e o indivíduo, tão comum na literatura da área” (p.56). Salientamos que os processos psicológicos são construídos por um sujeito ativo dentro de um contexto social, posição coerente com nossa inspiração no modelo de estudo de criatividade proposto por Gardner (1996).

Procuramos traçar a configuração personológica de Nise da Silveira dando destaque para a motivação, tendo em mente as relações sociais e históricas nas quais ela estava inserida e que serão analisadas posteriormente, nos itens referentes a Domínio e Campo. Nesse sentido, o destaque que damos à motivação está fundamentado em um estudo de Amabile (1998). Para ela, esta característica tem um papel muito importante: “dentro de cada indivíduo, a criatividade é uma função de três componentes: expertise, pensamento criativo e motivação” (p.78). A autora enfatiza a motivação intrínseca, afirmando que: “Uma paixão interna para resolver o problema em questão leva a soluções muito mais criativas do que fazer recompensas externas, tais como dinheiro” (p.78).

Csikszentmihalyi (1990) denomina a motivação intrínseca de experiência “autotélica”, pois o prazer de determinada atividade está na própria realização e não em suas consequências. Ele descreve esta situação como estado de fluxo ou experiência máxima, “quando as informações que chegam à consciência estão em concordância com as metas, a energia psíquica flui sem esforço” (p.39). Resumindo, não existe desperdício de atenção e nem cansaço, a realização de um trabalho é altamente prazerosa. Assim, buscando-se responder à primeira questão (presença de motivação), seguem registros que mostram como a tal se apresentava na vida de Nise da Silveira.

2.1.1) O indivíduo apresenta motivação intrínseca e focada?

Para iniciar a discussão, buscamos uma afirmação em que se observa que sua motivação para o trabalho era uma questão vital, intrínseca.

Há no meu temperamento essa fúria. Quando eu quero uma coisa, eu insisto. Todo o dia, sem falta, eu levantava cedo, pegava o ônibus e ia trabalhar em Engenho de Dentro. Todo dia, todo dia... Nada me tirava daquele caminho. **A palavra recuar não faz parte do meu dicionário** (referindo-se à aposentadoria compulsória quando completou 70 anos) (Horta, 2008, p.51) (grifo nosso).

Ela precisava dar continuidade a seus projetos, mesmo que para isso fosse preciso enfrentar burocracias e o desconforto de pegar diariamente ônibus, aos 70 anos de idade. Outro comentário explica melhor sua recusa pela aposentadoria e sua motivação intrínseca pelo trabalho. Ao dizer “não quero ganhar nada”, demonstrava não esperar recompensas externas.

Em 1975, quando me aposentaram - eu não queria - no dia seguinte me apresentei no Museu de Imagens do Inconsciente para trabalhar. ‘Sou a mais nova estagiária, voluntária, não quero ganhar nada’, eu disse. Então, havia funcionários que debochavam de mim, falavam, mexiam... mas eu não dava atenção (Horta, 2008, p.49).

Conforme citado anteriormente, Nise da Silveira explicava o próprio comportamento dizendo ‘há no meu temperamento esta fúria’, isto nos remete a uma das características dos indivíduos com Altas Habilidades, citadas por Winner (1998): “**Fúria por dominar** – as crianças superdotadas são intrinsecamente motivadas a extrair sentido da área na qual demonstram precocidade” (p.13) (grifo nosso). Na frase, a autora refere-se a ‘crianças’ mas podemos entender que tal comportamento é extensivo ao comportamento dos adultos. Assim, além de mais uma marca de sua alta motivação, temos outro indício de que Nise da Silveira é uma pessoa com dotação acima da média em sua área de interesse, conforme já comentado anteriormente.

Wechsler relaciona esses dois aspectos da seguinte forma: “A motivação e a coragem estão intimamente ligadas com a produção criativa, pois de nada adianta termos altas habilidades ou potenciais se não possuímos a motivação para testar nossas ideias, ou a coragem de criar” (p.78). Também Candeias (2008) reforça essa percepção ao afirmar que “para além do mero potencial e ser criativo, um indivíduo precisa estar motivado e orientado por objectivos, quer extrínsecos, quer intrínsecos”, afirmando ainda que Amabile, em 1983, teria demonstrado a importância da motivação intrínseca para a produção criativa, destacando como as pessoas criativas habitualmente gostam do que fazem e estão focalizadas no esforço necessário para o conseguir, muito mais do que nas recompensas, assim como Sternberg e Lubart (1995 citados por Candeias, 2008) defenderiam que a orientação para objetivos extrínsecos também seria um móbil

para a decisão de trabalhar de forma criativa, tendo-se em mente a necessidade de ser útil e trabalhar em um determinado domínio.

2.1.2) Demonstra orgulho pelo seu trabalho?

De acordo com Candeias (2008), os indivíduos criativos são também notavelmente humildes e orgulhosos, porque

em primeiro lugar, o respeito pelo campo em que trabalham torna-os conscientes da numerosa contribuição que os precedeu... também são conscientes do papel que a sorte depositou nos seus próprios feitos... é comum estarem tão concentrados em projectos futuros e em tarefas actuais, que as suas realizações passadas, por mais destacadas que tenham sido, não lhes parecem demasiado interessantes (p.52-53).

Além de indicar o valor conferido à sua própria obra, o próximo relato mostra também sua tolerância à ambiguidade e a flexibilidade ao olhar seu trabalho como importante – e ao mesmo tempo modesto, frente a toda sua expectativa de realizar mais.

A verdade é que eu não sou modesta e não quero ser – até porque não sou mesmo! Não tenho modéstia nenhuma, **acho meu trabalho de grande importância**. Ao mesmo tempo, às vezes, paro, penso. Então acho que fiz pouco. Eu gostaria de ter feito mais... Muito mais! (Horta, 2008, p.124) (grifo nosso).

Vários outros registros mostram como esta alagoana sentia satisfação pelas suas conquistas:

O segredo da cura de muitos esquizofrênicos está lá no Museu de Imagens do Inconsciente. **O Museu é da mais alta importância**

como contribuição da psiquiatria brasileira para a psiquiatria do mundo. É por isso que os trabalhos não podem ser vendidos. É matéria de estudo e pesquisa da psique humana (Ferreira, 2008, p.315) (grifo nosso).

E ainda:

Tenho orgulho de dizer que transformei o serviço subalterno em serviço de alta categoria. O trabalho que se fazia na Terapia Ocupacional era tudo repetitivo quando fui designada para lá. **Eles faziam tudo igual todos os dias. Não existe coisa pior. Criamos oficinas de trabalho criativo, nada era repetitivo e chegamos a criar 17 oficinas expressivas.** Tínhamos a pintura e a modelagem como prioridades. Através das imagens, podíamos conhecer os processos psíquicos, o que se passa nas camadas mais profundas do ser (Ferreira, 2008, p.321) (grifo nosso).

Nesse sentido, deve-se destacar a importância da autoconfiança. Segundo Morais (2001), essa dimensão é importante para o indivíduo criativo “na medida em que lhe permite persistência na tarefa e resistência à crítica, rejeição ou insucesso antes da solução, ou antes que esta seja aceita socialmente” (p.75).

Ainda em relação à autoconfiança, Gardner (1996) observou, nos indivíduos criativos por ele analisados, que essa característica pode encontrar-se de forma exagerada, tendendo ao “egoísmo, egocentrismo e narcisismo” (p.293). Parece-nos que a satisfação pelo próprio trabalho que Nise da Silveira apresentava não atingiu esse ponto, tendo sido mantida certa consciência do seu limite. Conforme explicitado no primeiro item desta questão, ela dizia: “acho que fiz pouco. Gostaria de ter feito muito mais...”.

Um aspecto diretamente relacionado à autoconfiança, conforme coloca Wechsler (2008) é o Sentido de Destino Criativo, quando está muito claro para a pessoa “quem ela é, aonde quer ir e o que deseja realizar. Já resolvido o problema da identidade pessoal” (p.101). Ainda de acordo com a autora, tal característica permite que o indivíduo acredite nos seus próprios valores e ideias, de maneira a apresentar uma atitude de se ver responsável em contribuir para a humanidade.

Sobre a importância de investir nesse saber, Csikszentmihalyi (2008) diz:

O autoconhecimento - um remédio tão antigo que seu valor é facilmente esquecido - é o processo segundo o qual podemos organizar opções conflitantes. “Conhece-te a ti mesmo” era a inscrição no templo de Delfos, e desde então incontáveis epigramas têm exaltado sua virtude. O motivo da repetição tão frequente desse conselho é que ele funciona. A cada geração precisamos descobrir de novo o que significam essas palavras, o que esse conselho realmente implica para cada indivíduo. Para isto, precisamos expressá-lo em termos de conhecimento atual, e imaginar um método moderno para sua aplicação. (p.225).

O trabalho de Virgolim, Fleith e Neves-Pereira. (2000) é um exemplo claro de entrelaçamento do autoconhecimento e, conseqüentemente, da possibilidade de desenvolver o sentido de destino criativo e criatividade. As autoras mostram esse posicionamento ao propor um livro em que a primeira metade dos exercícios diz respeito a conhecer a si mesmo e a outra metade trabalha características criativas.

2.1.3) Desempenha determinada tarefa por vontade própria, buscando o melhor de si?

Quando escrevia seus livros – em processos que chegavam durar anos – a psiquiatra não o fazia facilmente. Às vezes, se exasperava, se irritava, se sentia insegura, tinha dúvidas. Rasgava o manuscrito, o invalidava. **Seu perfeccionismo e mania pelo rigor conceitual quase a levava às raias da loucura.** Tinha obsessão pela checagem das referências, citações, autores e grafia dos nomes (Horta, 2008, p.121) (grifo nosso).

Podemos interpretar, a partir desse registro, que existia no comportamento de Nise da Silveira a busca por um auto-desempenho excelente, o qual pudesse ser relacionado à motivação extrínseca. Entende-se que, ao escrever seus livros e se preocupar com ‘referências, autores e grafias dos nomes’, enfim, com a forma como ele chegaria ao público, ela se preocupava com sua receptividade. Lembramos que a motivação extrínseca não se refere apenas a recompensas materiais: outras coisas ou situações podem ter caráter recompensador, como aponta Lubart (2007):

Percebemos que esta ‘recompensa’ não se limita a uma remuneração financeira (salário, prêmio...) ou material (presente, troféu), ela pode ser um reconhecimento social, simbolizado pelo resgate de um prêmio (literário, musical, diploma...), um sucesso público ou ainda uma certa publicação (artigos) (p.50).

Romo (2008) nos auxilia a compreender melhor o papel da motivação extrínseca ao afirmar que “A questão é que as recompensas podem adicionar um efeito somatório, podem promover esforço criativo, quando as pessoas já estão intrinsecamente motivadas” (p.84).

Amabile (1990) menciona ainda que a autora ressaltava em suas pesquisas o valor da motivação intrínseca, reconhecendo posteriormente a contribuição da motivação extrínseca. “É certo que o trabalho criativo tem valor em si mesmo, valoriza-se a atividade em si, embora, caso o resultado tenha consequências favoráveis para o criador, isto serve indiscutivelmente de estímulo para perseverar (p.84). Sternberg (2000) exemplifica esta situação classificando o encontro dos dois tipos de motivação como uma importante característica do que ele denomina inteligência de sucesso.

As pessoas com inteligência de sucesso combinam motivação interna com a externa. Particularmente, elas encontram meios de obter recompensas externas para um trabalho cuja realização dependa da motivação interna. Elas, como eu mesmo, com frequência admiram o fato de serem pagas para fazer o que adorariam fazer de graça (p.281).

Importante ressaltar que esse autor nos diz que “sucesso, é um termo relativo, como a beleza, pode estar nos olhos de quem vê” (p.215) e que o chama de inteligência de sucesso é o equilíbrio da inteligência analítica, prática e criativa. Nesses termos, nos parece que Nise da Silveira se encaixaria como possuidora de inteligência de sucesso, reunindo motivação interna e externa.

2.1.4) Deixa-se convencer facilmente?

Conforme Morais (2001) salienta, a autonomia de atitudes e de comportamentos é marcada pela existência de um julgamento independente que orientará cognições, tomadas de decisão e ações das pessoas criativas. As regras ou conhecimentos não são aceitos por si, por terem sido transmitidos, instruídos ou valorizados socialmente, sendo guiados, muito mais, por convicções pessoais, de forma que o indivíduo criativo não é

“o tipo de pessoa que espera que os outros digam o que fazer” (Chambers, 1964, citado por Morais, 2001, p.74).

Nise da Silveira conta:

Durante o período em que passei distante da psiquiatria, tratamentos violentos foram descobertos e começaram a ser amplamente aplicados no Brasil. Após voltar ao hospício, fui designada a uma enfermaria, como assistente de um médico muito culto. ‘Você vai encontrar muitas novidades na psiquiatria. Hoje de manhã é o dia do eletrochoque’, ele me disse. Queria que eu aprendesse uma ‘simples e revolucionária operação’. Eu, então, o acompanhei até uma sala, onde estava um homem deitado, com um enfermeiro. O médico apertou o botão e o interno começou a se debater. O doutor me explicou as propriedades do tratamento e tentou inserir uma base de psiquiatria – achei uma ignorância!... Fiquei estarelecida com aquelas convulsões. De repente, os enfermeiros tiraram o doente, ainda trêmulo, e colocaram outro, parado. O médico falou: **‘Nise, é só você apertar esse botão! Houve um silêncio. - ‘Eu não aperto’**, respondi (Horta, 2008, p.88) (grifo nosso).

Esse episódio nos parece bastante importante e vale uma reflexão mais ampla, convidando o leitor a pensar “quantos botões apertamos” sem desejar, sem acreditar?

Nise da Silveira (SESC, 2010) afirma que a partir desse acontecimento ‘nasceu uma psiquiatra rebelde’. Esta denominação pode ser relacionada a uma fala de May (1982):

Quando uso a palavra rebelde para designar o artista (leia-se pessoa criativa), não me refiro a revolucionário ou assaltante: isto é diferente. Os artistas são em geral pessoas tranquilas, preocupadas com suas visões e imagens interiores. Mas é isso justamente que assusta a

sociedade opressora. São portadores da capacidade humana, antiga como o mundo, de se insurgir. Adoram mergulhar no caos para nele criar a forma, do mesmo modo que Deus criou o mundo. Eternamente insatisfeito com tudo que é mundano, apático e convencional, estão sempre conduzindo a mundos novos. São os criadores da 'consciência não-criada da raça' (p.30).

Assim, como consequência da recusa Nise da Silveira, seus chefes consideraram que ela não se adaptava às práticas médicas vigentes, e a transferiram para o serviço de terapia ocupacional. É interessante retomar o contexto em que isto aconteceu: foi depois de ter lutado para formar-se e conseguir trabalhar como médica em um universo predominantemente masculino, depois de estado na prisão por mais de um ano e de ter passado mais de cinco anos na clandestinidade. Ou seja, ao retornar ao seu cargo poderia estar fragilizada e poderia, por isso, aceitar docilmente as regras de seus superiores a fim de ser bem aceita no trabalho. Mas foi exatamente o oposto que aconteceu: ela teve o comportamento de alguém que não se submete, de uma pessoa bem determinada. O próximo registro mostra que não só o chefe a pressionava, mas também seus colegas.

...O eletrochoque e os remédios deixavam as pessoas endurecidas, para se acalmarem. E as enfermarias ficavam tranquilas, como os médicos queriam. Ora... isso é tortura!, concluí. Eu não fui torturada nos tempos de cadeia, mas ouvi os gritos de sofrimento de vários companheiros. Seria irônico e absurdo eu ter passado pela prisão e, após solta, torturar os outros. Não faria sentido!...Naquele dia, testemunhei o sofrimento do doente, durante a aplicação. Eu disse que não faria aquilo. **Os colegas tentavam me convencer sobre as**

maravilhas daquela engenhoca, mas recusei com firmeza (Horta, 2008, p.88) (grifo nosso).

Para Nise da Silveira esta firmeza em seus princípios e o inconformismo com certas situações fizeram muita diferença. Wechsler (2008) afirma que:

A pessoa criativa tem que ser inconformista e resistir às pressões da sociedade para pensar e se comportar de uma determinada maneira a fim de conseguir realizar novas descobertas. Se o objetivo de inventar é descobrir algo diferente do que sempre foi pensado, é condição *sine qua non* que coexistam, na sua personalidade, tanto características do inconformismo quanto de independência de julgamento (p.70 e 71).

Não fosse esta firmeza em suas atitudes, acreditamos que Nise da Silveira teria enveredado por um caminho profissional passivo, medíocre e, provavelmente, infeliz, incapacitando-a de concretizar todas as suas realizações.

2.1.5) Assume projetos difíceis?

Para Moraes (2001), a atração pela complexidade é levada em consideração na análise da personalidade de indivíduos criativos, dado o fato de que estes tendem a gostar de problemas, não só porque eles trarão soluções pragmáticas, mas pela vivência dessa própria condição. Por essa característica, os indivíduos criativos terão ousadia, propensão para o desafio e para o risco em seus investimentos.

Toda sua trajetória foi marcada por projetos difíceis, podendo-se elencar alguns: a escolha de uma profissão na qual prevalecia a atuação masculina; sua opção por viver com o companheiro sem legalizar a união (lembrando que isto aconteceu na década de 20 e 30); o trabalho em um hospital psiquiátrico; a recusa aos métodos agressivos de

tratamento; a criação das oficinas terapêuticas; a criação do Museu de Imagens do Inconsciente; a criação do Grupo de Estudo Carl G. Jung; a criação e a manutenção da Casa das Palmeiras; a escrita e a publicação de mais de 12 livros.

Lembramos que todas essas capacidades aqui apontadas são aspectos relacionados a análise dos traços de personalidade e da motivação da personagem estudada: a motivação intrínseca, o orgulho pelo trabalho realizado, o sentido de destino criativo, a busca do melhor de si, a firmeza na defesa de seus posicionamentos, o inconformismo e a persistência. Na prática formam um amálgama de características interdependentes. No caso em questão, percebemos que assumir projetos difíceis depende de cada uma delas, em especial queremos relacionar com o sentido de destino criativo, e a paixão por uma causa ou ideal (Wechsler, 2008, p.83).

2.1.6) Insiste em metas que não são bem sucedidas inicialmente ou abandona-as?

A relevância da persistência na criatividade é salientada por Moraes (2001) ao afirmar que “ao indivíduo criativo é associada a perseverança, a capacidade de concentração prolongada e intensa sobre a atividade que realiza” (p.77), dada a necessidade de colocar um conjunto de elementos como ninguém fez antes, o qual exige uma enorme quantidade de atenção e de investimento.

Vemos, na fala da Nise da Silveira, um comportamento de valorização na continuidade de seus trabalhos: “No Museu, em cima de sua mesa, tinha um quadrinho com uma sentença: “Todos os problemas resolvidos hoje não estão resolvidos amanhã. **Recomeçar tudo a cada dia**”” (Ferreira, 2008, p.340) (grifo nosso). No relato seguinte ela se refere à sua atitude de persistência.

... A primeira vez que li, foi há muito tempo. Eu gostaria de ter conhecido a Minkowska, mas isso não foi possível. Quando viajei para Europa, infelizmente ela já tinha morrido. No entanto, **como nunca me dou por vencida**, já que não pude vê-la, decidi conhecer seu marido: o Professor Eugène Minkowski (Horta 2008, p.383) (grifo nosso).

O próximo exemplo acrescenta mais dados sobre a dedicação de Nise da Silveira a suas atividades.

Lygia Franklin de Oliveira, que atuou na Casa das Palmeiras, guarda uma imagem especial da dama do inconsciente: “Eu me lembro – **Nise no chão, de joelhos, observando durante horas e horas** os trabalhos dos clientes, tentando compreender, decifrar os mistérios ocorridos na alma de pessoas sofridas e quase sempre desqualificadas pela sociedade” (Horta, 2008, p.188) (grifo nosso).

Esse comentário se encaixa perfeitamente com o que Csikszentmihalyi (1998) descreve como uma das características do estado de fluxo do processo criativo. “O sentido de tempo fica distorcido – geralmente no fluir esquecemos o tempo, e as horas podem passar como se fossem poucos minutos” (p.141). Entendemos que para uma pessoa ficar horas e horas de joelhos no chão, deve estar muito envolvida, sem perceber o tempo e o desconforto e, portanto, em estado de fluxo.

Se por um lado a pessoa criativa está tão envolvida em determinado trabalho que não sente o esforço demandado, por outro, para quem observa a situação, não resta dúvida que está ocorrendo um comportamento persistente, necessário para continuidade e conclusão de um trabalho que gera reconhecimento. De La Torre (2005) argumenta:

Desconheço que Nobel possa dizer que conseguiu tal estágio, sem esforço, sem que antes ou depois levasse uma vida de entrega e dedicação à sua obra. Atribui-se a Beethoven a frase: o gênio se compõe de 2% de talento e 98% de perseverante aplicação (p.30).

Mais do que comportamentos persistentes, podemos observar em algumas pessoas criativas – incluindo-se aí nossa personagem, uma atitude de vida de esforço e de constância radicais, algo que Gardner (1996) denomina “Barganha Faustiana do Criador... Em geral, os criadores estavam tão envolvidos na sua missão de trabalho que sacrificavam tudo, especialmente a possibilidade de uma existência pessoal profunda” (p.38). No caso de Nise da Silveira esta situação é observada em sua opção por não ter filhos. Segundo Horta (2008), as pessoas comentavam que existiam duas razões para esse fato: uma era devido aos laços de consanguinidade com o marido, seu primo em primeiro grau. A outra “diz respeito à vida profissional da psiquiatra, considerada por ela sagrada. Alguns creem que Nise desejava se dedicar ao máximo à sua obra” (p.365)

O conjunto das seis referências relacionadas à motivação e seus respectivos relatos indicam no trabalho de Nise da Silveira a presença de uma forte motivação intrínseca e também traços de motivação extrínseca, reafirmando a presença dessa importante característica em sua história de vida.

2.2) Aspectos gerais da personalidade

Muitos estudos relacionando características da personalidade e realização criativa surgiram, segundo Morais (2001), após a década de 50, de forma que duas linhas de pesquisa viriam a marcar os trabalhos nessa área da investigação da pessoa criativa: “o estudo de correlações entre características de personalidade (avaliadas por

testes) e manifestação criativa (avaliada por testes ou criações) e o estudo biográfico de criadores eminentes” (p.74).

Ao longo do tempo, vários autores tentaram categorizar quais seriam os aspectos mais marcantes da pessoa criativa (Lubart, 2007, p.39). Nesse sentido, Csikszentmihalyi (1998) diz que “talvez o primeiro traço que facilita a criatividade é uma predisposição genética para determinado campo” (p.74), ou seja, uma sensibilidade maior para determinados estímulos. Ainda na tentativa de explicar a pessoa criativa, esse autor, ao invés de listar características, como fazem vários pesquisadores, cita pares de características opostas e descreve como criativos os sujeitos que transitam dentro desses paradoxos, afirmando que:

se tivesse que expressar com uma só palavra o que faz a personalidade (da pessoa criativa) diferente das demais, esta palavra seria ‘complexidade’. Com isto quero dizer que mostram tendência de pensamento e atuação que na maioria das pessoas não se apresentam juntas. Possuem extremos contraditórios: em vez de ser ‘indivíduos’, cada um deles são ‘multidões’. Assim como a cor branca inclui todos os matizes do espectro luminoso, eles tendem a reunir um leque inteiro de possibilidades humanas dentro de si mesmos (p.79).

Mello (2001) fala sobre os paradoxos da personalidade de Nise da Silveira da seguinte forma: “A psiquiatria humanitária, carregada de afeto, que se identifica com o sofrimento sem perder a lucidez, encontra sua síntese nesta mulher detentora de opostos: fraca/forte, frágil/firme, tranquila/explosiva, criativa/repetitiva, compreensiva/intransigente (p.69). Dentre as características de personalidade que merecem destaque, apontamos aspectos da sua capacidade de conviver com diferenças e conter dentro de si “multidões”.

2.2.1) O indivíduo tem tolerância para conviver com divergências?

A tolerância à ambiguidade também tem sido uma característica destacada na pessoa criativa, definida como a capacidade de considerar opostos simultaneamente, isto é, contradições sem aparente relação entre si, as quais poderiam ser consideradas possibilidades de geração de alternativas (Morais, 2001). O sujeito se permitiria vivenciar, por maior tempo, os problemas em aberto, não conseguindo resistir ao impulso de buscar impulsivamente uma solução.

Selecionamos, entre tantos, alguns exemplos para responder esta questão, tal como o apresentado por Horta (2008):

Parece um sinal que minha tese universitária tenha sido sobre criminalidade da mulher no Brasil. **Já me atraíam pessoas assim, que não estivessem muito dentro das normas... Os marginais. Em muitos sentidos eu me sinto marginal**” (p.284) (grifo nosso).

“Eu sou a madrinha dos analistas rebeldes, inadaptados, desajustados, considerados malandros – gosto disso” (Horta, 2008, p.56). Observamos nesses dois relatos o interesse de Nise da Silveira por pessoas que extrapolam parâmetros ‘normais’ de viver e sua identificação com uma posição marginal, indicando capacidade de conviver com diversidades e divergências. Referindo-se a sua pesquisa sobre os sete personagens criativos, Gardner (1996) explica que esta é uma característica marcante entre pessoas criativas: “o tema da marginalidade está presente em todo esse trabalho” (p.296).

Os exemplos seguintes reforçam a convivência de Nise da Silveira com a divergência, mostrando que ela tinha um olhar abrangente, capaz de integrar diferentes

pontos de vistas. “Não compreendo briga entre escolas. Diferentes teorias representam abordagens diferentes de problemas comuns” (Ferreira, 2008, p.314). E também:

A volta do esquizofrênico à realidade depende, em primeiro lugar, de um relacionamento confiante com alguém. Relacionamento que se estenderá, aos poucos, a contatos com outras pessoas e com o ambiente. Esse que nós denominamos ‘doente’ pode chegar ao nível intelectual e emocional em que você está – mas não se surpreenda se ele for muito além de seu nível. **As coisas não são isso ou aquilo - são isso e aquilo** (Horta, 2008, p.322) (grifo nosso).

Mais um exemplo, atesta sua capacidade de dialogar com opostos.

Era incrível como sabia agregar talentos, estimular a criatividade. Sempre viveu muito adiante da sua época. Não havia uma linha divisória entre sua pessoa e sua obra, era um ser inteiro. **Dialogava até seus últimos dias com os opostos: vida externa e vida interna.** Sempre voltada para colaborar com o coletivo e, ao mesmo tempo, amante do silêncio, sedenta do eterno. Isto é muito claro em suas Cartas a Spinoza, e sua demonstração de perplexidade diante da obra de Carlos Pertuis, a Barca do Sol, 1970 (Ferreira, 2008, p.337) (grifo nosso).

Esses relatos ilustram sinais na personalidade de Nise da Silveira característicos de pessoa com visão mais holística, possuidora da complexidade mencionada anteriormente (Csikszentmihalyi, 1998). Esse autor acrescenta:

Esse tipo de pessoa tem muitos traços em comum com o que o psicólogo suíço Carl Jung considerava uma personalidade madura.

Também pensava que cada um de nossos pontos fortes tem um lado sombrio reprimido que a maioria de nós se nega a reconhecer... Porém as pessoas criativas conhecem perfeitamente ambos os extremos e os experimentam com igual intensidade e sem conflito interno (p.80).

Assim, por ser ela própria uma personalidade complexa, era capaz de entender e sentir empatia por pessoas diferentes, marginais, e também ser capaz de abarcar e conciliar divergências. Deve ser, entretanto, destacada que essa sua empatia pela população marginal, talvez possa ser interpretada enquanto traço de personalidade, dado o fato de que, algumas situações vivenciadas pela personagem apontam para uma tendência a, em certos momentos, aceitar certas transgressões, como, por exemplo, a falcatrua de alterar sua data de nascimento para ingresso na faculdade de Medicina (realizada pelo seu pai) ou ainda situações nas quais ela escondia livros para comprar posteriormente.

2.2.2) Tem disponibilidade para correr riscos?

A capacidade de arriscar também tem se mostrado, de acordo com Morais (2001), uma característica importante de ser apresentada pelos sujeitos criativos. Essa facilidade em arriscar se daria diante do fato de que tais sujeitos “tomariam o risco em um sentido probabilístico de dificuldade e não de impossibilidade” (Sternberg, 1998, citado por Morais, 2001, p.76).

Nise da Silveira dizia “Meus primeiros anos de vida foram muito selvagens. Por isso, ainda sou um pouco selvagem... Talvez, muito. Às vezes, **sou uma guerreira. Acho que fui mais tempo guerreira do que qualquer outra coisa**” (Horta, 2008, p.25) (grifo nosso). Nesse relato pode-se observar que a disponibilidade para se arriscar fazia parte da visão de si mesma. No exemplo seguinte, ela ressalta a importância desta

atitude e sua relação com a inovação: “Gosto de gente diferente e até perigosa, pois essa gente modifica, transforma. **Não há evolução sem riscos**” (Horta, 2008, p.284) (grifo nosso). Não só na sua própria fala, mas também na de quem observou e analisou sua trajetória, nota-se seu jeito de ser corajoso, disposto a enfrentar situações de risco. “(Nise da Silveira) tem uma história de **vida pautada pelas polêmicas e ‘edificações’ revolucionárias**, no campo profissional” (Leal, 1994, p.1) (grifo nosso).

Podemos concluir estas observações sobre sua capacidade de correr risco com mais um comentário. Além de referir-se a si mesmo como uma guerreira, Nise da Silveira, sentia-se também uma cangaceira, ao lutar diante dos desafios ou quando ultrapassava os limites de uma conduta ‘boazinha’. Dizia ela: “Ah! Esse meu sangue nordestino, Lampião embaixo da pele!” (Ferreira, 2008, p.330).

Gostar de desafios e não ter medo de correr riscos são características tradicionalmente descritas como típicas das pessoas criativas. Wechsler (2008) coloca que “É importante enfatizar que a disponibilidade para aceitar situações de risco envolve uma certa coragem, que é básica para conseguir a auto-realização criativa” (77). Se por um lado essas pessoas devem dominar conhecimentos, partindo de bases seguras, também devem lançar-se ao desconhecido. “Ir para além do que se sabe, é arriscado porque, por ser novo, não se pode prever qual será o resultado” (Nogueira, 2008, p.320). Uma imagem sugestiva desta situação é dada por Alves (1998):

A aranha... Imagino aquela criaturinha quase invisível, suas patas coladas à parede. Ela vê as outras paredes, tão distantes, e mede os espaços vazios... E só pode contar com uma coisa para o trabalho incrível que está para ser iniciado: um fio, ainda escondido dentro de seu corpo. E então, repentinamente, um salto sobre o abismo, e um universo começa a ser criado...(15).

Tal qual a aranha descrita, Nise da Silveira certamente arriscou-se em situações novas, ousadas.

2.2.3) Demonstra atuar de forma responsável nas situações sociais?

Hoje em dia, trabalhar a responsabilidade social faz parte do projeto pedagógico de várias escolas de ensino fundamental e médio. Tornou-se algo desejado e valorizado, pelo menos por uma parcela mais esclarecida da sociedade. Mas nem sempre foi assim: no período da ditadura militar, quem se importava com as condições sociais do povo brasileiro era considerado subversivo. Nesse sentido, Mesquita (2000) diz: “na década de 1970, outra época de repressão, obscurantismo e arbitrariedade, Nise da Silveira esteve entre os poucos brasileiros que ousaram propor, dentro do serviço público, uma atitude pensante, coerente e, ainda assim sobreviver” (p.62). Nesse caso, ‘atitude pensante, coerente’ se refere a todo seu trabalho, o qual visava melhorar as condições sociais e de saúde dos internos do hospital psiquiátrico. No trecho seguinte, temos um exemplo de como Nise da Silveira indignava-se com as condições dessa parcela excluída da sociedade, expressando seu ponto de vista de forma bem peculiar.

Nise, de repente, se dirigiu ao meio do salão e subiu numa cadeira. As pessoas sem entender o que estava acontecendo, imaginaram se uma performance ou um discurso improvisado... Ledo engano. Quando todos calaram a psiquiatra falou alto, lhes indagando: ‘Eu gostaria de lhes fazer uma pergunta. Nesta noite, nesta exposição, vocês estão elogiando as pinturas e esculturas do Museu de Imagens do Inconsciente... Muito bem! Mas, agora, eu lhes pergunto: onde estão os autores destas obras de especial beleza?... Alguém pode me responder? Só ouço silêncio... Ninguém, aqui, hoje, se interessou em saber disso. Onde estão os homens e mulheres que fizeram estas telas

e estatuetas, que estamos admirando?! – em meio ao burburinho, se deu intensa perplexidade no recinto. Mudez e constrangimento.

... Nise respondeu a própria pergunta: ‘Os artistas que pintaram e esculpiram as obras estão, nesse momento, enfurnados em cafuas, buracos, na miséria... Eles estão nos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos. Casas da solidão.

Trata-se de uma cena clássica niseana, em que ela, inconformada e indignada com o desinteresse dos convivas pela condição humana dos esquizofrênicos, deixou registrado seu protesto, como sempre agressivo, desconcertante e incisivo. Depois do discurso, curto e grosso, desceu da cadeira e foi embora (Horta, 2008, p.243-244) (grifo nosso).

Esse relato mostra sua atitude indicadora de envolvimento e responsabilidade. Nise da Silveira realmente “doía-se” pelos seus “clientes” (maneira como preferia referir-se a seus pacientes). Também podemos interpretar sua atitude como algo ingênuo, até mesmo infantil. Nesse ponto queremos destacar um aspecto muito importante, segundo Gardner (1996): “uma característica notável da criatividade, como afirmei, é seu amálgama especial de aspectos infantis e adultos. Esse amálgama pode ocorrer tanto na esfera da personalidade quanto na esfera das ideias” (p.294).

O exemplo também serve para ilustrar o que Csikszentmihalyi (1998) descreve sobre os pares de opostos ou paradoxos da personalidade criativa (p.82), nesse caso nos opostos ‘sabedoria- pueridade’.

Outro relato continua apontando sua atitude responsável:

A tônica de seu serviço foi de grande compaixão humana ancorada na cultura e na contribuição especial para psiquiatria brasileira e para psiquiatria mundial. Pessoa cheia de afeto e coragem ímpar, **sempre**

cobrou com firmeza o descaso e inoperância dos órgãos do poder público no que diz respeito à saúde mental (Ferreira, 2008, p.339) (grifo nosso).

Provavelmente todas estas manifestações – as quais têm, como essência, a capacidade de colocar-se no lugar do outro e sentir seu sofrimento, também podem ser relacionadas com sua a Inteligência Interpessoal mais acentuada, conforme já citado anteriormente. O investimento afetivo no trabalho, por parte dos indivíduos criativos, mostram que eles não só tendem a adicionar beleza no seu trabalho como também se apaixonam pelo que fazem (Morais, 2001). Candeias (2008) complementa tal posicionamento afirmando que a maioria das pessoas criativas sente grande paixão pelo seu trabalho, podendo ser também bastante objetivas em relação a ele. Tal envolvimento com seu lado profissional, explorado anteriormente em outros trechos, é bastante explícito na sua dedicação, envolvimento e responsabilidade com os desafios assumidos pela personagem, de forma que tal característica se faz bem presente em sua história de vida.

2.2.4) Projeta uma imagem positiva para os colegas?

De acordo com Lubart (2007), o efeito das emoções positivas na criatividade ocorre devido à liberação da dopamina, cujo efeito facilita o desvio de atenção e a seleção de diferentes perspectivas cognitivas. Assim, o número de ideias positivas na memória seria mais importante que o número de ideias negativas, influenciando a interpretação e a organização dos estímulos estimulando, conseqüentemente, as respostas criativas. Ainda de acordo com o autor, “o estado emocional positivo favorece a criatividade qualquer que seja o interesse da tarefa, provocando uma certa descontração dos indivíduos” (p.63).

A confiança em si mesmo derivaria, segundo Wechsler (2008), do auto-conceito positivo, o qual recebe grande influência da família e da escola, visto que esses são os primeiros ambientes onde testamos nossas habilidades e recebemos uma avaliação, seja ela positiva ou negativa. “A percepção de que não somos capazes de realizar bem qualquer trabalho vai nos reprimindo cada vez mais e passamos a não nos arriscar por medo à crítica e ao fracasso” (p.100), não sendo, felizmente, o que aconteceu com Nise da Silveira.

São muitos os exemplos de situações que indicam seu papel de modelo a ser seguido. “A atitude firme, que Nise demonstrava, no final da década de 1930, na prisão, e que impressionava aos outros prisioneiros, manteve-se firme pela vida inteira” (Mesquita, 2000, p.62).

Destacamos o fato de vários estudiosos virem a conhecer seu trabalho no Museu de Imagens do Inconsciente, como no caso do Dr. Ronald David Laing, o escocês que fundamentou a antipsiquiatria (Horta, 2008, p.386). Quando veio ao Brasil em 1970, quis conhecer o Museu e, após examinar algumas pinturas e conversar com a Dra. Nise, teve uma reação surpreendente:

Naquele momento, aconteceu uma das coisas mais incríveis da minha vida: Ronald Laing pegou minha mão, suspendeu à altura do rosto e, para perplexidade de todos os presentes - principalmente, a minha -, começou a beijá-la. Mas não parou por aí. Da mão, ele seguiu beijando pelo punho e alcançou o braço. Senti um calafrio... todos ficamos atônitos, sobretudo eu. Quando chegou próximo ao pescoço pensei que fosse desmaiar. Enfim, me deu um beijo no rosto – um beijo de reconhecimento. Eu estava emocionada. Silêncio total. A mulher dele assistiu a tudo, boquiaberta (Horta, 2008, p.387).

Outro exemplo também indica como era admirada:

Naquele ano, a Dr.^a havia quebrado a perna e parado na cadeira de rodas. Mesmo assim, assisti à peça, tendo sido carregada por várias pessoas através da escada íngreme e estreita que dava acesso ao subsolo do teatro, onde o espetáculo acontecia. Pouco antes da primeira apresentação, Rubens (o ator/diretor incentivado por ela) mandou flores para Nise com um bilhete carinhoso: ‘Esse espetáculo (Artaud!) é dedicado a você, de corpo e alma’. Ela e o ator tinham uma amizade em que transparecia admiração mútua. Sobre a Dr.^a, Rubens (Corrêa) afirmou: ‘Nise é a mestra. Ela tem o arquétipo do mestre oriental e sabe disso...’ (a peça foi um sucesso e ficou um ano em cartaz). (Horta, 2008, p.385)

Importante ressaltar que Nise da Silveira teve não apenas admiradores: muitas pessoas atravancaram seu caminho, como, por exemplo, a enfermeira do hospital onde trabalhava, a qual a denunciou como subversiva, levando-a a ser presa, em 1936 (Horta, 2008).

Nesse exemplo negativo, vemos que se confirma a fala de Lubart (2007): “não haveria um efeito único das emoções sobre a criatividade, mas diferentes influências, dependendo do contexto” (p.65), uma vez que, na maior parte das situações, o estado emocional positivo atuou de forma impulsionadora para ela e, em situações opostas – de estado emocional negativo, a mesma parece não ter se deixado abalar.

2.2.5) Mostra-se líder ou figura de influência?

Esse aspecto parece bem relacionado ao item anterior, sobre ser um modelo aos colegas. Relatos a seu respeito indicam que ela foi uma figura admirada e que exerceu

grande influência sobre outrem. “Nise agia como uma tocha que ilumina a escuridão. Tudo nela era fascínio, intensidade, **criatividade**” (Ferreira, 2008, p.12) (grifo nosso). Vignoli (2000), que também conviveu com ela por muitos anos, participando do Grupo de Estudo e frequentando sua residência, escreveu:

Ah, querida Nise, quem teve o privilégio de ter te conhecido pessoalmente, vai a vida inteira levar na alma as grandes lições aprendidas contigo. São lições de vida, de ousadia, de coragem, de **criatividade**, de inteligência, de integridade, de entrega aos ideais. Não só a rara competência intelectual, a clareza, a precisão ao lidar com o estudo da psique te caracterizavam, **e nos marcaram definitivamente; ficamos impregnados** com a convivência com a tua fina sensibilidade (p.1) (grifo nosso).

Outra descrição sobre o alcance de sua influência:

O Grupo de Estudos no Museu de Imagens do Inconsciente, no Engenho de Dentro, então Hospital Psiquiátrico Pedro II, era, nos anos sessenta e setenta, **uma perfeita universidade viva; cursos, exposições, conferências, simpósios com representações teatrais. Ponto de referência e de riqueza cultural invejável** (Ferreira, 2008, p.335) (grifo nosso).

Podemos imaginar o quanto essa **universidade viva** influenciou a formação de inúmeros profissionais.

Além disso, várias pessoas escreveram sobre Nise da Silveira ou produziram alguma obra, inspiradas por seu trabalho. Frayze-Pereira (2003) cita como exemplo a trilogia do cineasta Leon Hirszman chamada “Imagens do Inconsciente” e também

artistas e intelectuais como “Graciliano Ramos, Mário Pedrosa, Ferreira Gullar, Frederico Moraes, Jorge de Lima, Sergio Milet, Carlos Drummond de Andrade e muitos outros” (p.2), de forma a confirmar sua importância.

A.3) Questões Sociais- Psicológicas

Segundo Wechsler (2008), o desenvolvimento da criatividade depende bastante do tipo de ambiente que se encontra ao redor, sendo “difícil tentar ser criativo em um ambiente hostil a novas ideias e que reprime o que é diferente” (p.175).

Alencar & Fleith (2003) lembram que “a existência de condições, mais ou menos favoráveis ao desenvolvimento da criatividade, estaria também relacionado aos valores dominantes na família, aos traços de personalidade e interesses aí reforçados e cultivados” (p.96). Em cada um dos próximos itens discutiremos aspectos relacionados a essas afirmações.

A 3.1) Quais as características mais marcantes do contexto social-psicológico vivido pelo indivíduo na infância, na juventude e na maturidade?

Diz Lubart (2007): “A promoção (ou proibição) da atividade criativa varia de modo dramático de uma cultura para outra, de uma área a outra e no interior de uma mesma comunidade” (p.85). Provavelmente também acreditando nesse aspecto “dramático”, Gardner (1996) realizou, nas suas pesquisas sobre os setes criadores, um estudo profundo sobre o contexto social-psicológico, ressaltando principalmente as características do tempo vivido por cada um. “... tal seleção me permite comentar não apenas as realizações específicas de um grupo de pessoas talentosas, como também a época que as formou, e que por sua vez ajudaram a definir” (p.9)

Nise da Silveira nasceu em um período histórico singular. Horta (2008) diz “nasce no ano de 1905 – início do revolucionário, violento e fascinante século XX” (p.25). Outro autor faz observação semelhante:

O período do nascimento de Nise da Silveira é de grandes transformações nas ideias que sustentavam o mundo ocidental. As assombrosas descobertas efetuadas pela teoria da relatividade de Einstein e pela psicanálise de Freud modificaram por completo tanto o mundo físico quanto o mundo psíquico (Melo, 2007, p.2).

Gardner (2006) também focalizou o final do século XIX e a primeira metade do século XX para escolher as sete pessoas criativas. Sobre esse período ele fala:

Pela primeira vez na história humana, pessoas de culturas tão diferentes quanto a Índia e a América, de comunidades europeias tão diversas quanto a Espanha e a Rússia, eram - e se consideravam - membros da mesma comunidade mundial. O surgimento do industrialismo, o crescimento das cidades, o acesso cada vez maior às informações sobre os eventos acontecendo no mundo todo, o crescente sentimento de inquietude antes da guerra, e o inacreditável massacre da própria guerra- todos esses fatores inevitavelmente influenciaram a consciência desses mestres modernos (p.318).

Nise da Silveira provavelmente sofreu influências parecidas. No que diz respeito ao contato com pessoas e culturas distantes, observamos que, para suas realizações profissionais, foi de grande importância conhecer as teorias, corresponder-se e poder encontrar-se pessoalmente com o suíço Carl Jung. Também foi marcante a possibilidade

de fazer terapia com Marie-Louise Von Franz, além de outros contatos com pessoas de países distantes.

Há outros paralelos entre as características dos personagens criativos enfocados por Gardner (2006) e as vivências de Nise da Silveira. “... a maioria nasceu em comunidades menores fora dos grandes centros urbanos, e tiveram uma infância pelo menos um pouco protegida dos aspectos mais punitivos da Revolução Industrial (p.316).

No caso de Nise da Silveira, Maceió, sua cidade natal, embora já sendo a capital do estado de Alagoas, não era um grande centro: segundo informação de Barreto e Silva (2011), em 1900 havia apenas 36.426 habitantes e tinha como principal atividade o cultivo da cana de açúcar. Esse contexto mais agrícola provavelmente favoreceu uma infância mais protegida, conforme nos fala Gardner (2006). Posteriormente, ela foi para um centro maior, o Rio de Janeiro, onde manteve contato e estabeleceu trocas com pessoas importantes para seu desenvolvimento profissional, questão analisada no item que trata das questões relativas ao campo e ao domínio.

“Suas famílias viviam com um conforto moderado” (p.316), ainda que a família Silveira não se enquadrasse exatamente como rica. Nise da Silveira relata que seu pai nunca possuiu um imóvel: “Meu pai era um sonhador, nunca pensou em comprar uma casa para família. Quando minha mãe falava nisso, ele dizia: ‘Nada disso Lídia...Assim que a Nise se formar, a gente vai morar em Paris’” (Horta, 2008, p.137). Tampouco eram pobres, pois para manter a filha estudando em colégio particular e enviá-la para fazer faculdade em Salvador, haviam de ter ao menos um conforto moderado. Possivelmente essa situação possibilitou a Nise da Silveira o acesso a uma série de recursos que acabaram por favorecer o desenvolvimento da sua criatividade.

Em relação ao ambiente familiar, “embora em alguns casos pessoalmente religiosos, de modo geral demonstravam tolerância em relação ao ‘livre pensar’” (p.316), percepção confirmada pela própria Nise da Silveira:

Minha atitude, ao longo da vida, foi resultado do clima que reinava em minha casa, durante a infância. Minha mãe era livre de preconceitos. Ela ia a um concerto, encantava-se, fazia amizade com os artistas e os convidava para se hospedarem lá em casa. Ela não sabia fazer um café... **Era uma pessoa que destoava completamente das mulheres da época.** E o meu pai aceitava bem o jeito dela, porque esse também era o jeito dele (Horta, 2008, p.43) (grifo nosso).

Outros dados podem ajudar a delinear melhor o contexto social-psicológico em que Nise da Silveira foi criada: “Filha de Maria Lídia, dona de casa, muito culta e exímia pianista; e Faustino Magalhães Silveira, professor, jornalista apaixonado por poesia e matemática” (Horta, 2008, p.27). O nome Nise foi “retirado dos sonetos de Cláudio Manuel da Costa, um dos idealizadores do movimento de Insurreição Mineira”. (Melo, 2007, p.4). Por esses trechos pode-se inferir que seus pais tinham afinidade com movimentos revolucionários ou, pelo menos, transformadores. Ainda sobre seu pai, Ferreira (2008) diz: “**homem dotado de muitos interesses, teve decisiva influência na formação da filha**” (p.279) (grifo nosso).

Relatos de quem analisou sua vida reforçam as condições culturalmente diferenciadas de sua família.

A família Magalhães da Silveira era ligada aos principais grupos intelectuais e políticos de Alagoas...Entre seus tios paternos, o mais velho foi senador do Império, outro escritor, e um terceiro dono de

jornal e deputado. E **seu pai era considerado pelos sobrinhos “como o mais inteligente da família”** (Horta, 2008, p.31-32) (grifo nosso).

A infância de Nise da Silveira foi cercada de atenção de um pai e de uma mãe inteligentes e com sinais de pensamento divergente. Observamos que ela teve acesso ao que Pierre Bourdieu (1980), citado por Csikszentmihalyi (1998), chama de capital cultural: “Quem tem isto, proporciona a seus filhos a vantagem de um entorno cheio de livros interessantes, conversas estimulantes, expectativas de promoção educacional, modelos de desempenho de papéis, tutores, contatos úteis, e outros” (p.76). Sabemos que, em comparação com a população brasileira de modo geral, mas principalmente da região nordeste, ela teve uma infância culturalmente privilegiada, marcada pela presença de uma família amorosa, que a estimulava em seu desenvolvimento.

Um dos grandes prazeres meus na infância era irmos a Recife...todo mundo recitava Castro Alves, minha mãe chegou a musicar e cantava com uma bela voz de contralto. Meu avô também me fazia perplexa. Lembro-me dele com uma toalha no ombro caminhando para o banheiro antes de ir para o emprego burocrático que ele exercia, recitando: ‘Vai Colombo. Abre a cortina de minha eterna oficina e tira a América de lá...’ (Leal,1994, p.4).

A vivência nesse tipo de contexto foi fundamental para sua constituição criativa, conforme aponta Gardner (1996):

O que pode distinguir os indivíduos criativos é a sua maneira de utilizar produtivamente os *insights*, sentimentos e experiências da infância. Para determinados propósitos, pode ser adaptativo apagar memórias da infância. Mas quando se trata de criar novos entendimentos e novos mundos, a infância pode ser uma aliada muito

poderosa. Na verdade, eu afirmo que o criador é um indivíduo que consegue enfrentar um desafio formidável: unir os entendimentos mais avançados de um domínio, com problemas, questões, perguntas e sensibilidades que caracterizam sua vida quando era uma criança que se maravilhava com as coisas. É nesse sentido que o criador adulto aproveita muito o capital da infância (p.28).

Ainda sobre os valores cultivados na família, temos outro relato bem explícito: “Frases e provérbios que o pai lhe ensinou: ‘Sempre se solidarize com os mais fracos’; ‘Quem se mete com lobo, que lhe vista a pele’; ‘Jamais aceite privilégios por ser uma mulher...’” (Horta, 2008, p.44). Ao que nos parece, a partir dos exemplos recebidos ao longo de sua história de vida, a filha parece ter seguido à risca os conselhos do pai.

Na juventude, os fatos mais importantes foram a convivência com os primos, a experiência como única mulher entre 157 rapazes no curso de medicina, o apoio do pai e os ensinamentos de alguns professores. Destacamos alguns relatos sobre essa época: “em 1920, vendo meus primos se preparando para os exames da faculdade, fomos todos em bando para Salvador. Além disso, acho que **me atraiu a dificuldade, o desafio de fazer medicina**” (Horta, 2008, p.129) (grifo nosso). Nesse ponto lembramos que “os criadores caracterizam-se por desejar altas metas” (De La Torre, 2005, p.124).

No início da vida adulta, as marcas mais fortes foram a perda do pai, as dificuldades para conseguir trabalho, a solidariedade e a influência dos amigos no bairro de Santa Teresa, onde residiu logo que chegou ao Rio de Janeiro.

Ali estava a moça magrinha, tímida e mirrada, caminhando só pelas ruas de Santa Teresa... quem poderia imaginar que tal moça – aparentemente apagada, anti-social e inadequada – se tornaria a precursora da antipsiquiatria, ao final do século XX? Mulher

emancipada, cientista pioneira e humanista revolucionária – internacionalmente reconhecida (Horta, 2008, p.157).

Aqui aproveitamos para relacionar o comentário do biógrafo – ‘moça-aparentemente apagada, anti-social e inadequada’, às definições propostas por Csikszentmihalyi (1996). O autor afirma que o termo criatividade pode ter um uso amplo, por estar relacionado com três fenômenos:

O primeiro, difundido na conversação corriqueira, quando nos referimos a pessoas que expressam pensamentos inusitados, são interessantes e estimulantes ... é o que ele chama de pessoas brilhantes. Segundo, pessoas que experimentam o mundo de maneira inovadora, original. Trata-se de indivíduos cujas ideias são novas, cujos juízos são penetrantes, que podem fazer descobrimentos importantes que só eles sabem. Se refere a eles como pessoalmente criativos. Em terceiro são os criativos como Leonardo, Edson, Picasso ou Einstein” (p.44).

O que nos chama atenção é que, na continuação dessa análise, o autor diz que a diferença entre essas pessoas não é questão de grau, mas sim de modos diferentes de criatividade. Ele ressalta:

algumas pessoas com grande influência na história não mostraram nenhuma originalidade ou brilho na sua conduta, a não ser as realizações que deixaram. ... Tampouco Isaac Newton nem Thomas Edison seriam considerados pessoas valiosas em uma festa, e, tirando seus interesses científicos, pareceriam insípidos e fora do lugar (p.44).

Então, pelo que foi dito anteriormente, concluímos que Nise da Silveira não pertencia ao grupo de pessoas brilhantes, as quais fazem sucesso socialmente, mas sim ao grupo dos ‘insípidos e fora do lugar’, nos quais a capacidade criativa não está explícita à primeira vista. Entretanto, esse temperamento mais reservado não a impediu de fazer grandes amizades durante toda sua vida. Em idade avançada, lembrava com emoção do apoio recebido na época em que chegou ao Rio de Janeiro.

Há dias em que me lembro dos amigos que fiz no Curvelo... Atualmente, evito ir a Santa Teresa, porque me emociono muito. Você sabe, a família de Zoila Teixeira residia em um andar abaixo do apartamento de Manuel Bandeira. Eu a conheci numa fase difícil da minha vida, tinha acabado de chegar ao Rio, estava desempregada... É difícil uma jovem achar trabalho, todos nós sabemos disso. Como eu não tinha dinheiro pra nada, almoçava com a família de Zoila quase que diariamente. Foi a minha salvação – do contrário, não teria o que comer (Horta, 2008, p.142).

Mais tarde, registrou-se sua passagem pelo bairro de Santa Teresa na obra ‘A Trinca do Curvelo’ (largo do bairro), na qual a autora Elvia Bezerra fala sobre três moradores do lugar: os criativos intelectuais Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira.

Outras informações sobre seu grupo de amigos mostram que “circulava entre os que faziam parte do movimento antifacista, restritos, mas significativos, e sem excluir de suas amizades muitos simpatizantes das ideias de Karl Marx” (Ferreira, 2008, p.285). Entre esses amigos estava a família Brandão. Laura e Otávio “eram socialistas, cuja atuação ia muito além das ideias. Militavam, frequentemente, em passeatas, portões de fábricas, nas ruas, onde houvesse povo...” (Horta, 2008, p.143). “Quando os Brandão

partiram para o exílio, Nise da Silveira foi uma das cinco pessoas que foram se despedir deles, no cais do Rio de Janeiro, mesmo correndo o risco de futura perseguição política” (Horta, 2008, p.148). Vemos esse relato como mais um sinal de sua capacidade de correr riscos e de identificação com os excluídos.

3.2) Estas características fomentaram o surgimento de ideias originais/divergentes/individualizadas?

A originalidade tem sido apontada na literatura científica como uma importante característica das pessoas criativas, assim como o pensamento divergente. Este último é um processo que permite a geração de numerosas ideias, a partir de um mesmo ponto de partida, sendo esta uma capacidade essencial para a criatividade (Lubart, 2007). Já a originalidade pode ser entendida como novidade, quebra dos padrões habituais de pensar, devendo estar presente a incomunalidade ou infrequência dentro de determinado grupo (Wechsler, 2008).

Originalidade e criatividade não são sinônimos, como comumente se pensa, mas sem dúvida ser original é um traço fundamental da pessoa criativa (Wechsler, 2008, p.61). Acreditamos que para o indivíduo ter ideias, atitudes e comportamento originais é necessário cuidar da sua singularidade, da expressão de si mesmo. “Vemos que a criatividade surge como expressão desta tendência do ser humano para ser mais ele mesmo” (Ferreira & Candeias, 2007, p.3). Também pensamos que a originalidade está relacionada com a capacidade apurada de olhar o mundo. Hayakama, citado por Barreto (2002), fala: “Se você vê, em dada situação, somente o que qualquer um vê, pode-se dizer que, além de ser muito representativo de sua cultura, você também é vítima dela” (p.20). Entendemos que todo o contexto vivido na infância, juventude e início da vida adulta fomentaram em Nise da Silveira um comportamento peculiar, expresso na frase:

Hoje em dia, ninguém se espanta com nada, tudo é considerado ‘muito normal’... Mesmo os maiores absurdos são considerados coisa normal! Está todo mundo acomodado, alienado, covarde. Isso me revolta. Laing, como psiquiatra, chegou aplicar ao choque insulínico e eletrochoque, mas a diferença entre ele e seus colegas de profissão é que Laing se espantava. A **indignação é fundamental para transformação, sem ela não conseguimos mudar quase nada** (Horta, 2008, p.387) (grifo nosso).

Tal posicionamento nos mostra que sua atitude transformadora pressupõe olhar o mundo de forma apurada e crítica. Acreditamos que esta capacidade de indignar-se ou espantar-se diante de situações que outros não percebem está relacionada com um aspecto já mencionado, a capacidade de “identificar, definir e redefinir o problema (ou tarefa)” (Lubart, 2007, p.21) e também com uma sensibilidade mais desenvolvida.

3.3) Qual a reação do contexto social (ou campo) em relação ao produto criativo e ao indivíduo criativo?

Observamos na trajetória de Nise da Silveira um movimento semelhante ao descrito por Gardner (1996), segundo o qual a criatividade supõe, em um primeiro momento, a rejeição do campo e, só depois de um tempo, a contribuição é reconhecida. “Poderíamos chegar ao ponto de dizer que uma rejeição inicial é o destino provável de qualquer trabalho verdadeiramente inovador” (p.34). No caso dela, a fase de rejeição parece ter sido ainda mais difícil, pois como coloca Csikszentmihalyi (1998), “pode haver acordo sobre um novo jogo de computador, uma canção de rock ou uma fórmula econômica serem realmente novidade, e portanto criativas; menos fácil é chegar a um acordo sobre a novidade de um ato de compaixão ou de uma visão da natureza humana” (p.48). Nesse sentido, compreendemos que as atuações de Nise da Silveira aconteceram com relação à compaixão e ao respeito à natureza humana dos internos do hospital

psiquiátrico e, portanto, com menor probabilidade de ser reconhecida. Um dos sinais de reconhecimento tardio de seu trabalho é demonstrado por Frayze-Pereira (2003):

O governo levou 31 anos para adotar as medidas que Nise da Silveira empreendeu a partir da inauguração da Casa das Palmeiras. De 1987, ano da criação do primeiro CAPS, até os dias atuais, já foram criadas, em todo o território nacional, mais de 1000 instituições nesses moldes (p.7)

O autor continua sua crítica à lentidão da assimilação das inovações trazidas por Nise da Silveira afirmando que, embora muitas de suas diretrizes tenham sido assimiladas na implantação dos CAPS, vários aspectos do seu trabalho ainda não foram compreendidos e aceitos.

Outro componente que pode ter interferido na aceitação do trabalho da personagem estudada, pelo meio social, é a sua condição de mulher. Alencar e Galvão (2007) dizem:

As forças sociais que influem no desenvolvimento e na expressão criativa e da produção criativa foram também examinadas por Hayes (1981), especialmente no que diz respeito ao tratamento que se dá a homens e a mulheres na sociedade ocidental, tendo o segundo grupo muito menos oportunidades e incentivo para desenvolver e destacar-se por uma produção mais significativa (p.109).

Supomos que o espaço e o tempo vivido por Nise da Silveira, o Brasil do começo do século XX, apresentavam discriminações à mulher de formas ainda mais acentuadas do que na pesquisa mencionada, realizada com homens e mulheres na sociedade americana, em época mais recente.

A.4) Padrões de Vida

Aqui enfocamos o que existe de tendência ou de um estilo definido na biografia analisada.

4.1) O indivíduo encara os problemas dentro de uma perspectiva global?

Sua maneira de encarar os aspectos negativos e positivos da vida pode ser entendida como demonstração da capacidade de integrar polos opostos, e portanto de uma visão mais global. “Há beleza na vida, há beleza em tudo. Vocês veem?... Há beleza na alegria – e, mesmo na saudade, na tristeza, no sofrimento e até na partida, há beleza. A vida é uma beleza...” (Horta, 2008, p.387). Outro exemplo dessa perspectiva pode ser encontrado na frase:

Na faculdade, cada turma era acompanhada por um determinado professor, nos últimos três anos de curso. A minha teve sorte, foi acompanhada pelo Prado Valladares. Com ele, fazíamos as visitas e atendimento aos internos, no setor de clínica médica do Hospital Santa Isabel. Graças a Deus, o Valladares não era cartesiano, posição filosófica que cada vez mais domina a medicina contemporânea. Com ele, aprendi ver o paciente como uma pessoa inteira, e não de forma fragmentada. São pessoas, e não máquinas (Horta, 2008, p.134).

Percebemos em sua crítica a uma forma de pensar cartesiana que ela se identificava, mesmo, com visões mais integrativas. Segue mais uma fala, tirada de um catálogo de uma das exposições, em que ela se refere a seu modo de trabalhar, da seguinte maneira: “o método de trabalho no museu consiste principalmente no estudo de séries de imagens. Isoladas parecem indecifráveis” (Silveira, 1987, p.55). Ao ressaltar a diferença entre imagem isolada e uma série de imagens produzidas por um indivíduo,

ela estava sinalizando a importância de uma visão de processo, de um enfoque global. Acreditamos que esta era sua perspectiva predominante diante dos desafios. Zacharias (1999), ao descrever indivíduos intuitivos, afirma:

(o intuitivo) observa o todo e não as particularidades de uma situação, as linhas de direção ou ideias gerais subjacentes aos detalhes aparentes e ordenados. Busca novas soluções, novas estratégias para os problemas, e tende a farejar possibilidades e ter atitudes imprevisíveis (p.8)

Posteriormente apontaremos a intuição como característica marcante de Nise da Silveira.

4.2) Apresenta algum estilo característico na sua forma de pensar e agir?

Os estilos cognitivos, tidos como “preferências de um indivíduo por um dado modo de tratamento de informação, influenciam tudo, como os traços de personalidade, assim como a quantidade e/ou natureza das produções criativas” (Lubart, 2007, p.47), embora os mesmos não predigam o grau de criatividade (nível), mas sua natureza.

Para delinear seu estilo de pensar e agir, buscamos referência na teoria dos “Tipos Psicológicos” proposta por Jung (1887), considerada um ponto de referência nos estudos sobre estilos” (Nakano & Siqueira, 2011, p.237). Esta teoria trata das funções psicológicas fundamentais – pensamento, sentimento, sensação e intuição, as quais são consideradas ferramentas do ego. Sabe-se que a combinação delas em cada indivíduo determina a maneira da pessoa atuar no mundo:

Ninguém desenvolve igualmente bem todas as quatro funções. Cada pessoa tem uma função fortemente dominante, e uma função auxiliar

parcialmente desenvolvida. As outras duas funções são em geral inconscientes... **Pensamento** está relacionado com a verdade, com julgamentos derivados de critérios impessoais, lógicos e objetivos... **Sentir** é tomar decisões com julgamentos de valores próprios. **Intuição** é uma forma de processar informações em termos de experiência passada, objetivos futuros e processos inconscientes... **Sensação** refere-se a um enfoque na experiência direta, na percepção de detalhes de fatos concretos – o que uma pessoa pode ver, tocar cheirar (Fadiman & Frager, 1997, p.48) (grifo nosso).

Não temos a intenção de aprofundar tais argumentações, e sim sugerir uma possível configuração das funções predominantes em Nise da Silveira. Talvez a primeira possa ter sido a Intuição. Segundo a versão II do QUATI - Questionário de Avaliação Tipológica (Zacharias, 1999), esta é uma “função perceptiva, o intuitivo parte do que está percebendo no momento, mas esta não é sua preocupação. Está mais interessado nos significados, nas relações e nas possibilidades futuras inerentes ao que está percebendo” (p.8)

Desde muito nova, antes mesmo de conhecer a psicologia analítica, fundamentada por Carl Jung – que valoriza a intuição e sincronicidade – Nise já se guiava a partir da observação e da leitura de ocorrências, aparições, sentimentos e sensações. **Sobretudo, seguia sua intuição.** (Horta, 2008 p.133) (grifo nosso).

Acreditamos que sua capacidade intuitiva seja visível, não só por esse pequeno comentário, mas principalmente ao se observar sua trajetória como um todo, como por exemplo, ao criar as oficinas terapêuticas e descobrir sentido nas pinturas e esculturas dos doentes mentais.

Sobre o papel da intuição no processo criativo, Lubart (2007) diz: “a intuição revela-se útil para criatividade, pois, primeiramente, ela serve para guiar a pesquisa de ideias indicando uma direção ‘promissora’ e, em segundo lugar, ela é um modo provavelmente mais individualizado de pensar do que o pensar lógico” (p.48).

Supomos que sua função psicológica secundária seria ‘Pensamento’. Também segundo o QUATI, Zacharias (1999)

o pensamento é uma função avaliativa, o reflexivo está atendo à causalidade lógica de seus atos e dos eventos. Inclui na sua avaliação os prós e os contra de uma mesma situação e busca um padrão objetivo da verdade. Gosta da organização e da lógica baseando sempre seu julgamento em padrões universais e coerentes (p.9)

Seguem algumas falas de Nise da Silveira que vem de encontro com o que acabamos de descrever.

Meu pai disse: ‘A geometria não é uma matéria como as outras. Não ensina apenas o estudo das propriedades das figuras. **Ensina a arte de pensar**’.

Meu pai em poucas palavras, mostrava-me uma perspectiva nova de estudo. Eu tinha na ocasião 14 anos de idade, mas me feriu a expressão ‘arte de pensar’. Peguei logo meu preferido tratado de geometria e o coloquei ao lado dos livros programados para o último ano de preparatórios... Levei-o também para a Bahia, onde fui fazer o curso médico. De quando em vez, abria-o ao acaso e ficava seguindo linhas traçadas no espaço, que conduziam sempre a demonstrações exatas. **Assim, cedo tomei o hábito de procurar ordenar e deduzir..** (Horta, 2008, p.43) (grifo nosso).

Em outro relato, Nise da Silveira reforça o que foi dito anteriormente. “Eu sou uma pessoa que **desde muito cedo cultivei o racional**. Tanto que me apaixonei por Geometria. Meu pai era professor de Geometria. Cheguei a Spinoza através da geometria” (Leal, 1994, p.4) (grifo nosso).

Percebe-se que a força desses relatos está na percepção de que eles são coerentes com a obra de Nise da Silveira como um todo. A Intuição, por si só, não daria conta de todo seu processo criativo, necessitando estar alicerçada pela função Pensamento, seu lado racional, sua capacidade de estudo e fundamentação teórica. Diz ela: “Não sei fazer nada sem procurar uma base mais profunda, sem ler, pesquisar. As referências são fundamentais” (Ferreira, 2008, p.31).

Na citação sobre a configuração das funções, lê-se que “Cada pessoa tem uma função fortemente dominante, e uma função auxiliar parcialmente desenvolvida. As outras duas funções são **em geral** inconscientes...” (Fadiman & Frager, 1997, p.48) (grifo nosso). Portanto, existem exceções e supomos que o caso de Nise da Silveira se encaixa na minoria de indivíduos em que a terceira função está à disposição da consciência. Esta seria a função Sentimento.

Ainda segundo o QUATI, (Zacharias 1999), o sentimento também tem uma função avaliativa:

não deve ser confundido com afeto, ou emoção, mas está ligado à dimensão valorativa das pessoas e coisas; um valor pessoal e não geral como o pensamento... **Sempre vai levar em conta o que sente (valor) em relação a algo como também os sentimentos dos outros; assim as idiosincrasias humanas são respeitadas. Voltado para as relações pessoais, mostra-se receptivo e bom para lidar com pessoas.** (p.10) (grifo nosso)

Acreditamos que a capacidade que Nise da Silveira demonstrou ao respeitar, acolher e trabalhar pela melhoria de vida dos doentes mentais está relacionada com o que foi descrito. Acrescentamos outra fala dela, que pode ser entendida dentro da dimensão valorativa citada: “Faço tudo com paixão. Escrevo com paixão, sou uma pessoa apaixonada” (Ferreira, 2008, p.316). Sobre esse aspecto Csikszentmihalyi (1996) diz “é possível fazer um descobrimento criativo, incluindo algo muito importante, por acidente e sem nenhum grande interesse pelo tema. Porém as contribuições que requerem toda uma vida de esforço são impossíveis sem curiosidade e **paixão** pelo tema” (p.74) (grifo nosso).

Então, nossa hipótese sobre as características marcantes na maneira de pensar e agir de Nise da Silveira poderia ser definida pela combinação das funções ‘intuição, pensamento e sentimento’, sendo a quarta função, a sensação, a menos desenvolvida. Reforçando esta suposição, Ferreira (2008) afirma: “Nise era totalmente avessa e incapaz de cuidar das coisas materiais. Sua função sensação era muito elementar” (p.281).

Ainda se referindo ao levantamento de hipóteses acerca dos estilos predominantes em Nise da Silveira, uma segunda análise – de busca por classificação dos seus estilos de pensar e criar (Wechsler, 2009), podemos imaginar a confluência dos seguintes fatores:

Emocional-Intuitivo, caracteriza aqueles que se baseiam nas emoções e na fantasia em seu processo de criação.

Lógico-Objetivo, indica uma pessoa que gosta de trabalhar com informações factuais, preferindo implementar uma ideia do que gerar novas propostas.

Inconformista- Transformador, revela um indivíduo com grande motivação interna, disposição para a originalidade e independência de julgamentos (p.112).

A autora diz ainda que “percebemos que vários estilos podem ser encontrados em pessoas criativas ou naqueles que lideram diferentes áreas” (Wechsler, 2009, p.113). Assim, supomos que acontecia com Nise da Silveira um amálgama de intuição, pensamento lógico-objetivo, emoção e grande motivação e autonomia.

4.3) Costuma usar recursos diversificados para solucionar problemas ou demonstra agir sempre da mesma maneira?

Castro e Lima (2007) afirmam que, no trabalho de Nise da Silveira, a inovação clínica deu-se pela “**experimentação, invenção, criatividade**, pelo afeto, cuidado, pela compreensão e construção de passagens para a autonomia” (p.373) (grifo nosso). Ou seja, foi uma realização marcada pela experimentação, invenção e criatividade, de forma que ela não agia sempre da mesma maneira e usava recursos diversificados. Provavelmente não só na atuação clínica, mas extensivamente em todos os seus trabalhos. Essa diversidade encontra-se bastante relacionada com o tópico a seguir, o qual investiga melhor a presença da flexibilidade.

4.4) O indivíduo é flexível no uso dos conhecimentos que possui, ou seja, transfere informações de um contexto para outro?

Segundo Wechsler (2008) a flexibilidade pode ser entendida como a mudança de perspectiva ao se olhar um problema ou uma mudança na classe ou nas categorias das soluções propostas. Romo (2008) faz afirmação semelhante: “a flexibilidade de pensamento é a habilidade de abandonar velhos caminhos no tratamento de problemas e

levar o pensamento por novas direções” (p.86). Conforme já citado na introdução dessa dissertação, Perkins (2000) afirma que a flexibilidade é frequente nas invenções, sendo que na natureza acontecem processos semelhantes.

No caso de Nise da Silveira acreditamos ser possível apontar sua flexibilidade de pensamento com exemplos significativos:

Aprendi mais com a literatura do que com os tratados de psiquiatria. Um conto de Machado de Assis, Missa do Galo, exprime as coisas com mais clareza e maior sutileza do que um psiquiatra. Aprende-se mais com Machado de Assis sobre a natureza humana do que em livros de psicologia (Ferreira, 2008, p.322).

Nise nos surpreende ao usar conhecimentos da literatura para psiquiatria em uma época em que interdisciplinaridade não era tão frequente como nos dias atuais. Em outro exemplo, “Porque passei pela prisão, eu compreendo as pessoas e os animais que estão doentes, pobres, que sofrem. Eu me identifico com eles. Sinto-me um deles” (Ferreira, 2008, p.315), vemos sinais de sua flexibilidade em transferir um conhecimento de um contexto a outro.

Uma maneira um pouco diferente de ver a flexibilidade é a mencionada por Von Oech (1994).

Descobri que a marca registrada das pessoas criativas é sua flexibilidade mental. Como pilotos de corrida, trocam as marchas de acordo com o traçado da pista, as pessoas inovadoras têm a capacidade de trocar de papéis, recorrendo a diferentes tipos de pensamento criativo, conforme as exigências da situação (p.22).

Esta forma estaria mais relacionada à flexibilidade de comportamento, a adaptação. No caso de Nise da Silveira podemos ver nitidamente esta capacidade no modo como enfrentou os desafios que a vida lhe impôs: “Até a morte de meu pai, eu era uma moça de vida folgada, tranquila. Depois, tudo mudou” (Horta, 2008, p.137). Posteriormente veremos que este também é um aspecto marcante no processo de resiliência.

4.5) Aplica conhecimentos anteriores para solucionar problemas?

Para esta questão, bem relacionada à anterior, mostra indícios de ser possível afirmar que sim. Observamos que experiências da infância serviram-lhe de referência para sua inovação profissional.

Nise gostava de visitar o jornal com o pai, ‘especialmente ir à oficina ver o pessoal trabalhando, compondo os textos na mão, com aqueles tipos móveis de antigamente. Ficava fascinada com a habilidade deles’(op.cit., p.32). **O trabalho manual já chamava a atenção de quem iria se voltar para a terapêutica ocupacional** (Motta, 2005, p.54) (grifo nosso).

Outro relato da própria Nise da Silveira (1987):

Há muitos anos, folheando ao acaso numa livraria antigas revistas de arte deparei, numa delas (Cahiers d’Art, 1951), comentários sobre a pintura do surrealista Victor Brauner, com a citação destas palavras de Antonin Artaud: ‘O ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos’. Pareceu-me que Artaud se referia a certos acontecimentos terríveis que podem ocorrer na profundidade da psique... (p.5).

A psiquiatra continua o texto explicando como esta expressão foi importante para o seu trabalho, dando origem ao título de uma importante exposição das obras produzidas pelos seus 'clientes'. Entendemos esta atitude como uma capacidade de reciclar experiências, de usar elementos antigos de uma forma inovadora, relacionando-se com um olhar preparado para enxergar novas possibilidades. “A pessoa criativa é aquela que sabe olhar o que outras pessoas já viram e enxergar aquilo que elas não conseguiram ver” (De La Torre, 2005, p.122).

B) Nível de Domínio

B.1) Destaca-se em alguma área específica?

Na visão de Morais (2001), vários autores associam ao indivíduo criativo uma forte curiosidade e vastidão de interesses, embora os mesmos possam ser focados preferencialmente em um domínio de conhecimento. Ao relacionar tal percepção à biografia de Nise da Silveira, vemos que não foi só na área da psiquiatria que ela se destacou. “Por reconhecimento à sua obra Nise da Silveira tem recebido condecorações, títulos e prêmios nas mais **diferentes áreas do conhecimento: saúde, educação, arte, literatura** etc.” (Leal, 1994, p.1) (grifo nosso).

Consideramos aqui dois aspectos relevantes. Uma característica da pessoa criativa, quando criança, é ter um grande leque de interesse. Csikszentmihalyi (1998) fala que:

Ser um prodígio não é requisito para criatividade posterior, mas a **curiosidade por tudo que está em volta**, parece que sim. Praticamente todos os indivíduos que fizeram uma contribuição inovadora em um campo recordam sentir uma reverência frente aos

mistérios da vida e podem contar saborosas histórias sobre seus esforços para resolvê-los (p.187) (grifo nosso).

Lembramos que a atenção é recurso fundamental e ao mesmo limitado e que a curiosidade diversificada da infância precisa ter um foco mais definido para construir conhecimentos necessários à transformação de determinado domínio. Diz:

Se queremos aprender algo, devemos prestar atenção a informação que se tem para aprender. E a atenção é um recurso limitado: as informações são muitas. Não sabemos exatamente quanta, porém está claro que, por exemplo, não podemos estudar física e música ao mesmo tempo (Csikszentmihalyi, 1998, p.23).

Esse autor argumenta que precisamos dispensar atenção a todas as tarefas cotidianas para nossa própria sobrevivência. No caso de Nise da Silveira, a maioria das questões práticas ficavam a cargo de seu marido (Horta, 2008) e assim ela dispunha de atenção necessária para outras atividades. Vários relatos falam que era curiosa, estudava, lia diferentes assuntos “literatura, filosofia e artes” (Ferreira, 2008, p.280). Estas informações somadas à alta motivação, proporcionavam a base suficiente para dominar conhecimentos básicos necessários à inovação em uma área específica, a da saúde e também para relacionar esse trabalho com arte, educação e literatura.

O segundo aspecto a ser ressaltado é que, além de sua atuação interdisciplinar, o trabalho em si mesmo, com os internos do hospital psiquiátrico teve um caráter polissêmico, chamando a atenção de diferentes campos do conhecimento.

Os resultados alcançados com esses trabalhos ganham repercussão, atraindo artistas e outros intelectuais brasileiros e internacionais. No campo das artes, interfere em transformações, “contribuindo de

maneira direta nas formulações do neoconcretismo no Brasil” (Melo Junior, 2010, p.183).

Assim, vê-se em sua história uma orientação cognitiva consequente de uma alargada gama de interesses (Morais, 2001, p.77), normalmente presente nos indivíduos criativos.

B.2) Que natureza dos sistemas simbólicos ela trabalhou?

Entendemos que o principal sistema simbólico enfocado pelo seu trabalho era a área da psiquiatria, especificamente a valorização das relações humanas nesse domínio. No entanto, conforme comentado anteriormente, ela cultivou grande interesse por outras áreas.

Mantendo-se sempre no campo da psiquiatria, Nise não deixou de buscar parcerias no campo das artes. Demonstrando uma excepcional capacidade de articulação entre campos de conhecimento, desde o início propôs que o Museu pudesse se tornar um Centro de Estudo aberto não só a psiquiatras, mas também a antropólogos, artistas, críticos de arte interessados pela atividade criadora (Castro e Lima, 2007, p.368).

Observamos nos relatos sobre sua trajetória que ela transitou também por outros sistemas simbólicos, das artes visuais, da dramatização, da literatura, principalmente da mitologia e da escrita técnica (científica).

B.3) Qual o tipo de prática criativa ela realizou?

Para responder a esta questão, classificamos as realizações da prática criativa de Nise da Silveira em três contextos: curativo ou da saúde, formativo ou educacional e cultural ou artístico, todos eles bem conectados.

No curativo ou da saúde estão suas realizações nas Oficinas Terapêuticas e na Casa das Palmeiras. O formativo ou educacional abarca seu trabalho com o Grupo de Estudo e com o Museu de Imagem do Inconsciente e seus livros publicados. O cultural ou artístico diz respeito às exposições realizadas, ao Museu e à sua influência nas artes visuais e no teatro. Segue comentários sobre essas práticas.

Ela defendeu a necessidade de uma reviravolta na maneira como eram tratados (internos do hospital psiquiátrico), acabar com os métodos agressivos como eletrochoque, lobotomia e coma insulínico e criar condições terapêuticas adequadas, ambiente acolhedor sem nenhuma forma de coação, além de favorecer as oportunidades de expressão, seja pela pintura, modelagem, música e/ou teatro, acompanhado por uma postura estável do terapeuta, possibilitando, assim, que o afeto catalise as forças auto curativas da psique (Melo Junior, 2010, p.183).

Não só inovou na maneira de olhar, abordar, relacionar-se com os indivíduos internos no hospital psiquiátrico como também em termos de criação, organização e manutenção de uma instituição inovadora e pioneira como a Casa das Palmeiras: “A Casa das Palmeiras, fundada em 1956, **exemplo precursor** de passagem indispensável entre o hospital psiquiátrico e o meio social” (Castro e Lima, 2007, p.373) (grifo nosso). E também: “A Casa das Palmeiras é muito deficitária, não tem convênios e jamais quisemos. Convênios aparecem com exigências e nós queremos liberdade... lá **vai se**

inventado coisas” (Ferreira, 2008, p.327). Ou seja, a Casa das Palmeiras apresenta-se como um espaço muito fértil a inovações.

Sobre o Museu de Imagens do Inconsciente criado em 1952, podemos apontar sua importância citando Mesquita (2000):

Já em 1960 tinha mais de 70.000 documentos, sendo no gênero, um dos mais ricos do mundo; tornou-se um centro de estudo e pesquisa, aberto não só a psiquiatras, mas a antropólogos, artistas, críticos de arte e educadores interessados pelos problemas da psicologia profunda e da atividade criadora (p.63).

Em relação ao Grupo, retomamos a citação de Ferreira (2008):

O Grupo de Estudos no Museu de Imagens do Inconsciente, no Engenho de Dentro, então Hospital Psiquiátrico Pedro II, era, nos anos sessenta e setenta, **uma perfeita universidade viva: cursos, exposições, conferências, simpósios com representações teatrais. Ponto de referência e de riqueza cultural invejável** (p.335) (grifo nosso).

De La Torre (2005) fala “(os criativos) São pessoas com enorme energia psíquica a transbordar e que **precisam expressá-la, exteriorizá-la de mil maneiras possíveis**” (p.29) (grifo nosso). Assim, compreendemos a ampla capacidade de Nise da Silveira, demonstrada nas realizações em três contextos diferentes como algo próprio do perfil da pessoa criativa.

C) Nível do Campo

C.1) Quais foram seus principais mentores?

“Pesquisas na área de criatividade concluíram que as pessoas eminentes e criativas tiveram, em algum ponto de suas vidas pessoas que realizaram o papel de mentor” (Wechsler, 2008, p.165). Gardner (1996), por exemplo, aponta a presença de figuras de apoio na vida das pessoas criativas: “Quando os criadores começam a avançar no domínio escolhido, eles inevitavelmente encontraram outras pessoas com as quais precisam interagir. Tipicamente, cada criador terá um ou mais mentores...” (p.302).

Nise da Silveira teve alguns mentores próximos e também várias pessoas que exerceram influência em sua vida e criação. Entendemos que o mais importante foi o pai. Sobre ele, ela costumava dizer “**Meu pai foi a maior paixão** de minha vida” (Horta, 2008, p.44) (grifo nosso). No relato seguinte podemos ter uma ideia de como realmente seu pai era presente na sua vida:

A dedicação do professor pode ser medida pelo fato de que – durante os seis anos em que a filha e seus sobrinhos estudaram na Bahia – ele enfrentava uma viagem exaustiva, quinzenalmente. Faustino, na sexta-feira, deslocava-se de Maceió para Salvador, de madrugada, para acompanhar pessoalmente os estudos de Nise e dos rapazes. Após o fim de semana de sabatina, voltava no domingo e, sem ter dormido, retomava suas atividades na segunda-feira. Pai e tio de dedicação valiosa. Por isso, na ocasião, comentava-se, em tom de brincadeira, que o professor sabia mais de medicina do que a filha e os sobrinhos (Horta, 2008, p.135).

Também podemos imaginar seus sentimentos resultantes da perda de todo esse apoio, pois, logo após a formatura, seu pai morreu repentinamente:

Depois de formada, meu caminho não foi fácil. Tornou-se difícil...
Com a morte de meu pai, nossa casa ficou sem seu principal esseio.
Eu e minha mãe nos vimos em condições precárias. Ao mesmo tempo, eu não conseguia utilizar o que havia aprendido na faculdade, ninguém empregava médica mulher, naquela época (Horta, 2008, p.136).

Outra figura de apoio – e podemos pensar que também com um papel de mentor, foi o marido, o Dr. Mário Magalhães da Silveira. Filho do tio José, irmão do seu pai, portanto seu primo-irmão. Foram colegas de faculdade e viveram juntos por mais de 60 anos (Horta, 2008, p.355).

Ainda de acordo com a autora, Dr. Mário foi médico sanitarista do Departamento Nacional de Saúde, empenhando toda sua vida em acabar com a “pobreza e imundice do país, num processo de desfavelização” (p.355). Além dessas contribuições “na década de 60, Mário lançou os fundamentos da municipalização da saúde e da instituição do Sistema Único de Saúde (SUS) (Horta 2008, p.358). Podemos observar que existiam traços comuns no trabalho dos dois: ambos se dedicavam a melhorar as condições de vida dos excluídos da sociedade – ela com os doentes mentais e ele com favelados.

Csikszentmihalyi (2008) fala da presença de cônjuges sustentadores na vida de pessoas criativas, não como condição imprescindível, mas como uma presença de apoio encontrada na maioria das pessoas criativas de sua pesquisa: “Os indivíduos de nossa amostra tinham, em geral, relacionamentos maritais estáveis e satisfatórios” (p.219), alguns com duração de várias décadas.

Sobre a relação de Nise da Silveira com o marido, Ferreira (2008) afirma:

Os dois possuíam aguçada lucidez política e vigorosa consciência de justiça social. Muito diferentes no tipo psicológico e por temperamento, mas companheiros e cúmplices por toda a vida. Admiravam-se mutuamente. Dr. Mário era o chão firme, o esteio; sem o seu solidário e generoso apoio, Nise nada teria realizado (p.281).

Temos um pequeno exemplo de como funcionava a dinâmica do casal: “Nos domingos, ele costumava preparar o almoço na cozinha do apartamento do quarto andar, enquanto Nise lia, trabalhava e escrevia em sua biblioteca, no quinto. Uma **inversão de papéis e valores**” (Horta, 2008, p.360), lembrando que esta situação não devia ser comum nas décadas iniciais do século XX.

Existem ainda outras duas figuras importantes a serem citadas. Uma foi o professor Antonio Austregésilo, “considerado o fundador da Neurologia brasileira e um dos precursores da Psicanálise em território brasileiro, publicou ‘Sexualidade e psiconeuroses’ em 1919” (Campos, 2001, p.66). Quando Nise da Silveira foi para o Rio de Janeiro, em 1927, frequentou a “clínica de Neurologia da Faculdade de Medicina, recebendo grande influência de Antonio Austregésilo” (Campos, 2001, p.356). Foi esse professor que a inscreveu para que prestasse o concurso para psiquiatria (Horta, 2008, p.151).

Também “não podemos deixar de mencionar o trabalho de Ulisses Pernambucano, psiquiatra que muito influenciou Nise da Silveira, e que tinha grande desprezo por uma psicopatologia livresca, frequentemente limitada a elucubrações teóricas” (Mesquita, 2000, p.64) Esta autora ressalta que “Nise da Silveira e Ulisses Pernambucano pertencem à mesma espécie de livres pensadores, de estudiosos sérios da doença mental... ambos buscavam a compreensão do doente” (p.63).

Gardner (1996) afirma que “familiares e mentores influentes costumam mostrar aos jovens criadores as técnicas que podem ajudá-los a influenciar o campo” (p.194). Além de seus mentores próximos, vale lembrar a influência de algumas autores como Spinoza e Jung. Nise da Silveira descobriu a obra de Spinoza ainda adolescente e ficou tão impressionada que mais tarde escreveu o livro Cartas a Spinoza.

Dentre os muitos autores estudados por Nise da Silveira, Jung parece ter sido o que mais a influenciou, se bem que ela dizia “há pessoas que se assustam, quando eu digo: ‘Não sou junguiana, freudiana – nem sicrana...’ Eu sou eu” (Horta, 2008, p.280), indicando que, acima das influências, estava sua autonomia de pensamento ou então que era mais uma das lições aprendidas com o ‘mestre’ Jung, que abominava os seguidores ortodoxos, desejando “que aqueles que partilhavam de sua psicologia trilhassem um caminho próprio” (Horta, 2008, p.280).

A psiquiatra esteve entre os primeiros brasileiros a entrar em contato com a psicologia de C. G. Jung, tornou-se a maior autoridade brasileira no assunto, e não criou sua Sociedade Psicanalítica Junguiana. Montou um Grupo de Estudo Carl Gustav Jung, gratuito e aberto a todos interessados (Mesquita, 2000, p.60).

Outra influência na sua obra é o poeta, ator, roteirista e dramaturgo francês Antoine Artaud:

É preciso lembrar que a perspectiva teórica fundante da proposta do Museu de Imagens do Inconsciente vem da Psicologia Analítica de Jung. Mas não só. Ela tem raízes em obras de outros autores, filósofos e artistas, em especial na poética de Artaud, o qual Nise da Silveira considerou ‘um mestre’ (Melo, 2007, p.4).

Mais uma figura importante na sua via foi o escritor e amigo Murilo Mendes. Mesmo depois de sua morte, ela falava dele com muito afeto: “Leio Murilo Mendes como uma oração. Estou apaixonada por ele. Sempre me apaixonei. Tive vários amores. Em Roma ele me disse ao nos despedirmos ‘até breve, até outra galáxia’, isso penso até hoje” (Ferreira, 2008, p.331). Esta autora ainda menciona:

Mario Pedrosa foi uma grande paixão em sua vida. Admirava-o intensamente...Marie Louise von Franz, Edwald Mourão, Domitila Amaral, Rubens Correa, Leon Hirszman, Marco Lucchesi, eram pessoas extremamente amadas por ela. Sempre se referia a estas pessoas. Sentia um eterno sentimento de agradecimento. Suas grandes amigas Alice Marques dos Santos e Lya Cavalcanti estavam sempre presentes em sua casa. Dr.^a Alice foi colaboradora incansável. Impossível enumerar a multidão de pessoas que viviam à sua volta, que colaboraram com sua obra, que participaram dos seus grupos de estudos gratuitamente (p.338).

Também apontamos o papel que seus ‘clientes’ tiveram na construção do seu saber e de sua obra. Antes cabe explicitar que ela dizia: “esta palavra ‘paciente’ não deveria existir em nosso vocabulário. Esta palavra diminui a pessoa humana, colocando-a numa posição passiva. São clientes da casa” (Ferreira, 2008, p.331).

...um paciente me mostrou que eu estava no caminho certo, quando certa vez me ofereceu um coração de madeira e no centro do coração um livro aberto. Quando me ofereceu isso me disse: ‘um livro é muito importante, a ciência é muito importante, mas se desprender do coração não vale nada’. **Tudo que sei de psiquiatria aprendi com eles** (Leal, 1994, p.4) (grifo nosso).

Nesta postura aberta e democrática em relação à construção do conhecimento, encontramos muitos pontos em comum com outro grande nordestino, corajoso e humanista – o educador Paulo Freire (1975). Dizia ele: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Esse autor defendia um trabalho pautado “na reflexão sobre a prática educativa-progressiva em favor da autonomia de ser dos educandos” (Freire, 2008, p.13). Ressaltando as semelhanças com a postura de Nise da Silveira, observamos que, em sua obra, ela visava refletir e agir sobre a prática curativa-progressiva em favor da autonomia do ser dos internos do hospital psiquiátrico.

Na rede de relações de Nise da Silveira, além das pessoas que exerceram influência em sua vida e seu trabalho, queremos apontar um aspecto inusitado, a relevância que ela deu aos animais.

Grande paixão, também, para com os animais, em especial os cães e mais ainda os gatos. Por toda a sua vida expressava-se como defensora implacável e resistente a qualquer dano feito a qualquer um. Sua afetuosidade para com eles era espantosamente obsessiva e bela. Via os animais como seres mais elevados que seres humanos, pela dignidade e nobreza de comportamento (Ferreira, 2008, p.280).

O afeto que ela tinha pelos animais e o fato de ter sido uma das primeiras pessoas do mundo a utilizá-los como “co-terapeutas, convivendo com os doentes, despertando-os da doença mental através da ligação afetiva” (Horta, 2008, p.219) mais uma vez sinaliza sua originalidade em pensar e agir.

C.2) Como foram suas relações com rivais?

Quando aponta a presença dos mentores na vida dos criativos, Gardner (1996) fala também que, se a pessoa tiver sucesso no trabalho, inevitavelmente encontrará rivais (p.303). Foi o que aconteceu com Nise da Silveira: em vários momentos do seu percurso profissional enfrentou pessoas que não entendiam e/ou não aceitavam sua maneira de trabalhar, sua postura e suas ideias. Seguem alguns exemplos de como ela lidava com essas questões:

Me chamam de dona de gafeira...Quando eu era diretora do Museu de Imagens do Inconsciente, algumas pessoas diziam: 'Ela é dona de gafeira'. Isto porque, no Museu, havia salão de beleza, festas, dança. Sim, com muito orgulho! No hospício, eu coloquei os internos pra se arrumar, se pentear, pra dançar... Aquela era a gafeira Flor do Abacateiro. Que beleza! (Horta, 2008, p.330).

O relato indica que ela enfrentava as posições antagônicas com firmeza e até mesmo com certo orgulho, quando conquistava um espaço:

Com a história de exposição da Seção de Terapêutica Ocupacional no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo), aumentou ainda mais a raiva que os psiquiatras tinham e têm de mim. Então, eles assistiram ao sucesso do que consideravam garatujas de doentes mentais brilhando em uma exposição badaladíssima. Gente famosa, jornais... Teve até matéria de Sergio Millet! Aquilo tudo foi uma confusão (Horta, 2008, p.235).

Parece-nos óbvio que ela se alegrasse com eventuais conquistas em uma trajetória que foi frequentemente marcada por desafios e enfrentamentos. Seguem outros exemplos das atitudes de Nise da Silveira frente a seus desafios.

O pior sofrimento que passei em minha vida não foi a prisão, nos anos 30. Não foi a doença, nem quando caí e quebrei a perna. Foi o envenenamento de animais no Centro Psiquiátrico Pedro II. Quando mataram os animais, eu fiquei desesperada e fiz um barulho terrível. Apelei para a imprensa, encontrei muito apoio na imprensa... Eu devo muito à imprensa (Horta, p.220).

Ou seja, temos aqui um sinal de busca de apoio, de parceria. A próxima citação aponta outra reação:

Era uma pessoa muito doce, delicadíssima, requintada e sempre amável, mas, **por vezes, de uma irritabilidade surpreendente, capaz de dizer palavras terríveis e muito duras para pessoas que por alguma razão, se chocavam com suas ideias...** Ela suportava serenamente a ignorância das atitudes humildes, mas era implacável com a empáfia dos soberbos; ou ficava muda com ar de desprezo absoluto ou era capaz de dizer: ‘Sua idiota, vai estudar primeiro antes de abrir a boca e falar tanta besteira’ (Ferreira, 2008, p.335).

Segue mais um comentário sobre como ela era capaz de ter atitudes radicais.

Conta-se que, por causa da personalidade radical de Nise – e de sua tendência a cisões definitivas –, a própria se distanciou de vários colaboradores, como os analistas Carlos Byington e Walter Boechat – expoentes da psicologia junguiana no Brasil. A psiquiatra discordou do posicionamento de ambos e cortou contato com eles (Horta, 2008, p.65).

Tal divergência em suas reações – ela era ora doce e delicada, ora firme e radical – nos faz pensar na complexidade da pessoa criativa, conforme comentado em outro item.

C.3) Como foram suas relações com seguidores?

Observamos que Nise da Silveira tinha uma preocupação em socializar seus conhecimentos e ideais, além de querer ter sempre com quem dialogar e continuar aprendendo. “Sem dúvida, os indivíduos criativos insistem continuamente na importância de ver e ouvir gente, trocar ideias e conhecer o trabalho e o parecer de outras pessoas” (Csikszentmihalyi 1998, p.89). Para isto, organizou o Grupo de Estudos Carl Jung, criado em 1955 e oficializado em 1969, o qual funcionava em sua casa, tendo o importante papel de centro formador de pessoas e profissionais.

Uma das coisas de que gosto é que, no Grupo, vem todo o tipo de gente. Há sempre novidades. Noutro dia, durante os estudos, alguém dizia: ‘Eu sou formado, psicólogo’, ‘tenho mestrado na universidade sei lá qual’, ‘fiz um doutorado no exterior...’ Que bobagem! Como se os títulos dessem, necessariamente, capacidade e seriedade às pessoas... Nada disso! Não precisa... Eu costumo dizer que necessito de donas de casa e operários, para estudar e trabalhar comigo. Gente, em geral desprezada, tida como desocupada. Pessoas simples, dispostas. Eu as quero perto de mim (Horta, 2008 p.334).

Apesar de seus esforços nem sempre foi aceita e apoiada conforme salienta Mesquita (2000)

Parto do princípio de que a pessoa de inteligência superior é dificilmente compreendida pelo seus seguidores. A obra de Nise da

Silveira não é o Museu de Imagens do Inconsciente nem a Casa das Palmeiras, qualquer dessas instituições pode ser facilmente desvirtuada. Os livros escritos podem ser condensados ou não mais editados, tanto mais facilmente porque suas ideias contrariam fortes interesses econômicos das indústrias farmacêuticas e das organizações médicas privadas. Além disso, o Brasil tem uma tradição de descaso pela sua memória. **O que é importante é apreender a forma como Nise da Silveira pensava e agia. A sua obra é uma construção interna que pode ser reinventada em qualquer lugar do mundo.** Qualquer pessoa, em qualquer época, pode criar o seu próprio museu para estudo da psicologia e a sua própria Casa das Palmeiras (p.66) (grifo nosso).

Concordamos com esta autora a respeito da possibilidade de resgate do melhor de Nise da Silveira por novos seguidores. Com as informações sobre Nise da Silveira trazidas aqui procuramos delinear as características do seu processo criativo. Pensamos que elas sejam suficientes para responder afirmativamente à referência de Gardner (2001) do início desse capítulo: “o trabalho tido como criativo acabou provocando alguma mudança na área?” (p.144/145). Podemos dizer que os relatos encontrados indicam que aconteceram mudanças, não só na área da saúde, a psiquiatria como também nas artes.

Após a análise das diversas características que normalmente são utilizadas na literatura para descrever o indivíduo criativo, poder-se-ia chegar facilmente à conclusão que Nise da Silveira foi, sem dúvida, criativa, simplesmente verificando-se a presença de tais descritores. Entretanto, de acordo com Morais (2001), alguma precaução deve ser tomada em relação ao valor explicativo, de causa e efeito, das características abordadas. De acordo com a autora, “nenhuma das características é, por si só, um pré-

requisito da criatividade, embora bastante delas apareçam como típicas para essa dimensão acontecer. O fato delas aparecerem associadas a indivíduos criativos não significa mais do que serem correlatos da criatividade, não se podendo inferir uma relação de causa e efeito” (p.79), dado o fato de que serem típicas não significa serem necessárias ou suficientes. Somente a análise possível através de estudos longitudinais, tal como o realizado por meio da investigação da biografia da personagem, poderia trazer clarificações no sentido de se poder avaliar a sua criatividade.

Assim, após diversos indicadores, os fatos apontam para uma resposta positiva em relação ao questionamento sobre seu destaque criativo, sendo necessário o mesmo tipo de análise para se decidir sobre sua capacidade resiliente, o que será feito a seguir.

Resiliência na vida de Nise da Silveira

Ao iniciarmos esta etapa dos relatos, cabe fazer a observação de que alguns exemplos, anteriormente utilizados para caracterizar criatividade foram novamente citados como exemplos de situações que poderiam ilustrar aspectos resilientes. Lembramos que os registros sobre sua biografia são a matéria prima do nosso estudo, sendo estes, em número limitado e reduzido à pouco material perante a riqueza da sua história de vida.

1) Qual o papel da família e das amizades na vida do indivíduo? (Competência nas relações sociais e valores cultivados/capacidade de relacionar-se)

Como já comentamos anteriormente, pelos relatos da própria Nise da Silveira e de seus biógrafos, observamos que ela teve uma infância cercada de atenção e carinho da família. “Eu tive uma **infância muito feliz. E isso pode ser quase tudo na vida de**

uma pessoa” (Horta, 2008, p.44) (grifo nosso). Esta afirmação vem ao encontro do que os pesquisadores de resiliência afirmam em relação à importância dos anos iniciais e da presença de uma figura de apego. De acordo com Melillo (2005), “sem exceção, os estudos identificavam na vida dos resilientes a presença de “apoio irrestrito de algum adulto significativo, familiar ou não” (p.11). No caso dela, esse apoio veio especialmente do pai. “Nise costumava dizer **Meu pai foi a maior paixão** de minha vida” (Horta, 2008, p.44) (grifo nosso). Seu pai lhe dispensava bastante atenção e estímulo, haja vista os relatos sobre as visitas que fazia com ele na gráfica do jornal e sobre as leituras em momentos de sofrimento...“Numa noite, tive uma dor de dente terrível... Então, **meu pai varou a noite lendo contos para mim**” (Horta, 2008, p.36) (grifo nosso). Também veio do pai a orientação para aprofundar os estudos de geometria, a falsificação do documento para ter idade mínima exigida na faculdade, além de sua contribuição significativa durante todo o curso de medicina. “**Seu pai continua prestando incansável apoio**, viajando quinzenalmente de Maceió à Salvador para acompanhar pessoalmente seus estudos e os dos primos. A filha era sua jóia, seu orgulho, a alegria e o motivo de viver” (Horta, 2008, p.134) (grifo nosso).

Uma leitura mais aprofundada sobre a infância de Nise da Silveira mostra a existência de dados aparentemente contraditórios, uma vez que sua relação com a família nem sempre foi só de alegrias: houve frustrações – por não ser capaz de tocar bem piano, tensões e medos devido às brigas políticas e às vezes seu pai saía de casa dizendo que não sabia se iria voltar (Horta, 2008). Podemos imaginar como ela devia sentir-se ouvindo o pai falar isso. O próximo exemplo explicita melhor esta fase.

Meu pai e meu tio Luís fundaram um jornal para derrubar seus opositores políticos, em Alagoas. A luta entre a facção governamental, a família Malta, e o grupo Magalhães da Silveira era batalha de vida ou morte. Aquele era o tempo da ‘casa do terror’, quando meus

parentes e seus inimigos andavam todos armados. Meu pai era um homem pacífico, mas entrou nessa briga para apoiar o irmão. Eu tinha três, quatro anos de idade... Meu pai dizia: ‘Nise, vai até a cabeceira da minha cama e pega o revólver’. Minha mãe ficava furiosa: ‘E se esta menina cai e o revólver dispara, Faustino?!’ Ela enrolava a arma num lenço, pra me proteger, como se a bala de revólver não furasse tecido... De modo que, desde pequena, eu pego revólver como quem pega em livro” (Horta, 2008, p.28).

Houve ainda outras situações corriqueiras na vida de qualquer criança como, por exemplo, o fato dos primos a fazerem chorar dizendo que seu cachorro era feio (Horta, 2008). Assim entendemos a fala “Eu tive uma **infância muito feliz. E isso pode ser quase tudo na vida** de uma pessoa” (Horta, 2008, p.44) (grifo nosso) não como um relato da verdade total, mas como parte da verdade, sendo essa a maneira como ela interpretou a realidade. Nesse sentido, Cyrulnik (2006) explica que o processo de resiliência depende de como a pessoa conta para si mesmo a situação vivida, afirmando que “os resultados são opostos e, no entanto, ninguém está mentido. Cada um simplesmente recolhe informações diferentes, o que dá um olhar diferente” (p.157). Resta entender, portanto, por que uma pessoa recolhe informações que resultam em memória com configuração negativa e outra recolhe informações que resultam em memória com configuração positiva, como foi no caso aqui estudado. Em outro trabalho, Cyrulnik (2004) explica que, por volta de um ano de idade, os bebês já possuem uma maneira própria de relacionar-se, de procurar afeto. Ele diz:

A espiral interacional funciona desde os primeiros dias: a criança vai procurar na mãe as informações sensoriais (cheiro, brilho dos olhos, baixa frequência da voz) de que precisa para constituir um sentimento de familiaridade. Assim que se assegura, passa explorar o entorno.

Mas sua maneira de explorar depende da maneira pela qual a mãe respondeu à sua busca de familiaridade (p.50).

Os estilos relacionais vão se configurando de acordo com essas vivências, sendo que eles não podem ser vistos dentro de um caráter determinista, pois podem ser alterados infinitas vezes ao longo da vida de uma pessoa. Assim,

esses estilos duram apenas enquanto duram os contextos. Numa família, instituição ou cultura petrificada, um rótulo será difícil de descolar e os hábitos relacionais só poderão se reforçar. Por outro lado, num contexto vivo, as forças modeladoras mudam constantemente (Cyrulnik, 2004, p.56).

Ampliando nosso olhar sobre as influências que Nise da Silveira recebeu na infância, observamos que a família estava aberta, cultivando traços de um entorno promotor de resiliência. Diz Ojeda (2007): “pensamos que as chaves explicativas (da resiliência) não estão nas características individuais, mas nas condições sociais, nas relações coletivas e em aspectos culturais e valorativos de cada sociedade” (p.49). Nesse ponto podemos refletir que a resiliência não é desenvolvida somente baseada nas características individuais, de forma que tal característica parece ser resultado de uma mescla entre aspectos individuais e condições ambientais. Nesse sentido pode-se tomar, como exemplo, casos de irmãos que foram criados nas mesmas condições, que passaram pelas mesmas situações de vida e que, no entanto, enfrentaram ou reagiram a situações adversas de maneira diferente. Deve-se então considerar a singularidade nesse processo.

No relato seguinte é possível compreender que os valores cultivados na família estavam ligados ao acolhimento de pessoas, particularmente os artistas, os divergentes, os sensíveis.

Minha atitude, ao longo da vida, foi resultado do clima que reinava em minha casa, durante a infância. Minha mãe era livre de preconceitos. Ela ia a um concerto, encantava-se, **fazia amizade com os artistas e os convidava para se hospedarem lá em casa.** Ela não sabia fazer um café... Era uma pessoa que destoava completamente das mulheres da época. E o meu pai aceitava bem o jeito dela, porque esse também era o jeito dele (Horta, 2008, p.43) (grifo nosso).

Nesse perfil familiar, vemos sinais implícitos de elementos promotores resiliência, tais como a valorização de figuras importantes da história, conforme relato abaixo, o qual se refere a Zumbi, o escravo fugitivo que se tornou líder de Palmares e um protótipo de resiliência:

Minha avó, Dona Henriqueta, era a matriarca da família. Meu avô, marido dela, era uma pessoa muito doce – tão doce que não aguentou toda aquela agitação e foi se estabelecer numa pequena casa comercial, onde também residia. Dessa casa, tenho uma vaga ideia porque não íamos muito lá. Vez por outra, o visitávamos. Ele morava em União dos Palmares, onde aconteceu o quilombo de Zumbi. Uma vez, quando estivemos lá, meu pai me contou sobre aquele quilombo. De modo que **Zumbi – um negro admirável e libertador – me ficou como ideal de infância** (Horta, 2008, p.29) (grifo nosso).

A referência de família aberta para acolher e valorizar o excluído, o diferente, o fora dos padrões, parece ter influenciado sua atitude com as pessoas. Ferreira (2008) conta:

Os colaboradores na sua maravilhosa obra são incontáveis; artistas de cinema, teatro e TV, músicos, poetas, arquitetos, diplomatas, senhoras

donas de casa, empregadas, antropólogos, artistas plásticos, alguns psicólogos e poucos médicos. Os seus colegas psiquiatras não apreendiam sua visão e atuação de vanguarda. O incrível é que andarilhos e pessoas perdidas emocionalmente, movidas por ideias revolucionárias, criativas e precursoras, contribuíram de alguma forma na realização de sua obra pioneira. **Ocupava longo tempo com pessoas altamente criativas: ouvindo-as, observando-as, e mesmo humildemente aprendendo com elas** (p.282) (grifo nosso).

Assim, pode-se ver o quanto ela também era receptiva todos os tipos de pessoas, reproduzindo o ambiente acolhedor vivido na infância, no qual o pai foi importante figura de apego, mas não a única. Cyrulnik (2006) fala que basta uma figura amorosa para criar uma prisão que ele chama de ‘captura afetiva’, defendendo a importância de vários vínculos afetivos “A existência de uma constelação de apegos protege a criança” (p.132).

Em outro exemplo sobre valores cultivados, vemos que as emoções positivas adquirem papel de muita importância para Nise da Silveira. “Os médicos ainda confiam demasiadamente em remédios. Eu não acho que remédio seja a solução. Tem efeito paliativo, mas não cura. **Eu confio mais na alegria e no afeto, eles são capazes de curar**” (Horta, 2008, p.222) (grifo nosso). Aqui lembramos que o estudo da resiliência está dentro abordagem da Psicologia Positiva, cujo objetivo é “catalisar uma mudança no foco da psicologia com preocupação apenas na reparação das piores coisas na vida para uma psicologia focada também na construção de qualidades positivas” (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000, p.5). Ao confiar mais na alegria e no afeto para curar, Nise está confiando nos aspectos saudáveis ou geradores de bem-estar, em uma atitude coerente com a Psicologia Positiva e relacionada com resiliência.

2) Demonstra sentir satisfação consigo próprio e realização profissional? (autoestima consistente)

Já mencionamos que são vários os exemplos em que ela demonstra sinais de satisfação com o próprio trabalho. “A verdade é que eu não sou modesta e não quero ser – até porque não sou mesmo! Não tenho modéstia nenhuma, **acho meu trabalho de grande importância** (Horta, 2008, p.124) (grifo nosso). E também:

Tenho orgulho de dizer que transformei o serviço subalterno em serviço de alta categoria. O trabalho que se fazia na Terapia Ocupacional era tudo repetitivo quando fui designada para lá. Eles faziam tudo igual todos os dias. Não existe coisa pior. Criamos oficinas de trabalho criativo, nada era repetitivo e chegamos a criar 17 oficinas expressivas. Tínhamos a pintura e a modelagem como prioridades. Através das imagens, podíamos conhecer os processos psíquicos, o que se passa nas camadas mais profundas do ser (Ferreira, 2008, p.321) (grifo nosso).

Ainda outro exemplo

Meu trabalho tem um caráter científico. Trabalho de valor científico. Nunca pretendi ser um espelho. As pesquisas não dependem de minha presença para continuar. Tudo que está aí é uma batalha de heróis, que vai ser assimilada daqui a mais de 50 ou 60 anos (Ferreira, 2008, p.325).

Esse sentimento de realização como ser humano pressupõe busca de sentido e entendemos que ela o encontrava em seu trabalho.

Quando a pessoa encontra o sentido de sua vida, encontra aquilo que pode fazer e que exprime sua unicidade, a sua missão diante da vida. E, ao desempenhar no cotidiano aquilo que é seu sentido, **realiza-se plenamente como ser humano**, atuando com suas possibilidades mais peculiares. A realização pessoal vem como consequência de atingir o sentido (Frankl, 1948/1989 apud Silveira & Mahfoud, 2006, p.571).

No item seguinte vemos melhor a questão da busca de sentido.

3) Qual a capacidade de dar sentido para a própria vida?

A demonstração de possuir um sentido para vida é uma característica marcante dos indivíduos resilientes. Todas as pessoas buscam um sentido para vida, mas os que conseguem encontrar ou construir um sentido passam a contar com uma energia poderosa. Frankl (1987), judeu sobrevivente de campo de concentração alemão, psicanalista e um dos precursores do estudo da resiliência, diz:

Como é possível dizer sim à vida apesar de tudo isso? Como, para colocar a questão de outra forma, pode a vida conservar o seu sentido potencial apesar dos seus aspectos trágicos? No final das contas, "dizer sim à vida apesar de tudo", para usar o título de um livro meu em alemão, pressupõe que a vida potencialmente tem um sentido em quaisquer circunstâncias, mesmo nas mais miseráveis. E isso, por sua vez, pressupõe a capacidade humana de **transformar criativamente** os aspectos negativos da vida em algo positivo ou construtivo. Em outras palavras, o que importa é tirar o melhor de cada situação dada. (p.75) (grifo nosso).

Não podemos deixar de salientar, em tais palavras, a relação da resiliência com a criatividade, a qual reforça nossa hipótese de relação entre os dois constructos. Cyrulnik (2006), outro pesquisador do tema já citado anteriormente, quando vítima da segunda guerra, “foi salvo por uma mulher que o conhecia. Ela o empurrou para dentro de uma ambulância, enquanto ele via os pais e familiares serem deportados pela *Gestapo* para os campos de extermínio” (Czerny, 2007, p.1). Hoje, é presidente do *Observatoire International de la Resilience*, na França. Ele usa uma metáfora muito clara sobre a diferença entre a pessoa que não foi capaz de dar sentido para a própria vida e outra que consegue:

Atribuí repetidas vezes a Charles Péguy a seguinte fábula. No caminho de Chartres, Péguy vê à beira da estrada um homem quebrando pedras com grandes golpes de maço. Seu rosto exprime infelicidade, e seus gestos, raiva. Péguy se detém e pergunta: “Senhor, o que está fazendo?” “Como pode ver”, responde-lhe o homem, “não encontrei outra profissão senão esta, estúpida e dolorosa”. Um pouco mais adiante, Péguy percebe outro homem que também quebra pedras, mas seu rosto está calmo e seus gestos são harmoniosos. “O que está fazendo, senhor?” Pergunta-lhe Péguy “Pois bem, ganho a vida graças a essa profissão cansativa, mas que tem a vantagem de ser ao ar livre”, respondeu-lhe ele. Mais adiante, um terceiro quebrador de pedras irradia felicidade. Sorri ao descer o maço e olha com prazer os fragmentos de pedra. “O que está fazendo?” Pergunta-lhe Péguy. Responde o homem: “Estou construindo uma catedral”! (p.22).

Por causa desta fábula esse autor usa a expressão “ter uma catedral na cabeça” ao se referir à pessoa que tem um sentido de vida. Podemos relacionar esta capacidade com o estado de fluxo apontado por Csikszentmihalyi (1998) e também como uma visão

individual mais holística, capaz de abranger um contexto maior. Nesse sentido, conforme as palavras de Nise da Silveira, entendemos que a ‘catedral’ que ela tinha na cabeça era uma nova psiquiatria, que tratasse com amorosidade seus clientes. “Após minha reintegração ao serviço público, **me engajei em uma nova luta – contra a psiquiatria convencional. Esta é a briga mais importante de minha vida.**” (Horta, 2008, p.80) (grifo nosso). No trecho seguinte ela completa: “O amor àqueles que só conhecem a solidão, a doença mais devastadora de nossos dias. Lutar por um ideal, um sonho, sempre vale a pena. **Quando me perguntam o que mais deu sentido à minha vida, eu respondo: o amor aos loucos**” (Horta, 2008, p.350) (grifo nosso).

4) Como é sua capacidade de resolução de problemas?

Grunspun (2009) afirma que podemos observar em crianças com características resilientes “competência para resolver problemas: ela é capaz de pensar de forma crítica e pensar com alternativas, procurando soluções para as necessidades ambientais procurando adaptação. Não encontrando saída, busca ajuda” (p.168). Entendemos que o mesmo processo acontece com adultos resilientes e podemos enfocar essa questão em três aspectos: capacidade de compreender uma situação de diferentes maneiras, capacidade de encontrar saídas diante de desafios e capacidade de levar os planos até o fim. Vejamos o primeiro: um bom exemplo da capacidade de Nise da Silveira encarar uma situação de diferentes maneiras pode ser o episódio relacionado com seu ‘rebaixamento’ para seção de terapia ocupacional. Em vez de prender-se na decepção ou sentir-se humilhada, foi flexível, encarou o desafio como uma possibilidade de expressar seus princípios e sua força. Diz ela:

...Elejalde (diretor do Centro Psiquiátrico Pedro II) argumentou que não tinha onde me colocar e, por fim sentenciou: ‘Se você teima nessa

rejeição aos tratamentos de choque, a única opção que me resta é rebaixá-la para a Seção de Terapia Ocupacional. Eu estremei... Durante alguns segundos, calei, pensando. Aquele era um setor considerado ‘pouco nobre, no hospital – de ‘segunda categoria’. Os médicos se recusavam a fazer parte dele, repassavam sua administração para os serventes. Por um instante, temi e não soube o que responder. Mas, como não havia outro jeito, falei: ‘Eu aceito, prefiro a terapêutica ocupacional. De qualquer forma, ao chegar na Seção, vou mudar tudo’ (Horta, 2008, p.89).

Entendemos que esta capacidade de encarar situações de uma nova maneira vai ao encontro das características encontradas em pessoas altamente resilientes. Sabemos, pelos relatos, que Nise da Silveira tinha opinião firme para pontos que considerava inegociáveis. Mas nesse exemplo, vemos que quando não havia alternativa, ela encarava o fato e fazia o seu melhor. Esse aspecto pode ser relacionado com uma das características apontadas por Melillo, Ojeda e cols. (2007), a iniciativa, descrita como “gosto de se exigir e se por à prova em tarefas progressivamente mais exigente” (p.62).

Quanto ao segundo aspecto, Nise da Silveira sabia que não era fácil encontrar saídas diante de desafios. Disse: “para navegar contra a corrente, são **necessárias algumas qualidades raras**: espírito de aventura, coragem, perseverança e, sobretudo, paixão” (Horta, 2008 p.83). Acreditamos que ela tinha essas qualidades raras e entendemos esse jeito de ser como demonstração de resiliência, pois navegar contra a corrente é justamente enfrentar com êxito situações adversas.

A forma como Nise se comportava frente à possibilidade de ficar cega impressionou-me por toda a vida. Tinha uma vontade inquebrantável, jamais se dava por vencida qualquer que fosse a dificuldade. Usava uma lupa poderosa para ler e escrever. Em determinado momento,

operou o olho com maior possibilidade de visão e ficou reduzida ao outro, que tinha uma lesão de mácula. Seria absolutamente impossível ler. Apesar de só ver imagens distorcidas, fragmentos de imagens e letras, toda tarde eu a encontrava exercitando o olho doente. Ela explicava que via fragmentos de letras e tentava adivinhar o resto, na suposição de que o cérebro se acomodaria. Quando voltou ao oftalmologista, estava lendo com o que lhe restava daquele olho. O médico ficou surpreso. Nunca imaginara que alguém realizasse tamanha façanha. Nestas condições, foi escrito o livro *Imagens do Inconsciente* (relato de uma de suas colaboradoras de longa data, Luciana Ramos, neta de Graciliano Ramos) (Horta, 2008 p.53).

Em relação ao terceiro aspecto, mais do que levar os planos até o fim, vemos que ela levou sua vida até o fim, fazendo o melhor que podia nas condições em que se encontrava.

Em seu último ano de vida, todos os seus gatos já haviam morrido. Nise se sentia sozinha. Ligou-se ainda mais à literatura. Lia Machado de Assis e literatura francesa, em sua casa e na biblioteca. As obras a ajudavam a amenizar as saudades de seus animais, amigos e familiares já falecidos. Na ausência dos seres, agarrava-se aos livros (Horta, 2008, p.124) (grifo nosso).

Assim entendemos que enfrentar os desafios seja mais um aspecto de sua capacidade de resiliência.

5) Demonstra sua independência e autonomia ? De que maneira?

Sobre a pessoa independente Melillo, Suarez, Ojeda e cols (2007) falam que “mantém interesse pelas coisas; se necessário pode estar por sua própria conta; sente-se

bem ainda que haja pessoas que não gostam dele; é determinado” (p.27). Esta questão será analisada sob dois aspectos: capacidade de depender de si mais do que qualquer outra pessoa e enfrentamento de pressões, mantendo-se firme em situações adversas.

Quanto ao primeiro, observamos bastante coerência entre o discurso e a prática de Nise da Silveira em relação à questão da independência. Ela falava: “a palavra que mais gosto é liberdade” (Ferreira, 2008 p.318). Suas ações desde jovem apontam nesta direção, ou seja, mais do que ser capaz de “estar por sua própria conta”, ela buscava isto.

Desde os primeiros anos de permanência em Salvador, nos anos 1920, Nise já se relacionava com Mário, só que de forma autônoma e independente. Tanto que, posteriormente, ao chegar ao Rio, em 1927, foi morar com o companheiro, mas não considerava tal relação um casamento. **Queria liberdade e independência** – sobretudo, provar a si mesma que poderia se sustentar e se manter sozinha. Enfrentou dificuldades e não se curvou à opção de se tornar uma mulher casada tradicional, sustentada pelo marido. Passou por privações, inclusive fome (Horta, 2008, p.136) (grifo nosso).

Também mais tarde, em sua atuação profissional continua batalhando pela independência de suas ações.

A Casa das Palmeiras é muito deficitária, não tem coleiras, convênios e jamais quisemos. Convênios aparecem com exigências e **nós queremos liberdade**. Convênios ditam regras, certas normas. Muito difícil (Ferreira, 2008, p.327) (grifo nosso).

Outro comentário nos faz observar interessante sequência de relações.

Demolidora de velhos modelos, sobretudo na área da psiquiatria e da psicologia voltada para o racionalismo. Para ela, as instituições enquadram a pessoa na racionalidade, estragam quem quer **estudar psicologia com ideias próprias, com criatividade** (Ferreira, 2008, p.343) (grifo nosso).

É próprio do ser humano buscar sentido para vida, que é fundamentalmente a expressão do que ele tem de mais característico, como já mencionamos:

Quando a pessoa encontra o sentido de sua vida, encontra aquilo que pode fazer e que **exprime sua unicidade**, a sua missão diante da vida. E, ao desempenhar no cotidiano aquilo que é seu sentido, realiza-se plenamente como ser humano, **atuando com suas possibilidades mais peculiares** (Frankl, 1948/1989 apud Silveira e Mahfoud, 2006, p.571).

Para exprimir sua unicidade e atuar com suas possibilidades mais peculiares é preciso espaço. A autenticidade deve ser preservada e cultivada. Fomentando condições para expressão da criatividade (seja criatividade com c ou com C).

Sobre sua forma de reagir à pressão e manter-se firme em situações adversas, relembramos a ocasião em que tentaram convencê-la a usar o eletrochoque nos pacientes:

...O eletrochoque e os remédios deixavam as pessoas endurecidas, para se acalmarem. E as enfermarias ficavam tranquilas, como os médicos queriam. Ora... isso é tortura!, concluí. Eu não fui torturada nos tempos de cadeia, mas ouvi os gritos de sofrimento de vários companheiros. Seria irônico e absurdo eu ter passado pela prisão e,

após solta, torturar os outros. Não faria sentido!...Naquele dia, tessemunhei o sofrimento do doente, durante a aplicação. Eu disse que não faria aquilo. **Os colegas tentavam me convencer sobre as maravilhas daquela engenhoca, mas recusei com firmeza** (Horta, 2008, p.88) (grifo nosso).

Pela atitude descrita, Silveira é transferida para o setor de Terapia Ocupacional. Lá **também não concorda** com a maneira como os pacientes são tratados, observando que os mesmos são mais usados como empregados do que verdadeiramente cuidados. **Inicia uma transformação**, ao introduzir oficinas, primeiro de costura de bordado e, depois, a de desenho e pintura, inaugurada em setembro de 1946. Em seguida, propõe vários tipos de atividades, divididas em quatro grupos: trabalho (marcenaria, sapataria, encadernação, cestaria, costura e jardinagem etc.), expressivas (pintura, modelagem, gravura, música, dança, mímica, teatro, etc.), recreativa (jogos, festas, cinema, rádio, televisão, esportes, passeios, etc.) e culturais (escola, biblioteca etc.) (Mello, 2001).

Observando atentamente a expressão dos seus clientes, de forma aberta e receptiva, Silveira “**questiona dogmas profundamente arraigados** no discurso psiquiátrico” (Melo Junior, 2010, p.182) (grifo nosso). Segundo a própria personagem, “há pessoas que se assustam, quando eu digo ‘Eu não sou *junguiana*, nem *freudiana* – nem *sicrana*...’ **Eu sou eu**” (Horta, 2008, p.280) (grifo nosso). E ainda:

Fiz com os livros como fiz com minha obra: não liguei para o que diziam e prossegui em frente, com a certeza de que realizava um trabalho importante. Escrevi *Imagens do Inconsciente* e ele foi publicado. Quem se preocupa demais com o que os outros dizem, deixa de escrever, deixa de viver (Horta, 2008, p.110).

Mais um exemplo, no mesmo sentido:

Hoje, prefiro escrever sobre os bichos do que ficar escrevendo sobre psiquiatria. Alguns amigos, colaboradores, acham que eu não devo escrever livros sobre animais, pois isso talvez não combine comigo e diminua o valor da minha obra. Mas eu vou escrever, sim...Não se iludam. Vou lançar mais um livro sobre gatos. **A esta altura do campeonato não vou posar de intelectual abestalhada, preocupada com a obra literária.** Agora, escrevo sobre bicho e não há quem me faça mudar de ideia. E ponto final. Por que não? (Horta, 2008, p.212) (grifo nosso).

Por meio desse relato pode-se visualizar sua valorizada independência e autonomia, tanto na vida profissional quanto na pessoal.

6) Apresenta senso de humor?

Rodriguez (2007) é um entre vários pesquisadores que citam o humor como fator de proteção na conduta resiliente. “O senso de humor, ligado a uma inteligência que habilita uma visão alternativa, permitindo-lhe novas linhas de ação, deve ser considerado um elemento indicador de capacidade de resiliência” (p.138). Cyrulnik (2004) também se refere à relação ao afirmar que “o talento (entende-se talento para viver) supremo consiste em expor sua infelicidade com humor” (p.195).

Assim, seguem exemplos de como Nise da Silveira ‘brincava’ com sua situação de sofrimento e dependência de outras pessoas.

Uma situação dramocômica revela o modo com que Nise da Silveira reagiu, logo após se ver presa à cadeira, precisando dos outros como nunca. Não bastasse a agonia e a aflição por conta da imobilidade,

uma de suas empregadas se chamava Maria do Socorro. Então, era-lhe duplamente difícil pedir ajuda, pois, quando se via em apuros, tinha que gritar: “Socorro! Socorro!” Nise considerava o fato uma afronta: “Para mim, era muito humilhante ter que gritar ‘socorro’, toda vez que precisava dela. Uma espécie de ironia. Era demais!... Não suportei aquela situação e passei a chamá-la de *Consuelo*. Então eu gritava: “*Consuelo! Consuelo!*” (Horta, 2008, p.59).

Entre as provações que passou na vida, um problema progressivo nos olhos a deixou parcialmente cega. Então, alguns amigos se ofereciam para ler e ela mais uma vez mostra seu humor diante de uma situação adversa. “Na fase em que eu não conseguia ler (depois uma operação lhe devolveu a visão), havia uma coisa de bom: eu ficava ouvindo aqueles homens maravilhosos, lendo para mim, com voz de veludo... Era uma loucura” (Horta, 2008 p.109). Rodriguez (2005) explica a relação entre o humor e resiliência:

A resiliência é mais do que um modo de dar uma cara boa ao mau tempo, é também um recurso criativo que permite encontrar respostas novas para situações que parecem não ter saída, e esse elemento de novidade mostra a ligação entre resiliência e o senso de humor, permitindo traçar paralelos interessantes que revelam as razões desse vínculo (p.134).

O próximo relato mostra como ela encontra saída de um desafio de forma inusitada e bem humorada.

Nos anos 50, eu ia à Biblioteca Nacional, no Centro do Rio de Janeiro, para ler os clássicos. Um dos diretores era um amigo meu alagoano.

Um dia, chego lá na Biblioteca e vejo uma revolução. Cadeiras antigas saindo e outras, novas, entrando. Um bafafá. Subi para um cafezinho e perguntei a meu amigo o que estava acontecendo. Ele me explicou que aquelas eram cadeiras de ferro, antigas, diferentes entre si. Por isso, não podiam ficar junto das outras, não combinavam. Iam pro lixo. Então pensei: são cadeiras perfeitas para o Museu de Imagens do Inconsciente... ‘não querem doar para o hospital psiquiátrico?’ indaguei. ‘Não posso, aqui é Ministério da Educação, lá é o da Saúde. Nem pedindo por carta! É muita burocracia, Nise’, o amigo explicou. Pensei, pensei – e lhe disse. ‘Estão mandando as cadeiras para a sucata. Amanhã, pelas nove, ponha estas cadeiras na calçada, na Cinelândia, e nós do Museu com um caminhão, vamos recolhê-las.’ Às nove horas, chegou o caminhão. As cadeiras estavam espalhadas na calçada. Estávamos só eu e o chofer. Ele colocou mais ou menos umas 20 cadeiras no caminhão, entramos na cabine e eu disse: ‘Queiroga, pé na tábua! Acelera! Chegamos no Museu e arrumamos tudo. Dr.^a Nise questionava o peso e a lentidão da máquina burocrática estatal- e, quando preciso, a burlava com bom humor e criatividade. (Horta, 2008, p.100).

É interessante observar nesse relato não só seu bom humor, mas também seu envolvimento com seus projetos e sua simplicidade, ao ir pessoalmente buscar as cadeiras na calçada da biblioteca. Trazemos também outros exemplos não diretamente ligados a situações adversas, apenas para ressaltar sua visão inusitada e cheia de humor.

‘Nunca se cure demais, gente muito curada é gente muito chata. Por isso você é maravilhosa, porque conseguiu viver sua imaginação, que é a nossa realidade mais profunda’. Palavras de Nise, numas das tardes de sarau com chá, dirigindo a Elke Maravilha, que, em seus

últimos anos de vida, ia visitá-la e cantava em vários idiomas (Ferreira, 2008, p.323).

E outro:

Há também o episódio da jovem de família rica, que procurou a psiquiatra, querendo ser analisada – ao perceber que a moça não tinha graves problemas, a dispensou, recomendando o seguinte tratamento: lavar na mão, um tanque de roupa suja por dia (Horta, 2008, p.327).

Observamos que esta característica está presente no processo de resiliência e também no processo criativo. Wechsler (2008) afirma “a espontaneidade e a impulsividade das pessoas criativas lhes oferecem maiores possibilidades de brincar com as ideias e com os elementos, justapondo-os de maneiras incomuns, inesperadas e engraçadas” (p.79). Assim, o pertencimento do humor aos dois processos (criatividade e resiliência) aponta para mais um indicativo de proximidade entre eles, os quais queremos sinalizar com esta dissertação.

7) Que outros fatores de proteção atuaram em sua história de vida?

Não temos a pretensão de exemplificar todos os tipos de fatores de proteção atuantes na vida de Nise da Silveira, mas com intenção de traçar um perfil compreensível, queremos citar ainda a moralidade e religiosidade que são apontadas por alguns estudiosos da resiliência. Assis, Pesce e Avanci (2006) explicam:

- Para a maioria das pessoas, transcendência é sinônimo de figura divina e está comumente vinculada à religião; para

outras, reflete crenças e valores morais acerca da dignidade humana. A espiritualidade tem sido considerada um importante fator de proteção para a saúde física e psicológica do indivíduo (p.105).

Esta dimensão era fortemente visível na vida de Nise da Silveira através de sua “crença e valores morais acerca da dignidade humana”, explicitados em toda sua trajetória:

A vocação para a luta e o sacrifício, em benefício de pessoas e ações em que acreditava era forte característica sua. A Dr.^a, ao longo de sua vida, apresentou crescente vocação devocional. Não é à toa que, algumas vezes, Nise da Silveira foi comparada à Madre Teresa de Calcutá (Horta, 2008, p.57).

Mais tarde, no ano em que faleceu o marido, ficou na cadeira de rodas depois de uma queda, ocasião em que ela resolveu voltar a comungar, retomando o catolicismo vivido quando criança. Ela manifestava sua atitude religiosa, de forma muito particular, como vemos no seguinte relato.

Na fase em que padre Pedro ia visitá-la, para que comungasse, ela tinha vontade de se confessar. Depois, a tarefa da comunhão ficou por conta de Vera Dias. Como se sabe, o ministro da eucaristia pode administrar a comunhão, mas não é autorizado a ouvir confissões. No entanto – na ausência do padre – certo dia, quando a amiga foi lhe dar a hóstia, Nise pensou, repensou e, de repente, lhe disse: “Sabe, Vera... Eu preciso me confessar e concluí que não vai ser com um padre, não. Vai ser com você mesma”. A outra levou um susto e, de início, negou-

se a fazê-lo – mas não houve quem demovesse a Dr.^a de se confessar com ela (Horta, 2008, p.57).

Assim, apresentava sinais de sua singularidade de pensamento, indo além das regras e priorizando suas necessidade internas. Em seus últimos dias comentou:

Ontem, sonhei. Eu dançava, muito alegre. Então compreendi que a morte não é uma coisa tão terrível. É dançável e alegre... A morte é uma viagem para regiões desconhecidas. Tenho curiosidade em experimentar – mas também tenho medo do que posso encontrar. A morte será a minha grande e última aventura (Horta, 2008, p.73)

Ao referir-se à sua curiosidade e também ao medo, mostra sua sinceridade, sua autenticidade, sua capacidade de lidar com ambivalência e força ancorada em algum tipo de crença. Dizia também: “Deus para mim é a grande força universal. Deus de Spinoza. Energia infinita. A grande força universal está sempre presente” (Ferreira 2008, p.308).

Os pontos indicativos de resiliência destacados na vida de Nise da Silveira parecem apontar para uma personagem e uma história de vida na qual esse fenômeno alcançou grande valor, permitindo que os episódios negativos fossem superados de forma saudável e impulsionadora. Aliado à criatividade, possibilitou a ela o alcance de incrível repercussão e respeito. Nesse sentido, um exercício de busca por indicadores da relação entre criatividade e resiliência na vida de Nise da Silveira será feito a seguir, buscando-se identificar como esses dois construtos atuaram conjuntamente em sua história de vida.

Criatividade e Resiliência na vida de Nise da Silveira

Depois de ter apontado separadamente aspectos criativos e aspectos resilientes, enfocaremos a relação entre os dois constructos na vida da nossa personagem. Para reforçar a existência da relação entre eles buscamos a colocação de De La Torre (2005), a qual afirma que “criatividade e resiliência são conceitos que têm várias coisas em comum. Cada um tem sua origem e alcance, mas nos últimos anos houve certa aproximação na linha do desenvolvimento pessoal que vem potenciando a criatividade” (p.207).

Sem usar a palavra resiliência – mesmo porque o aparecimento do termo no domínio da Psicologia é mais recente, Nise da Silveira parece ter consciência e ser sensível a esse processo ao afirmar: “Quem passa por experiências profundas e radicais – como a loucura, a prisão, a morte de um ente querido, a tortura, o exílio e a fome – nunca mais volta a ser o mesmo. Os valores se modificam” (Horta, 2008, p.286).

Entendemos que ela conheceu todas essas situações por experiência própria: a loucura de seus clientes; a prisão; a prematura morte do pai; a perda do marido, companheiro de mais de sessenta anos; a tortura das colegas de prisão; a clandestinidade (que foi um exílio dentro do próprio país) e a situação de ter enfrentado bem perto a fome quando chegou ao Rio de Janeiro.

No exemplo seguinte ela se refere ao processo de resiliência, mas também sem usar o termo: “todo mundo deve inventar alguma coisa, a criatividade reúne em si várias funções psicológicas importantes para a reestruturação da psique. O que cura fundamentalmente, é o estímulo à criatividade” (Ferreira, 2008, p.314).

Tudo isto vem ao encontro do que Cyrulnik (2006) diz “como somos capazes de modificar nossas representações exprimindo-as, compartilhando-as ou agindo sobre

nossos próximos e nossa cultura, podemos constatar que nossos sentimentos mudam” (p.163). Ou seja, a possibilidade de simbolizar o sofrimento faz-se presente nesse processo de construção da resiliência. Ainda de acordo com o autor, “para isso (a pessoa) age, se engaja, fala de outra coisa, escreve uma história na terceira pessoa para poder se exprimir a uma boa distância, aquela que permite dominar a emoção e reapropriar-se de seu mundo íntimo” (p.180) Exatamente a situação que vemos ilustrada no relato seguinte:

A Dr.^a encontrou, na literatura, espaço para voos de libertação existencial. Se, no Museu de Imagens do Inconsciente, seus clientes se salvavam das invasões psíquicas através da pintura e da modelagem, **pode-se dizer que a psiquiatra enfrentava seus desafios se salvando pela criatividade, ao escrever livros** (Horta, 2008, p.103).

Retomando os achados na literatura científica citamos novamente algumas referências significativas, por exemplo: Gregerson (2007) relaciona criatividade e resiliência, na sua experiência como testemunha ocular e terapeuta das vítimas do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Conta como o uso de recursos criativos (arte terapia, caixa de areia, poesia, meditação e escrita de diário) auxiliou a superar seus próprios traumas e também os de outros indivíduos que passaram pelos ataques terroristas por meio da “magia” dos símbolos, acionando a capacidade criativa. Para reforçar um pouco mais o papel da atividade simbólica lembramos Ostrower (1995) o qual alerta: “Guardemos bem esse aspecto fundamental de nossa imaginação: percebemos, compreendemos, criamos e nos comunicamos, sempre por intermédio de imagens, formas” (p.51). Portanto, ao criar contextos favoráveis à expressão da função simbólica, nossa imaginação pode perceber novos elementos, compreender novas

configurações, criar e recriar sentidos e fundamentalmente comunicar, estabelecer pontes entre seu próprio mundo com o mundo de seus semelhantes.

Cuestas (2007) também já mencionado, relata como atividades simbólicas e criativas auxiliaram no processo de enfrentamento da situação tão adversa em que viviam na Argentina nos anos 70.

Uma vez por semana nos reuníamos num grande galpão fechado, onde eram guardados os materiais de trabalho e funcionava uma oficina para estudantes. Durante mais de duas horas, nos sentávamos em torno de uma grande mesa, com vários coordenadores (a diretora ou um professor) e explorávamos, ludicamente, diversas técnicas de pintura, colagem, gesso, argila, etc., e, em algumas ficavam plasmados muitos episódios temidos (p.146)

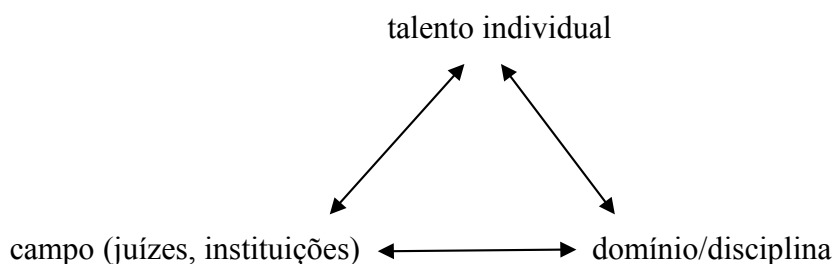
Outra experiência de uso de atividades criativas e simbólicas, mais próximas da nossa realidade é relatada por Giglio (2011) ao falar de seu trabalho, no qual também utiliza da manipulação de símbolos de forma criativa em direção a transformações internas das pessoas envolvidas.

Não se trata de uma educação pela arte, embora a Arteterapia se apoie nos conceitos de resiliência, criatividade e inteligência emocional. Trata-se sim de **liberação do sofrimento psíquico pela criatividade**. Isto quer dizer que, dentre as controversas definições de Criatividade, escolhemos aquele que entende a criatividade como um mecanismo de saúde e de desenvolvimento que busca a transformação do indivíduo em uma pessoa melhor pela afirmação de sua singularidade (p.153).

Aliás, esta mesma autora, referindo-se aos pioneiros da Arteterapia no mundo, coloca: “no Brasil o trabalho da notável Nise da Silveira no Rio de Janeiro, onde constituiu uma verdadeira escola de Arterapia com pacientes psicóticos graves” (p.146). Esta menção nos ajuda lembrar e entender que Nise da Silveira utilizou a manipulações de símbolos de forma criativa como um fator de proteção para os processos de sua própria resiliência e de seus clientes.

Muitos outros exemplos de processos de resiliência relacionados com o uso de símbolos, na escrita ou na pintura, poderiam ser citados. Queremos apenas ainda incluir a lembrança de Graciliano Ramos, colega de prisão de Nise da Silveira. Ele escreveu Memórias do Cárcere, provavelmente nesse mesmo sentido: expurgar as recordações difíceis e buscar uma nova interpretação para aquelas experiências doloridas.

Outro encontro da criatividade e resiliência que desejamos apontar diz respeito ao que Gardner (1996) chama de Assincronia Produtiva. Se tudo fosse perfeito na articulação entre ‘talento pessoal, área e domínio trabalhado’, as características do campo, indivíduos e instituições, nas palavras do autor, dariam origem a uma “pura sincronia”. No entanto, quando isso não acontece, ocorrem situações, descritas como “assincronias entre nós ou através desses nós”, estas provavelmente aumentam a probabilidade de criatividade (p.35). Os três nós a que Gardner (1996) se refere são os aspectos já citados e esquematizados conforme figura abaixo (p.33):



O autor observou um padrão de assincronia na vida de todos os personagens estudados por ele. Em algum momento, na trajetória de cada um deles, existia um desafio que o indivíduo enfrentava, revertendo-o a seu favor. Nossa interpretação desse fenômeno é que isto é uma demonstração de processo resiliente. Examinemos melhor o que Gardner (1996) explica:

O que parece definidor no indivíduo criativo é a capacidade de explorar, de aproveitar um aparente desajuste ou ausência de conexões suaves dentro do triângulo da criatividade. De um ponto de vista analítico, existem seis possíveis áreas de assincronia: dentro do indivíduo, dentro do domínio, dentro do campo; entre o indivíduo e o domínio; entre o indivíduo e o campo; e entre o domínio e o campo. Os indivíduos que evitam qualquer tipo de assincronia provavelmente podem ser prodígios ou peritos, mas não é provável que se tornem pessoas criativas; aqueles que experenciam assincronia em todos os pontos podem ser esmagados. Minha hipótese é a seguinte: um indivíduo será considerado criativo na extensão em que apresentar várias assincronias e puder suportar a tensão concomitante (p.306).

Acreditamos que Nise da Silveira também enfrentou algumas assincronias, por exemplo, por ser mulher dentro de um campo predominantemente masculino; por não aceitar os tratamentos convencionais quando todos os colegas aceitavam e valorizavam; por defender indivíduos normalmente excluídos da sociedade. Gardner (1996) diz ainda:

todos os nossos criadores utilizaram sua marginalidade como uma alavanca em seu trabalho. Eles não só exploraram sua marginalidade naquilo que produziam e em como o produziam; mais importante, sempre que corriam o risco de se tornarem membros do

'establishment', eles novamente mudavam seu curso para obter pelo menos uma marginalidade intelectual (p.297).

Nise da Silveira também caminhou nesta direção, usando sua identificação e empatia com um grupo marginalizado como força geradora de transformação. Mais um olhar sobre a relação aqui enfocada, dado por De La Torre (2005), aproxima a temática da resiliência trazendo o conceito de Criatividade Paradoxal. “É um potencial humano para transformar e transformar-se diante da adversidade ou falta de afeto, acompanhada da consciência da situação, energia emocional e atitude superadora” (p.197). Para explicar em quem e como surge a criatividade paradoxal, aponta quatro possibilidades. Podemos ter uma ideia de cada uma delas contextualizando-as com a vida da Nise da Silveira.

a) Teoria das múltiplas potências: “São capacidade que estão armazenadas, como reserva, igual à gordura que acumulamos sem aparente benefício” (De La Torre, 2005, p.197). Ao se deparar com uma situação limite, o indivíduo lança mão de recursos que não utilizava, mas que existiam potencialmente. No caso de Nise da Silveira ela deve ter utilizado tais recursos, por exemplo, quando foi para prisão ou na ocasião em que foi transferida para o Setor de Terapia Ocupacional, ambas situações desconhecidas e nas quais saiu-se muito bem.

b) Teoria da compensação: relaciona-se com os mecanismos psicológicos de busca de equilíbrio e também da própria sobrevivência. Uma alternativa seria dizer que Nise da Silveira desenvolveu áreas de forças para compensar sua falta de talento para música, algo muito valorizado pela mãe. “A verdade é que sou desafinadíssima... Por isso, fui estudar medicina. Senão, seria pianista, como minha mãe era e queria que eu fosse (Horta, 2008, p.39).

c) Teoria da motivação e superação: esta “tem suas bases na capacidade emocional e voluntária do ser humano” (De La Torre, 2005, p.198). Diz o autor que nas histórias dos grandes gênios existem exemplos recorrentes que reforçam esta posição. Situações extremas que os levam a buscar recursos esquecidos e apoio nos laços afetivos, acionando a coragem para “encontrar caminhos de criação que nunca teriam surgido se não houvesse passado por situação adversa” (p.199). Na vida desta pioneira, como já mencionamos, muitos são os relatos que indicam esta direção.

Segue um trecho de Cyrulnik (2006) no qual localizou-se mais uma interessante relação entre criatividade e resiliência:

A resiliência só se interessa pelos modos de recosturar esses dilaceramentos traumáticos. Mas para pensar a resiliência é preciso fazer da nossa história uma imagem em que cada encontro é uma escolha de vida. Esse modo de dar um sentido não inexorável à própria vida demonstra uma **capacidade de liberdade íntima. Autoriza mil roteiros possíveis**, com as hesitações, os golpes de sorte e as angústias que toda escolha provoca. As pessoas que pensam assim **se sentem à vontade nas culturas da incerteza** em que podem facilmente aventurar sua vida (p.32) (grifo nosso).

Compreendemos que esta ‘capacidade de liberdade íntima que autoriza mil roteiros possíveis’ seja sinônimo de criatividade. Na vida de Nise da Silveira isto pode ser observado no modo como ela se identificava e buscava liberdade, lembrando que liberdade era sua palavra preferida e que sem sua liberdade íntima ela poderia ter tido uma trajetória de vida bem diferente. Mais uma vez nos reportamos ao episódio em que se negou a apertar o botão de eletrochoque. Ou quando, contrariando os comentários dos colegas – os quais achavam graça quando ela via importância nas pinturas dos ‘clientes’ – enviou-as para Jung. Ela relata:

Eu escrevi para Jung porque sou atrevida. Foram as mandalas que me fizeram sair da casca, entrar na emoção e me comunicar com ele. Depois que lhe enviei as fotografias que reproduziam obras do Museu de Imagens do Inconsciente, fiquei esperando, quieta. Pensava: ‘Será que Jung vai se dar o trabalho de ler? Será que terei resposta? Mistério... Fiquei de olho na caixa de correio. Certo dia, uma carta chegou... (Horta, 2008, p.166).

Esta ação fez muita diferença no roteiro de vida de Nise da Silveira. Ou seja, foi fundamental seu ‘atrevimento’, sua liberdade e a sua disposição para correr riscos. A decisão de escrever e mandar a carta, foi o começo de trocas e possibilidades decisivas no trabalho dela. Nesse sentido de sermos receptivos ao novo, Morin (2001) vai além e destaca: “grande conquista da inteligência seria poder se libertar da ilusão de prever o destino humano. O futuro permanece aberto e imprevisível” (p.79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desse trabalho não foi avaliar e provar categoricamente que Nise da Silveira era criativa e resiliente. Nosso olhar sobre esses aspectos é sempre determinado pelo contexto em que vivemos e pela nossa subjetividade. Mesmo que ela estivesse viva e tivéssemos a oportunidade de avaliar sua criatividade e resiliência por outros meios (quantitativos, por exemplo), além dos dados biográficos utilizados na presente pesquisa, ainda assim teríamos o cuidado em fazer qualquer afirmação conclusiva. Sobre esse ponto, diz Sternberg (2000):

Não há realmente algo como uma avaliação absolutamente ‘objetiva’ da inteligência, da criatividade ou do que for. A avaliação é sempre relacionada às normas e às exigências de um grupo específico em uma época específica e em um lugar específico (p.170).

O que visamos, antes de tudo, é contribuir para o entendimento dos processos criativos e resilientes, de forma a apontar relações entre eles. Em momento algum houve pretensão de esgotar qualquer um dos tópicos analisados em cada um dos fenômenos, mas sim, fornecer exemplos que pudessem embasar (ou não) a argumentação de preenchimento dos critérios apontados como importantes pela literatura. Procurou-se delinear o perfil de uma pessoa com características criativas e resilientes para que tal exemplo de vida pudesse servir de inspiração e de referência para nossa própria aprendizagem e para quem mais por ventura assim desejar. Nesse sentido, Sternberg (2000) argumenta que:

Apesar de tudo o que foi dito e feito, a única e mais poderosa maneira de desenvolver a inteligência criativa em seus funcionários, alunos ou

filhos é servir de modelo. As pessoas não desenvolvem a inteligência criativa quando lhes é ordenado, mas quando você lhes mostra como (p.170/171).

Acreditamos termos conseguido traçar o perfil de uma pessoa criativa e resiliente e mostrar como os dois processos, em muitos momentos, estão interligados. Características típicas de um indivíduo criativo coincidem com as características de uma pessoa resiliente como, por exemplo, a presença de um tutor ou figura de apego nos anos iniciais de desenvolvimento ou da vida profissional e fatores como autoconfiança e humor.

Entendemos que a criatividade está em muitos lugares, dentre eles, na raiz do comportamento resiliente, dado o fato de que tais comportamentos demandam uma atitude não linear perante uma suposta causa determinista, pressupõem imaginar/inventar/criar outros rumos, ou seja, uma atitude criativa. O inverso também acontece: muitas vezes ser criativo implica em ser resiliente. Criatividade e a resiliência frequentemente se apresentam entrelaçadas uma à outra e são manifestações de algo que podemos denominar força da vida, elã vital ou Eros.

Ao longo do estudo realizado, chamou-nos a atenção, na relação entre os dois constructos que tanto a pessoa resiliente como a criativa, mostram capacidade de lidar com situações opostas. Lembramos que a resiliência implica tirar proveito de uma situação difícil, transformar o negativo em positivo e, em relação à criatividade, conforme já citado anteriormente, bem disse Csikszentmihalyi (1998):

se tivesse que expressar com uma só palavra o que faz a personalidade (da pessoa criativa) diferente das demais, esta palavra seria 'complexidade'. Com isto quero dizer que mostram tendência de pensamento e atuação que na maioria das pessoas não se apresentam

juntas. Possuem extremos contraditórios: em vez de ser ‘indivíduos’, cada um deles são ‘multidões’. Assim como a cor branca inclui todos os matizes do espectro luminoso, eles tendem a reunir um leque inteiro de possibilidades humanas dentro de si mesmos (p.79).

Nise da Silveira não tinha medo da loucura: acolhia, respeitava e transitava, buscando significados pelo mundo caótico de seus clientes porque lidava bem com a questão dos opostos, com a complexidade da vida dizendo: “As coisas não são isso ou aquilo - são isso e aquilo” (Horta, 2008, p.322). Agia desta maneira não só com os internos do hospital psiquiátrico, mas sim com outras pessoas e em outras situações.

É esta a constatação a que chegamos: a importância de lidar com a complexidade da vida, a possibilidade de integrar opostos nos processos de construção da criatividade e da resiliência. Assim, ressaltando-se a necessidade de que tais fatores sejam cada vez mais valorizados, sugere-se que estudos empíricos – nas mais diversas áreas, possam investigar as duas temáticas tratadas. Especificamente em relação ao contexto educacional, Camargo (2005) afirma a importância de surgimento de: “uma nova educação que busque superar a unilateralidade racionalista do paradigma cultural dominante – técnico/científico – que impregna todo o nosso sistema de ensino, e que não favorece o desabrochar da criatividade do educando” (p.147). A generalização dessa afirmação pode se dar em dois sentidos: primeiro, não considerá-la válida só no contexto educacional, mas também para a saúde mental enquanto área mais ampla, devendo também ser valorizada dentro da própria Psicologia. Segundo, a unilateralidade não favorece o desabrochar da criatividade nem o da resiliência. Assim, em todos os contextos e áreas, a posição que busca superar a unilateralidade racionalista é justamente a possibilidade de lidar com os opostos e com a complexidade, e isto nos parece favorecer o desenvolvimento de processos criativos e os resilientes.

A importância desse tipo de investimento e do desenvolvimento de estudos que tenham como foco a investigação das capacidades potenciais e seu fortalecimento pode ser bem explicitada na seguinte frase de De La Torre (2005):

Cada vez vejo com mais clareza que a criatividade, a educação e a saúde são bens e exigências sociais. São valores que ultrapassam as fronteiras do pessoal. Temos que cultivar a criatividade em termos de desenvolvimento institucional ou das organizações, de inovação, de mudanças sociais. a criatividade não somente comportará a auto realização pessoal, mas também o desenvolvimento social (p.17).

Sendo a criatividade e a resiliência dimensões tão importantes, não deviam ser tratadas só pelo enfoque da psicologia. Acreditamos que a proposta do estudo aqui realizado poderia ser mais rico e consistente se tivéssemos criado oportunidades de discutir as temáticas de forma interdisciplinar com pesquisadores de outras áreas, tais como sociologia, história, antropologia, etc. Poder-se-ia ter melhor explicitado as relações de Domínio e Campo na vida de Nise da Silveira, assim como fez Gardner (2006) na sua pesquisa sobre o sete criadores. Nesse sentido, o autor diz: “meu estudo pressupõe uma **estrutura analítica interdisciplinar**, elaborada em conjunto com vários colegas experientes (p.25) (grifo nosso). Assim, ressalta-se a complementaridade de visões que poderiam resultar desse tipo de parceria, de forma que novos estudos biográficos pudessem ser beneficiados dessa leitura interdisciplinar.

Considerando que o fenômeno da criatividade por ser bastante amplo e complexo, assim como a resiliência, o aproveitamento dos recursos e oportunidades que se apresentam ao sujeito podem ser, ou não, realizados pelo sujeito. Muita coisa destrutiva pode ser feita com criatividade, e também muita coisa boa. Afirma Landau (2002):

Todas as pessoas envolvidas com educação, especialmente pais e professores, devem antes de tudo compreender o conceito de agressividade em seu sentido mais amplo, que **vai da criatividade à violência** (p.145). (grifo nosso)

Como lidar com isso? Como aperfeiçoar a construção de uma sociedade melhor, que reconheça a importância e cuide adequadamente do potencial criativo e resiliente humano?

Esperamos que outros trabalhos possam caminhar na busca de respostas a estas indagações. Enfim, desejamos que o estudo aqui desenvolvido possa inspirar um convite: cada indivíduo ser realmente autor de sua vida, fazendo uso da criatividade e resiliência, de forma que, após essa mudança ocorrer em nível individual, a mesma possa ser ampliada para o coletivo, em busca da criação de condições para uma vida melhor para si e para os outros, assim como fez Nise da Silveira.

REFERÊNCIAS

- Alencar, E.M.L.S. (2001). *Criatividade e educação de superdotados*. Petrópolis: Vozes.
- Alencar, E.M.L.S. & Fleith, D. (2003). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 19 (1), 01- 08.
- Alencar , E.M.L.S. & Fleith, D. (2003).*Criatividade- múltiplas perspectivas*. Brasília: UNB.
- Alencar , E.M.L. S., Bruno-Faria, M.F. & Fleith, D. (2010). *Medidas de Criatividade*. Porto Alegre: Artmed.
- Almeida, L.S. (1994). *Inteligência: Definição e medida*. Aveiro: CIDInE.
- Alves, R. (1998) *Lições de Feitiçaria*. São Paulo: Arts Poetica.
- Amábile, T.M. (1998) How to kill creativity. *Harvard Business Review*, 77-87.
- Amparo, D.M., Galvão, A. C. T., Alves, B.P., Brasil, K. T., & Koller, S. H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores de proteção. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13 (2), 165-174.
- Assis, S.G., Pesce R.P. & Avanci, J.Q. (2006). *Resiliência: Enfatizando a Proteção dos Adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Augras, M. (2001) Apresentação. Em W. Melo, *Nise da Silveira- Pioneiros da Psicologia Brasileira*. Rio de Janeiro: CRP/Imago.
- Bahia, S. & Nogueira, S. I. (2005) A criatividade dos estudantes universitários difere de área para área do conhecimento? *Revista Recre@rte*, 3, 1-34. Disponível em: <http://www.iacat.com/revista/recreate>. Acesso em 14/05/2011.
- Bahia, S. (2007) Artistas criativos e cientistas inteligentes – uma dicotomia enraizada ao longo do desenvolvimento. Em Candeias,A.A. & Almeida,L.S. (Orgs.). *Inteligência Humana* (pp. 405-510). Coimbra: Quarteto.

- Bahia, S. (2008) Promoção de Ethos criativos. Em M. F. Morais, & S. Bahia, (Org..) Criatividade: *Conceitos, Necessidades e Intervenção* (pp.229-252). Braga, PT: Psiquilibros.
- Barlach, L., Limongi-França, A.C., & Malvezzi, S. (2008). O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. *Interamerican Journal of Psychology*, 42 (1), 101-112.
- Barreto, A. M & Silva (2011). Princesa da Fronteira. Recuperado em 30 setembro, 2011 de www.princesadasfronteiras.com.br/links_noticias/7.html.
- Barreto, R. M. (2002). *Idéias sobre idéias*. São Paulo: Summus.
- Benghozi, P. (2005). Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços. *Psicologia Clinica*, 17 (2), 101-109.
- Boden, M.A. (1999). *Dimensões da criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bragotto, D. (2009) Inovação existencial: entre adversidades e oportunidades criativas. Em Z.G. Giglio, S. M. Wechsler, S. M., & D. Bragotto. *Da criatividade à inovação* (pp.71-83). Campinas, SP: Papyrus.
- Bruder, M. (2005). El cuento terapéutico como favorecedor de la resiliencia. Una primera aproximación. *Psicodebate*, 6, 15-28.
- Bruder, M. (2007). Holocaustos y resiliencia. Sandando heridas através de la escritura y cuento terapéutico. *Psicodebate*, 8, 7-16.
- Bruno-Faria, M.F., Veiga, H.M.S., & Macedo, L.F. (2008). Criatividade nas organizações: análise da produção científica nacional em periódicos e livros de Administração e Psicologia. *Revista de Psicologia Organizacional e do Trabalho*, 8 (1), 142-163.
- Camargo, D.(2005) A poesia ensina? Re-ligando *mitos* e *logos* a caminho do pensamento complexo. *Cadernos de Pós-Graduação*, 4, 147-154.

- Campos, R. H. F. (2001) *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros*. Rio de Janeiro, Imago.
- Candeias, A. A. (2008) *Criatividade: Perspectiva integrativa sobre conceito e sua avaliação*. Em M. F. Moraes & S. Bahia (Coords.). *Conceito, Necessidades e Intervenção* (pp.41-63) Braga: Psiquilíbrios.
- Candeias, A. A. & Rebelo, N., Silva, J., Mendes, P. (2011) *Excelência vs. Competência: um desafio para a educação e o desenvolvimento profissional*. Em S. M. Wechsler & T. C. Nakano (Orgs.) *Criatividade no Ensino Superior: uma perspectiva internacional* (pp.54-79) São Paulo: Vetor.
- Cardozo, G., & Dubini, P. (2006). *Promoción de salud y resiliencia en adolescentes desde el ámbito escolar*. *Psicodebate*, 7, 21-39.
- Castro, E.D. & Lima, E.M.F.A. (2007) *Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira* . *Interface*,11 (22) 365-376.
- Colon, R. (2008). *Nos limites da Inteligência*. São Paulo: Vetor.
- Cyrułnik, B. (2004). *Os Patinhos Feios*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cyrułnik, B. (2006) *Falar de amor à beira do abismo*. São Paulo, Martins Fontes.
- Csikszentmihalyi, M. (1998). *Creatividad*. Barcelona: Paidós.
- Csikszentmihalyi, M. (1999). *If We Are So Rich, Why Aren't We Happy?* *American Psychologist*, 54 (10), 821-827.
- Csikszentmihalyi, M. (2008). *Flow*. New York, NY: Happer Perennial Modern Classics.
- Cuestas, A. (2007) *A resiliência à opressão*. Em A.Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.). *Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas* (pp.145-149). Porto Alegre: Artmed.
- Czerny, J. (2007) *Resenha - Falar de amor à beira do abismo*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (4), 149-152.

- David, A. P., Nakano, T. C., Morais, M. F. & Primi, R. Z. (2011). Competências criativas no ensino superior. Em: S.M. Wechsler & T.C. Nakano (Org.). *Criatividade no ensino superior: uma perspectiva internacional* (pp. 14-53). São Paulo: Vetor.
- Dell Aglio, D.D., Koller, D.H., & Yunnes, M.A.M. (2006). *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- De La Torre, S. (2005) *Dialogando com a Criatividade*. São Paulo: Madras.
- Delou, M.C. (2006) *Criatividade e pensamento criador - Manual do aluno*. Lavras, MG: UFLA.
- De Masi, D. (2002) *Criatividade e grupos criativos*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Díaz, S. C. P., Giraldo, A. F. R. & Buitrago, H. C. (2006). Factores resilientes asociados al rendimiento académico em estudiantes pertenecientes a la Universidad de Sucre. *Psicol. Caribe*, 17, 196-219.
- Edwards, C., Forman, G.E. & Gandini, L. (1999). *As Cem Linguagens da Criança*. Porto Alegre: Artmed.
- Estamatti, M. (2007) Programas em saúde mental comunitária. Em A. Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas* (pp.151-160). Porto Alegre: Artmed.
- Fadiman, J. & Frager, R. (1979) *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Habra.
- Ferreira, M. & Candeias, A.A. (2007) A criatividade enquanto dinamismo de desenvolvimento e de expansão da consciência. In, V. Trindade, N. Trindade, & A. A .Candeias, (orgs.) *A Unicidade do Conhecimento* (pp.1-13) Évora: Universidade de Évora.

- Ferreira, M. P. (Org.) (2008). *Senhora das Imagens Internas- Escritos dispersos de Nise da Silveira*. Coleção Cadernos da Biblioteca Nacional 5. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- Fiorentino, M.T. (2008). La construcción de la resiliencia en el mejoramiento de la calidad de vida y la salud. *Suma Psicológica*, 15 (1), 95-114.
- Flach, F. (1991). *Resiliência – A Arte de Ser Flexível*. São Paulo: Saraiva.
- Fleith, D. S. & Soriano de Alencar, E.M. L. (1992) Efeitos de um programa de treinamento de criatividade em estudantes normalistas. *Estudos de Psicologia*, 9 (2), 9-38.
- Fleith, D. S. & Soriano de Alencar, E.M. L. (2010) A inter-relação entre criatividade e motivação. Em E. Boruchovitch, J.A. Bzuneck & S.E. R. Guimarães (org.) *Motivação para aprender*. (pp.209- 230) Petrópolis: Vozes.
- Flick, U. (2009) *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Flores, N.E.P. (2009). Fuentes de resiliência em estudantes de Lima y Arequipa, *Liberabit Lima*, 15 (1), 1-10.
- Frankl, V.E. (1987) *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Porto Alegre: Sulina.
- Frayze-Pereira, J. A. (2003) Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Estudos Avançados*, 17 (49), 1-10.
- Freire, P. (1975) *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2008) *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, S. N. (Org.) (2006). *Educação e Altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas*. Santa Maria: UFSM.
- Galeano, E. (2002) *Livro dos Abraços*. Porto Alegre, L&PM.

- Gama, M.C.S.S. (2010) As Teorias de Gardner e de Sternberg na Educação de Superdotados. *I Congresso Internacional sobre Altas Habilidades/Superdotação*, Curitiba, PR. 92-105.
- Cynx, J., Williams, H., & Nottebohm, F. (1992). Hemispheric differences in avian song discrimination. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 89, 1372-1375.
- Garassini, M.E. (2008). Resiliencia y familiares de enfermos oncológicos. *Psicodebate*, 9, 93-103.
- Gardner, H. (1995) *Inteligências Múltiplas - A Teoria na Prática*. Porto Alegre: Artmed
- Gardner, H. (1996) *Mentes que Criam*. Porto Alegre: Artmed
- Gardner, H. (1999) Os Padrões dos Criadores. Em M.A. Boden, *Dimensões da criatividade*. (pp. 149- 163) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gardner, H.(2001) *Inteligência – Um Conceito Reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva
- Gardner, H.(2005) *Mentes que Mudam*. Porto Alegre: Artmed
- Gardner, H.(2007) *Cinco Mentes para o Futuro*. Porto Alegre: Artmed
- Giglio, Z. G. (2009) Identidade e criatividade: percursos. Em Z.G. Giglio, S. M. Wechsler, S. M., & D. Bragotto. *Da criatividade à inovação*. (pp. 85- 99) Campinas, SP: Papirus.
- Giglio, Z.G., & Giglio, J. S. (2011). Criatividade na arte-terapia. *I Congresso Internacional de Criatividade e Inovação*. Manaus. 157- 169. Disponível em: http://www.criabrasilis.org.br/noticias/trabalhos_completos_i_congresso_internacional_de_criatividade_inovacao/6. Acesso em 04/12/2011.
- González, N.C. (2000). La creatividad como recurso de afrontamiento en la vida cotidiana. *Psicodebate*, 1, 19-25.

- Greco, C., Morelato, G., & Ison, M. (2006). Emociones positivas: una herramienta psicológica para promocionar el proceso de resiliencia infantil. *Psicodebate*, 7, 81-94.
- Gregerson, M.B.J. (2007). Creativity Enhances Practitioners' Resiliency and Effectiveness After a Hometown Disaster. *Professional Psychology: Research and Practice*, 38 (6), 596-602.
- Grotberg, H.E. (2007) Introdução: novas tendências em resiliência. Em A. Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas* (pp.15-22) Porto Alegre: Artmed.
- Grunspun, H. (2009) Violência e resiliência: a criança resiliente na adversidade. Temas em debate, *Revista Bioética*. 10 (1), 163-171. Recuperado em 17 dezembro, 2011 de <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd26/fulltexts/0276.pdf>
- Guajardo, E.S. (2005). Resiliencia: la historia de Ana e Luis, *Liberabit Lima*, 11 (11), 1-13.
- Guenther, Z. C. (2000). *Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão*. Petrópolis: Vozes.
- Guilford, J. P. (1950) Creativity. *The American Psychologist*, 5, 444- 454.
- Guggenbühl-Craig, A. (1978) *O abuso de poder na psicoterapia- na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Hillman, J.(1996). *O código do ser*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Horta, B. C. (2008). *Nise – Arqueóloga dos Mares*. Brasil. Edições do Autor.
- Infante, F. (2007). Resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. Em A. Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas*. (pp.23-38). Porto Alegre: Artmed.
- Jung, C. G. (1971). *O Espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Ed. Vozes.

- Jung, C. G. (1986). *O Pensamento vivo de Jung*. São Paulo: Martins Claret.
- Landau, E. (1986). *Criatividade e superdotação*. Rio de Janeiro: Livraria Eça.
- Landau, E. (2002). *A coragem de ser superdotado*. São Paulo: Arte e Ciência.
- Leal, L. G. P. (1994). Nise da Silveira – entrevista. *Psicologia: ciência e profissão*, 14, 1-3.
- Lévano, A. C. S. (2005). Métodos e instrumentos para medir la resiliencia: uma alternativa peruana. *Liberabit*, 11, 41-48. Recuperado em 15 maio, 2010 de <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/686/68601106.pdf>.
- Lubart, T. (2007) *Psicologia da Criatividade*. Porto Alegre, Artmed.
- Martinez, A.M. (2009). Vygotsky e a criatividade: novas leituras, novos desdobramentos. Em Z.G. Giglio, S. M. Wechsler, S. M., & D. Bragotto. *Da criatividade à inovação* (pp.11-38). Campinas, SP: Papyrus.
- Martins, C. (2001). Meta-análise. Em E. Fernandes, & L. Almeida (Eds.) (2001). *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp.233-261). Braga: UM, CEEP.
- May, R. (1975). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Massimini, F. & Delle Fave, A. (2000) An Introduction. Em Csikszentmihalyi, M. & Seligman, M. E. P. Positive Psychology . *American Psychologist*, 55 (1), 5-14.
- Melillo, A. (2007). Resiliência e educação. Em A. Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.). *Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas* (pp.87-101). Porto Alegre: Artmed.
- Menéres, M. A. (1993) *O que é a Imaginação*. Lisboa: Difusão Cultural
- Mello, W. (2001) *Nise da Silveira- Pioneiros da Psicologia Brasileira*. Rio de Janeiro: CRP/Imago.

- Mello, W. (2007) Maceió é uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira. *Psicologia USP* 18 (1) 101-124.
- Melo Junior, W. (2010). Nise da Silveira, Antonin Artaud e Rubem Corrêa: Fronteiras da Arte e da Saúde Mental. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 2 (2),182-191.
- Mesquita, L.R. (2000) Nise da Silveira e a luta por uma psiquiatria humanista e libertadora. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 52 (4), 59-66.
- Mitjáns Martines, A. (2007) Criatividade e saúde nos indivíduos e nas organizações. Em A.M.R. Virgolim (Org.). *Talento Criativo: Expressão em múltiplos contextos* (pp. 65-85) Brasília: Ed. UNB.
- Morais, M.F. (2001). *Definição e avaliação da criatividade: uma abordagem cognitiva*. Braga: Universidade do Minho.
- Morin, E. (2001) *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez/UNESCO.
- Motta, A. A. (2005). *Psicologia Analítica: Contribuições para a sua História*, Dissertação não publicada da Faculdade de Psicologia PUC, São Paulo.
- Motta, A. A. (2008). Humana, demasiadamente Humana. *Psique Especial Ciência & Vida*, 3 (7), 14-23.
- Nakano, T.C. (2006). *Teste brasileiro de criatividade infantil: propostas de normas*. Tese de Doutorado. Campinas: PUCCAMP.
- Nakano, T.C. & Siqueira, L.G.G. (2011). Avaliação dos estilos de pensar e criar em universitários. Em *Criatividade no Ensino Superior: uma perspectiva internacional*. S. M. Wechsler & T. C. Nakano (org.). (pp.236-259) São Paulo: Vetor.

- Nassif, L.E. & Campos, R. H. F. (2005) Édouard Claparède (1873-1940): interesse, afetividade e inteligência na concepção da psicologia funcional. *Memorandum*, 9, 91-104. Recuperado em 22 agosto, 2011 de Word Wide Web: http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/nassifcampos_01.pdf
- Neves-Pereira, M.S. (2007) Uma leitura histórico-cultural dos processos criativos: as contribuições de Vygotsky e da psicologia soviética. Em A.M.R. Virgolim (Org.). *Talento Criativo: Expressão em múltiplos contextos* (pp. 65-85) Brasília: Ed. UNB.
- Nogueira, J. (2008). Criatividade e auto-eficácia na educação Musical. Em M. F. Moraes & S. Bahia (coords), *Criatividade: Conceitos, Necessidades e Intervenção*. (pp. 317 – 335) Braga, PT: Psiquilibrios.
- Ojeda, E.N.S. (2007). Uma concepção latino-americana: a resiliência comunitária. Em A. Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.). *Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas* (pp.47-57). Porto Alegre: Artmed.
- Oliveira, M.A., Reis, V.L., Zanelato, L.S., & Neme, C.M.B. (2008). Resiliência: análise das publicações no período de 2000 a 2006. *Psicologia ciência e profissão*, 28 (4), 754-767.
- Oliveira, M.A. (2010) Poesias Novas, texto não publicado.
- Oliveira, M.A. & Nakano, T.C.(2011) Revisão de Pesquisa sobre Criatividade e Resiliência. *Temas em Psicologia*. 19 (2), 467-479.
- Ostrower, F. (1984) *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes
- Ostrower, F. (1995) *Acaso e criação artística*. Rio de Janeiro: Campus.
- Paludo, S. & Koller, S. H. (2006) Psicologia positiva, emoções e resiliência. Em Dell D.D.Aglío, D. H. Koller, & M.A.M. Yunes (2006). *Resiliência e Psicologia*

Positiva: Interfaces do Risco à Proteção (pp. 69-81), São Paulo: Casa do Psicólogo.

Peres, J.F.P.; Mercante, J.P.P. & Nasello, A.G. (2005). Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 27, (2), 131-138. Recuperado em 15 agosto, 2010 de : www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010181082005000200003&lng=pt&nrm=iso.

Perkins, D.(2000) *A banheira de Arquimedes*. São Paulo: Ediouro.

Pesce, R.P., Assis, S.G., Santos, N. & Oliveira, R.V.C. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 135-143. Recuperado em 24 junho, 2010 de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722004000200006&lng=pt&nrm=iso.

Pessoa, F. (1972) *Seleção Poética*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar.

Piaget, J. (1972) Criatividade. Em M. S. Vasconcelos (org.) (2001) *Criatividade – Psicologia, Educação e Conhecimento do Novo*. (pp. 11-20) São Paulo: Moderna.

Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9 (1), 67-75.

Predebon , J. (2008). *Criatividade- Abrindo o Lado Inovador da Mente*. São Paulo: Atlas.

Renzulli, J. S. (2008) La educación del sobredotado y el desarrollo del talento para todos. *Revista de psicologia de Lima*, 26 (1) 1-9.

Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In: C. S., Hutz, (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na*

adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rodari, G. (1992). *Gramática de Fantasia*. São Paulo: Summus.

Rodriguez, D.H. (2007) O humor como indicador de resiliência . Em A. Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.). *Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas*, (pp.131-138) Porto Alegre: Artmed.

Rodriguez, J.J.C.; Horuta, Y.P. & Chiburque, G.P.G. (2007). Comprensiones en torno a la resiliencia desde la política pública y textos de algunas organizaciones no gubernamentales con sede en Bogotá que trabajan con familias en situación de vulnerabilidad. *Diversitas*, 3 (2), 335-348. Recuperado em 23 setembro, 2010 de http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S179499982007000200013&lng=pt&nrm=iso.

Romo, M. (2008). Criatividade em los domínios artístico y científico y sus correlatos educativos. Em M. F. Morais & S. Bahia (coords), *Criatividade: Conceitos, Necessidades e Intervenção*. (pp. 65-90) Braga, PT: Psiquilibrios.

Savoia, M. G. (1999) Escalas de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (coping). *Revista de Psiquiatria Clínica*, 26(2), 57-67.

Sakamoto, C. K. (2004). *O Gênio Criador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Seligman, M.E.P. & Csikszentmihalyi (2000) Positive Psychology: An Introduction. *American Psychologist*. 55 (1) 5-14.

Sequeira, V.C. (2009). Resiliência e abrigos. *Boletim - Acad. Paul. Psicologia*, 29 (1), 65-80.

Silva, N., Alves, D., & Motta, C.D.V.B. (2005). Espaço de criação criatividade e resiliência: formação docente numa perspectiva inter e transdisciplinar. *Cadernos de Psicopedagogia*, 5 (9), 00-01.

- Silveira, Nise (1987) Os Inumeráveis Estados do Ser - 40 anos de experiência em terapêutica ocupacional. *Catálogo da exposição: Os Inumeráveis Estados do Ser. Museu de Imagens do Inconsciente*, Hospital Pedro II: Rio de Janeiro.
- Silveira, D.R., & Mahfoud, M. (2006) Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(4) 567-576.
- SESC, (2010) Nise da Silveira: Caminhos de uma Psiquiatra Rebelde. *Exposição*. 25 de março a 2 de abril de 2010, São José do Rio Preto, SP.
- Souza, M.T.S., & Cervený, C.M.O. (2006). Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. *Interamerican journal of psychology*, 40 (1), 115-122.
- Sternberg, R.J., & Lubart, T. (1992). Creativity: Its Nature and Assessment. *School Psychology International*, 13, 243-253.
- Sternberg, R.J., & Lubart, T. (1999). The concept of creativity: prospects and paradigms. Em R.J. Sternberg. *Handbook of Creativity* (pp.3-15) Cambridge University Press: UK.
- Sternberg, R.J. (2000) Inteligência para o sucesso pessoal. Rio de Janeiro: Campus.
- Sternberg, R.J., & Kaufman, J.C. (2006). *Introduction*, Em R.J. Sternberg. *The International Handbook of Creativity* (pp.3-15) Cambridge University Press: UK.
- Taboada, N.G., Legal, E.J., & Machado, N. (2006). Resiliência: em busca de um conceito. *Rev. Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16 (3), 104-113.
- Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente. Em J. Tavares (org.) *Resiliência e Educação* (pp. 43-75). São Paulo: Cortez.

- Trombeta, L.H.A.P. & Guzzo, R.S.L. (2000) *Resiliência em Adolescentes: Estudo Preliminar de Variáveis e Medida*. Tese de doutorado não publicada, PUC Campinas.
- Truffaut (1966) *Fahrenheit 451*. Reino Unido: Universal Home Vídeo.
- Valdebenito, E.; Loizo, J.M. & García, O. (2007). Factores de resiliencia en familias de personas detenidas e desaparecidas en la dictadura militar 1976-1983 en la Provincia de San Luis. *Rev. electrón. de psicología política*, 5 (15). Recuperado em 23 de outubro, 2010 de <http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S166935822007000300005&lng=pt&nrm=iso>.
- Vergara, S.C. (2008). A resiliência de profissionais angolanos. *Rev. Adm. Pública*, 42, (4) 701-718. Recuperado de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003476122008000400004&lng=pt&nrm=iso.
- Vignoli, T. (2000) Homenagem a uma guerreira da luz. *Revista Kplus*. Recuperada em 28 outubro, <http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=34&rv=LiteraturaMando>
- Virgolim, A.M.R., Fleith, D.& Neves-Pereira, M. (2000). *Toc, toc...plim, plim!*. Campinas: Papirus.
- Virgolim, A.M.R. (Org.) (2007). *Talento criativo: expressão em múltiplos contextos*. Brasília: UNB.
- Von Oech (1994) *Um chute na rotina*. São Paulo: Cultura.
- Wechsler, S. M. & Nakano, T. C.(2003). Produção brasileira em criatividade: o estado da arte . *Escritos sobre Educação*. 2 (2), 43-50.
- Wechsler, S. M.(2008). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas: IDB

- Wechsler, S. M.(2009). Avaliação da Criatividade: Possibilidades e Desafios. Em Hutz, C.S. (org.) *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica*. (pp. 93-117) São Paulo: Casa do Psicólogo
- Winner, E. (1998) *Crianças Superdotadas – mitos e realidades*. Porto Alegre: Artmed.
- Yunes, M. A. M. (2006) Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. Em Em D.D. Dell Aglio, D. H. Koller, & , M.A.M. Yunes. *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção* (pp. 69-81), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zacharias, J. J. M. (1999) *QUATI- Questionário de avaliação tipológica* (versão II). São Paulo: Vetor.